TIBAGI
CAMPOS GERAIS DO PARANÁ

Fazenda Fortaleza

Dossiê de vocação territorial

Edição visual ampliada R04
A fortaleza que guarda · Novembro de 2026



Imagem do book de referência

Percurso de leitura

O estudo começa nas origens do lugar e desenvolve sua contribuição territorial.

01 **Terra e origens** 11

02 **Culturas e expressões** 24

03 **Arte e aprendizagem** 45

04 **Casa e patrimônio vivo** 56

05 **Paisagem e região** 69

06 **Território de projeto** 87

07 **Vocação territorial** 94

08 **A fortaleza que guarda** 117

09 **Programa e usos** 186

Referências, condições e decisões

A segunda parte relaciona a ambição do programa às condições necessárias para desenvolvê-lo.

10 **Arquitetura e implantação** 201

11 **Referências e aprendizagem** 207

12 **Economia e testes** 236

13 **Horizontes de desenvolvimento** 254

14 **Integridade e condições** 283

15 **Governança e próximos passos** 297

16 **Caderno técnico de consulta** 317

17 **Fontes e memória do estudo** 350

18 **Vocação e continuidade** 363

A R04 amplia o sentido do lugar

A base da R03 encontra oito vocações extrapoladas, com uma nova narrativa e condições de desenvolvimento.

Uma ideia central

A fortaleza que guarda e deixa a porta aberta. Uma terceira acepção proposta ao Comitê, sem alterar o nome.

Oito fichas completas

História, raiz, públicos, programa, receitas possíveis, riscos e primeiros passos, ligados aos usos já estudados.

Uma base que permanece

Os conteúdos da R03 são mantidos; a nova leitura não resolve por si só a viabilidade, a implantação ou as escutas.

R03; V pp. 1–14. Síntese editorial R04.

Ambição, evidência e decisão

A força da narrativa depende da precisão com que o estudo distingue seus estatutos.

Registros

O Book e os demais anexos conservam autoria, contexto e página. Memória oral, literatura e lenda não são a mesma evidência.

Hipóteses

As oito vocações, o núcleo e a distribuição funcional são propostas. Números de matriz expressam avaliação autoral.

Decisões

Nomear, priorizar, autorizar pilotos e aprovar comunicação continuam sendo responsabilidades do Comitê e dos sujeitos envolvidos.

V pp. 1, 3, 12–14; critérios da R03.

Um lugar em continuidade

A casa, a paisagem e os usos cotidianos oferecem a matéria do projeto territorial.

Uma hipótese de futuro

Ampliar a permanência de quem visita, de quem trabalha e de quem vive na região, com hospitalidade enraizada no lugar.

Síntese conceitual de B, I, N, A, D e Q.

A permanência como vocação

A Fazenda Fortaleza pode aproximar hospedagem, produção e aprendizagem, preservando os vínculos que a antecedem.

O que sustenta a proposta

A casa habitada, a mesa, a capela aberta, os caminhos e as relações de trabalho.

O que precisa funcionar

A reciprocidade com o território, a capacidade de suporte e a economia de cada uso.

Três escalas de projeto

A leitura reúne a casa, o imóvel e a rede regional. Cada escala tem condições e interlocutores próprios.

Casa

Patrimônio, acolhida, memória e rotinas.

Fazenda

Paisagem, água, produção, moradia e infraestrutura.

Território

Tibagi, caminhos, fornecedores, atrativos e instituições.

Diagrama conceitual, sem escala. Síntese conceitual de B, I, N, A, D e Q.

Origem e decisão de projeto

A leitura do lugar orienta a vocação. O programa se desenvolve junto com as evidências que permitem implantá-lo.

01

Origem

Reconhecer pessoas, paisagens, história e usos.

02

Vocação

Definir a contribuição possível da fazenda.

03

Programa

Articular usos, acessos e responsabilidades.

04

Prova

Testar demanda, suporte e operação.

Diagrama conceitual, sem escala. Síntese conceitual de B, I, N, A, D e Q.

O nome e a ideia de pouso

Fazenda Fortaleza nomeia o lugar. Fazendas Vivas identifica o produto. O pouso traduz uma possibilidade de relação com a região.

Sentido territorial

Receber e sustentar permanência, respeitando a continuidade da casa e dos usos anteriores ao empreendimento.

Ampliação proposta na R04

V acrescenta a fortaleza que guarda como terceiro sentido, mantendo o nome e o pouso. A adoção e a formulação dependem do Comitê.

R02 R01; N pp. 4–5; A pp. 2–5; D p. 9.; V p. 2.

01

Terra e origens

O território já reúne natureza, pessoas e caminhos antes do novo programa.



Seis movimentos, uma história viva

Natureza, caminhos, culturas, artes, acolhida e território formam camadas que continuam presentes na vida da Fazenda.

Leitura

O book acompanha relações que se cruzam: da paisagem à casa, do trabalho à mesa, da memória ao horizonte.



Capa e mosaico triangular. B p. 1.

Quatro tempos e um caminho

O chão, o muro, a mesa e o horizonte organizam a trajetória, atravessada pelo caminho e pela circulação.

Tempos

Antes das cercas; casa-forte de cerca de 1790; acolhida familiar no fim dos anos 1920; escolhas do presente.

Continuidade

O passado oferece perguntas para o programa futuro.



Portal com o nome Fortaleza. B p. 124.

O chão já era habitado

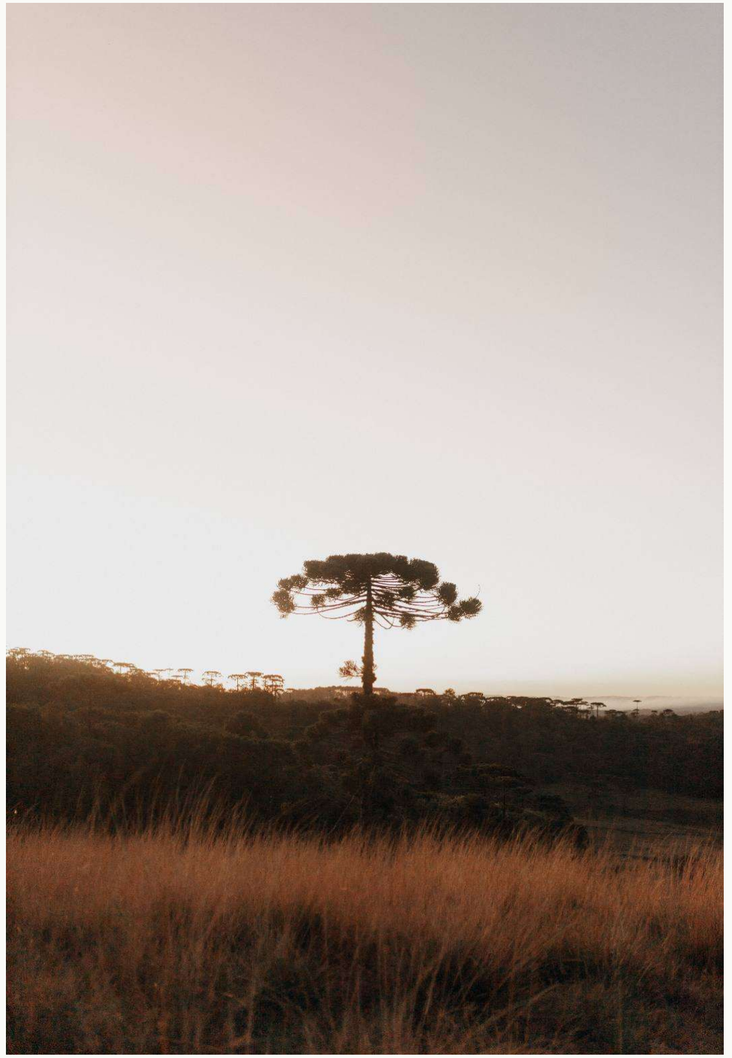
A história dos Campos Gerais começa antes das cercas, com povos, campos, araucárias e caminhos de água.

Paisagem habitada

Kaingang e Guarani integram a camada anterior à casa-forte.

Leitura territorial

Conhecer ambientes e relações culturais permite projetar a continuidade do lugar.



Araucária isolada em campo ao entardecer. B p. 8.

Presença, memória e autoria

Os povos originários entram na interpretação como sujeitos de história e conhecimento, com participação nas escolhas do presente.

Contexto

Contato colonial, reduções no Guairá e conflitos de ocupação pertencem a essa trajetória.

Participação

Pesquisa e escuta orientam uma interpretação compartilhada, com autoria reconhecida.



Retrato com pintura corporal. B p. 17.

B pp. 14–20; Q p. 6

Saberes feitos à mão

Cestaria, fibras, cerâmica e grafismos revelam relações entre matéria, uso cotidiano e organização simbólica dos povos apresentados no book.

Matérias

Taquara, caraguatá, cabaças e barro aproximam trabalho e ambiente.

Significados

O book relaciona desenhos kaingang às metades kamé e kairu; contexto e autoria acompanham sua interpretação.



Cestos e trançados coloridos. B p. 21.

O pinhão liga alimento e paisagem

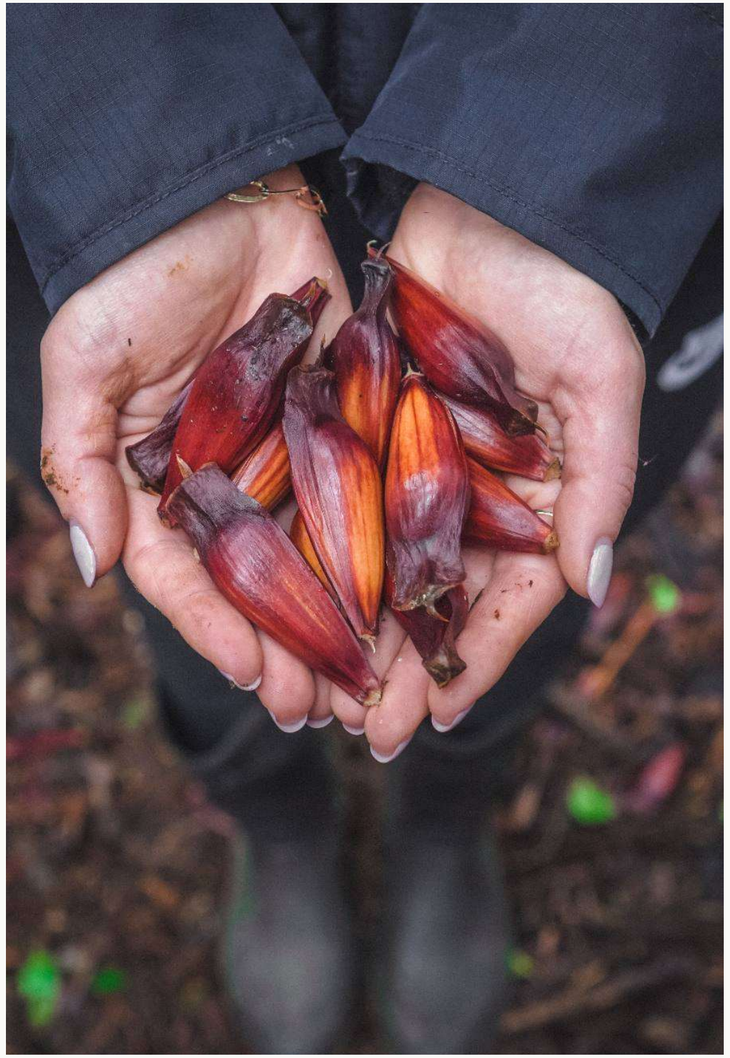
O pinhão reúne ciclo ecológico, alimentação e memória, criando uma entrada concreta para conhecer as relações dos Campos Gerais.

Experiência

Observar a araucária, acompanhar a estação e reconhecer modos de preparo conecta aprendizagem e hospitalidade.

Projeto

O calendário nasce do ambiente e de seus conhecedores.



Mãos segurando pinhões. B p. 12.

B pp. 8–13, 168–170

O caminho antecede o muro

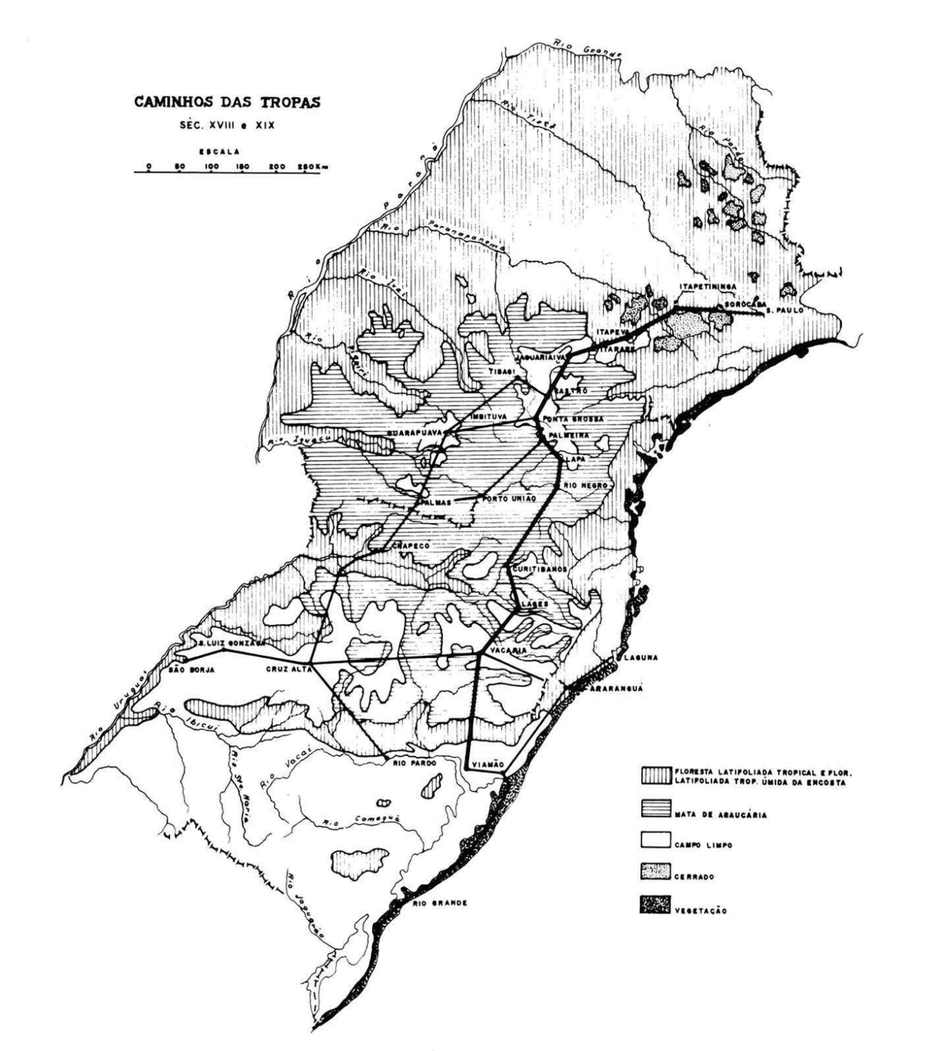
A circulação entre o extremo sul e Sorocaba situa a Fazenda em uma história de deslocamentos, pousos e trocas.

Escala histórica

Q menciona cerca de 4.000 km de rota e pousos aproximadamente a cada 45 km.

Tibagi

Criação, engorda, ouro e diamante atravessam essa leitura regional.



Mapa de caminhos e circulação histórica. B p. 25.

Pousar, trocar, seguir viagem

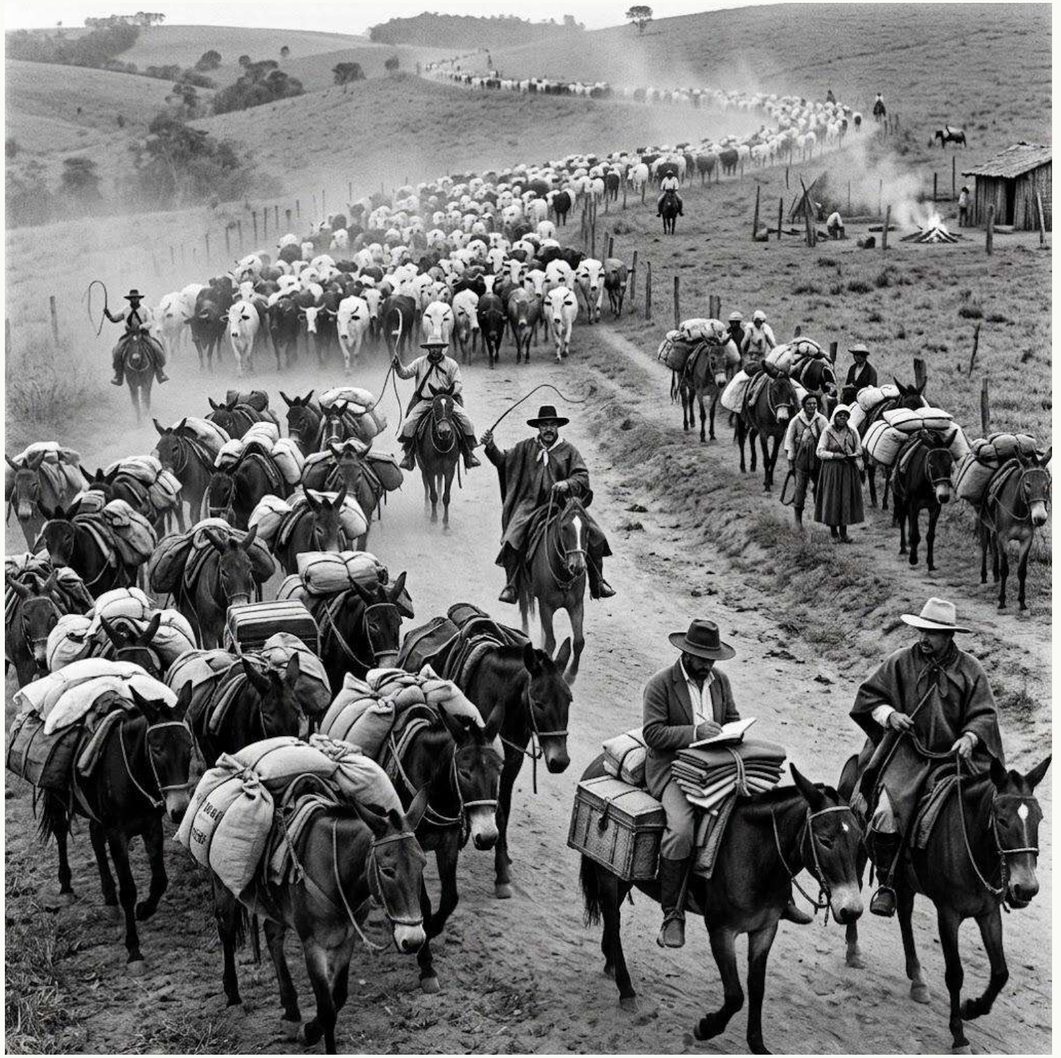
O pouso reunia descanso, alimento e circulação de notícias, conectando o cotidiano da propriedade a uma rede territorial mais ampla.

Trocas

Gado, sal, ferramentas, cartas, moedas e pessoas percorriam os caminhos.

Acolhida

Mate, fogo, comida, viola e fé oferecem repertório para uma hospitalidade situada.



Registro em preto e branco de tropa e condutores. B p. 28.

Uma história que inclui seus conflitos

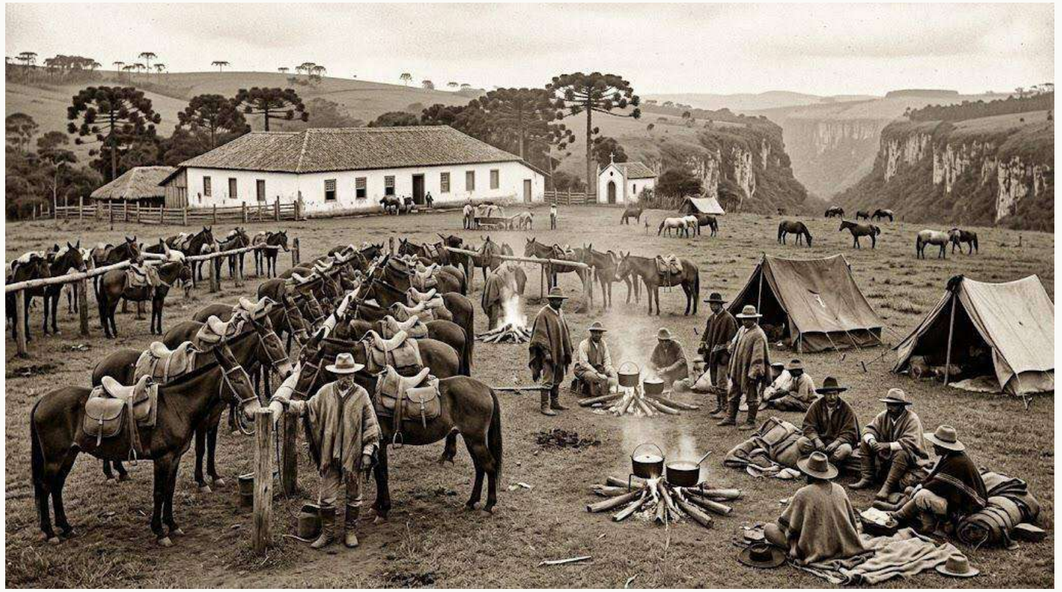
A casa-forte e os muros também remetem ao trabalho de pessoas escravizadas e indígenas e à violência da ocupação colonial.

Pesquisa

José Félix, Machadinho, Onistarda e a Chacina do Tibagi integram a pauta histórica.

Conservação

Reconhecer a matéria construída implica tornar legíveis seus diferentes agentes e contextos.



Representação de acampamento e circulação de tropas. B p. 29.

História, literatura e lenda

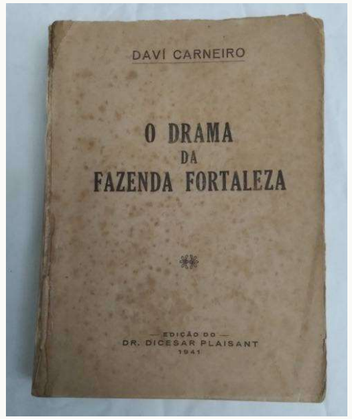
Documentos, relatos orais e literatura oferecem versões da Fazenda que ganham sentido quando conservam seus nomes e suas diferenças.

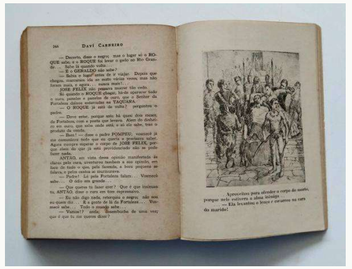
O livro

O Drama da Fazenda Fortaleza, de David Carneiro, foi publicado em Curitiba em 1941.

Curadoria

A obra participa do acervo; a pesquisa histórica examina as fontes dos episódios narrados.





O Drama da Fazenda Fortaleza, Curitiba, 1941; obra literária. B p. 145. David Carneiro (autor do livro)

B pp. 144–145; Q p. 6

Duas imagens de um mesmo chão

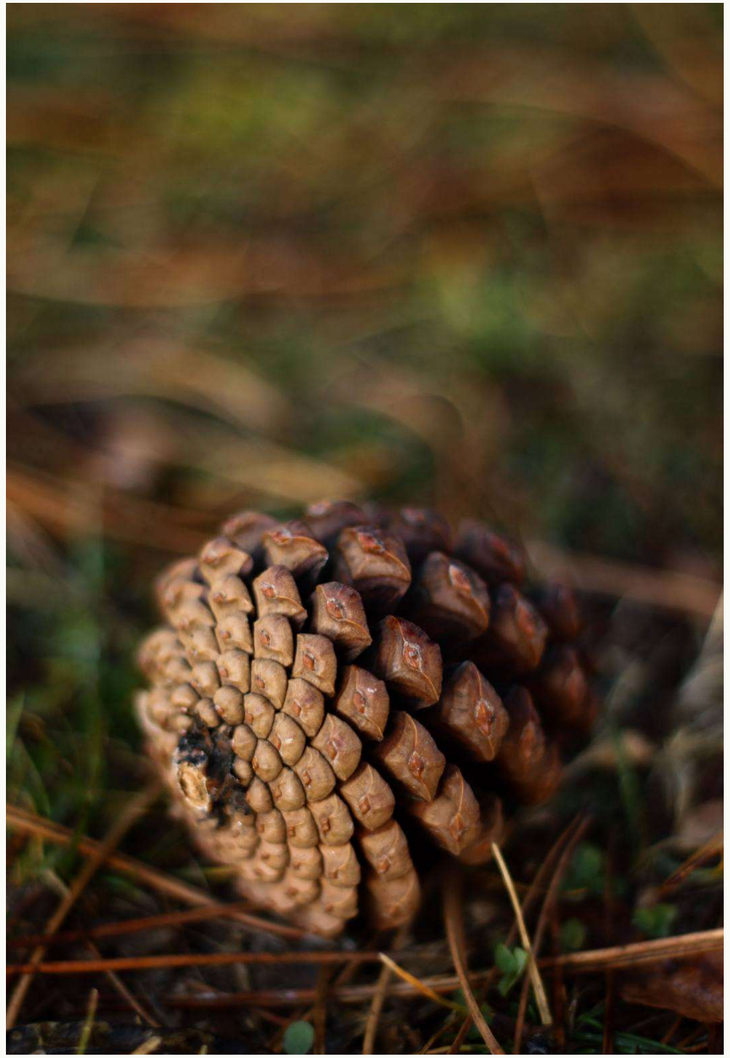
Q contrapõe a lenda do tesouro enterrado à dispersão do pinhão, aproximando memória da violência e possibilidade de continuidade.

Leitura narrativa

Um enterro se associa à morte; outro, à germinação.

Horizonte

A interpretação reconhece conflitos e abre espaço para uma vida territorial que continua.



Pinha no chão entre vegetação. B p. 11.

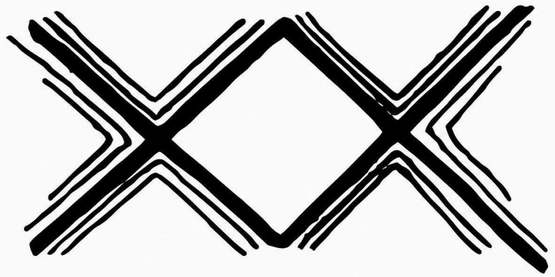
Q p. 6; B pp. 11–13

Autoria e repertório cultural

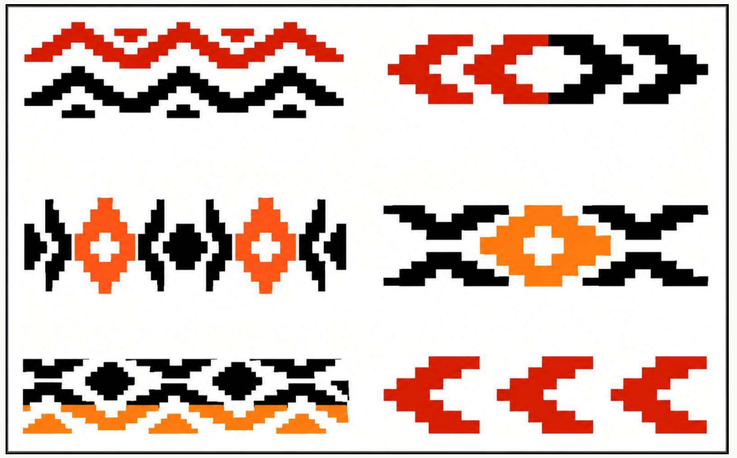
Os registros preservam seu contexto cultural. A participação dos sujeitos orienta qualquer aproximação futura ao projeto.



Pessoa com pintura corporal e adornos B p. 18.



Grafismo apresentado no capítulo dos povos originários B p. 19.



Repertório de padrões geométricos do book B p. 20.

Repertório visual de B. Aplicação ao planejamento apresentada como diretriz proposta.

02

Culturas e expressões

As matrizes culturais ganham sentido em práticas, ofícios e relações com seus sujeitos.



Um mosaico de relações

A diversidade do Paraná aparece em alimentos, fé, festas, ofícios e modos de habitar que continuam se transformando.

Repertório

Portugueses, povos africanos, espanhóis, italianos, holandeses, poloneses, ucranianos, japoneses, alemães, sírios e libaneses integram a leitura.

Aplicação

O vínculo com a Fazenda se constrói por pesquisa, pessoas e relações atuais.



Diagrama de fluxos migratórios para o Brasil. B p. 32.

Construir e celebrar: repertórios portugueses

Arquitetura, religiosidade, artesanato e mesa aproximam a formação colonial do Paraná de movimentos migratórios posteriores apresentados no book.

Matéria

Pedra, madeira, telhas, azulejos, rendas, bordados, cerâmica e cestaria.

Mesa e encontro

Pães, doces, vinhos e celebrações ajudam a reconhecer práticas e seus interlocutores.



Edificação apresentada no repertório português. B p. 35.

Matriz africana: saber, trabalho e resistência

Agricultura, cuidado, oralidade, religiosidade e conhecimentos sobre plantas e alimentos ampliam a leitura da presença africana no Paraná.

Vida cultural

Jongo, samba e capoeira se articulam a histórias de resistência e transformação.

Presença atual

Comunidades quilombolas, artistas e pesquisadores podem orientar uma leitura situada e plural.



Mulher em cultivo no repertório africano. B p. 46.

A comida guarda e transforma memória

Ingredientes, gestos e modos de servir tornam visíveis conhecimentos transmitidos por pessoas, famílias e comunidades ao longo do tempo.

Reconhecimento

A mesa permite contar trabalho, cuidado, troca e resistência.

Programa

Receitas e experiências aproximam produtores, cozinheiras e visitantes, com autoria, transmissão e remuneração reconhecidas.



Preparação alimentar apresentada no repertório africano. B p. 45.

B pp. 40–48; B p. 141

Caminhos espanhóis, festas e sabores

O book aproxima a presença espanhola no Guairá do século XVI de migrações posteriores e expressões culturais da vida regional.

Ofícios

Cerâmica, renda, madeira e ferro compõem o repertório material.

Mesa

Paella, tortilla e empanadas aparecem junto a festas, música e formas de convivência.



Prato apresentado no repertório espanhol. B p. 52.

Cozinhar também é uma forma de transmitir

No repertório italiano, trabalho familiar, cultivo, associativismo e cozinha aproximam o fazer cotidiano da construção de vínculos comunitários.

Saberes

Polenta, massas, colheitas e gestos de preparo atravessam a memória regional.

Experiência

Oficinas unem alimentação, formação e encontro, a partir de pessoas e práticas reconhecidas.



Mãos preparando massa com farinha e ovos. B p. 59.

Cooperação na paisagem dos Campos Gerais

Carambeí e Castrolanda aparecem no book como referências da presença holandesa, articulando produção leiteira, cooperação e memória das colônias.

Organização

A cultura se expressa em redes produtivas e instituições, além da aparência dos edifícios.

Território

Conhecer produtores e acervos permite transformar repertório em relações concretas.



Moinho no repertório holandês. B p. 65.

Queijos, ofícios e transmissão

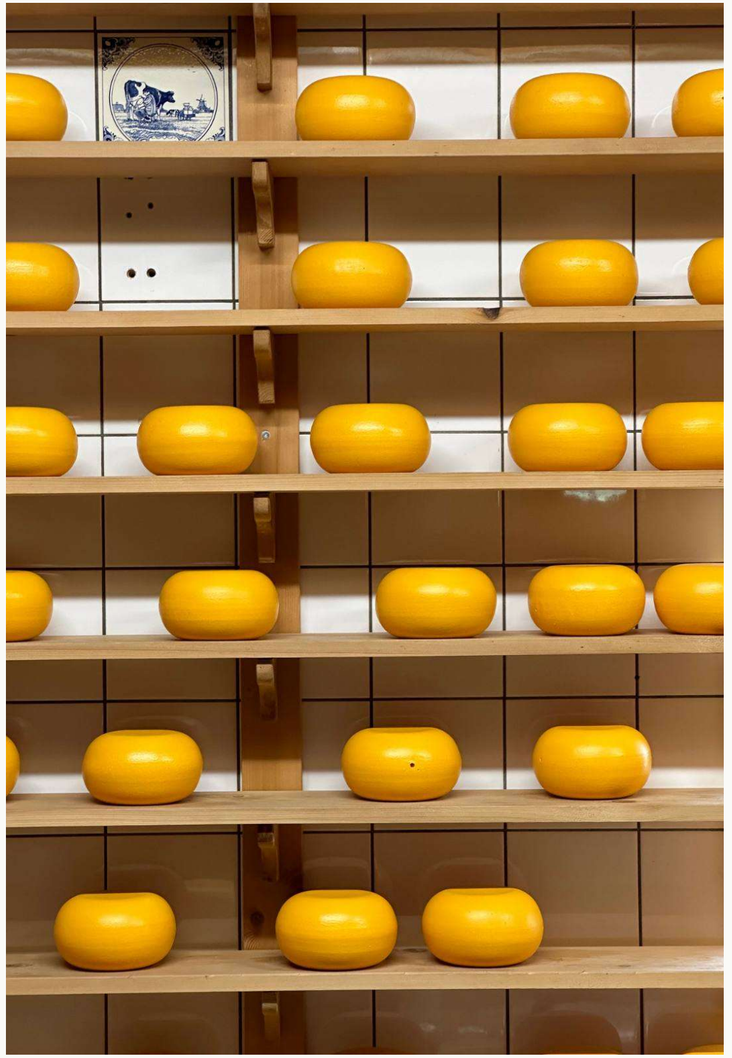
Leite, queijos, panificação e trabalho qualificado conectam cultura alimentar, cooperação produtiva e aprendizagem entre gerações nos repertórios do book.

Referências

Gouda, Edam, tortas e stroopwafels integram a leitura holandesa.

Aplicação

Visitas, oficinas e compras fortalecem fornecedores e conhecimentos locais, com acordos de qualidade e continuidade.



Queijos em prateleiras no repertório holandês. B p. 69.

Pequena propriedade, cozinha e auxílio mútuo

A leitura polonesa aproxima policultura, paróquias, escolas e associações, mostrando como trabalho e vida comunitária se organizam em conjunto.

Memória regional

O book situa a imigração polonesa desde a década de 1870.

Mosaico

Ucranianos, pirogue, borsch e acordeão aparecem no panorama; cada tradição pede contexto e interlocutores próprios.



Pessoa colhendo plantas no repertório polonês. B p. 72.

Sazonalidade e cuidado no repertório japonês

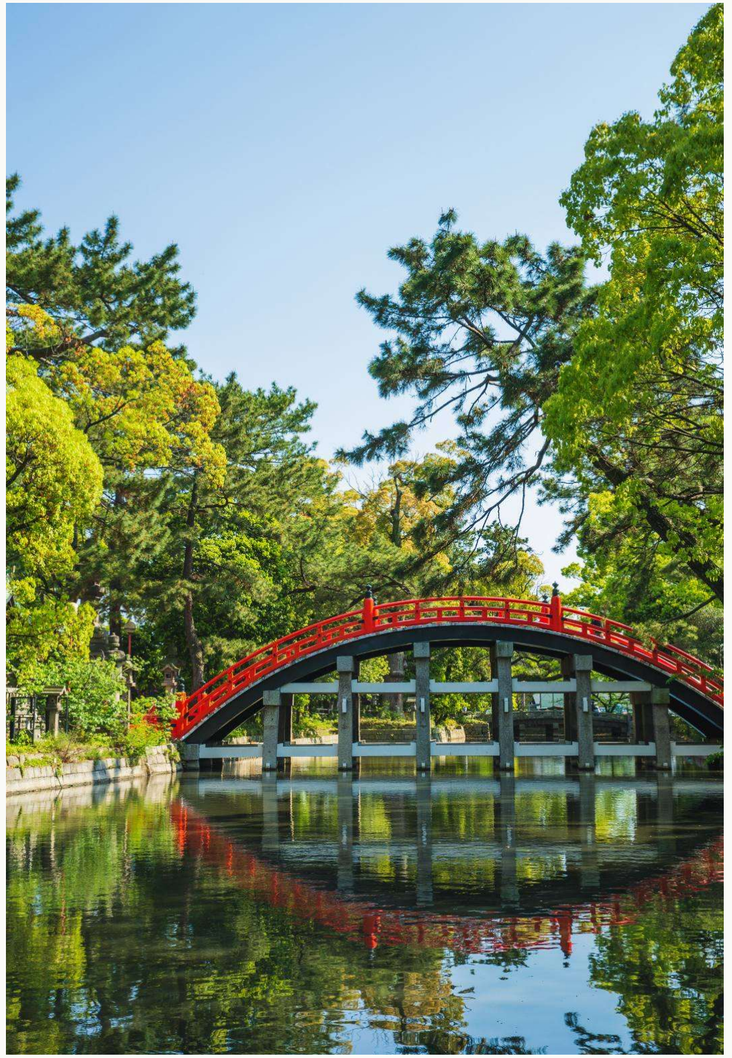
Horticultura, técnicas de cultivo, alimentos frescos e fermentados associam a presença japonesa a práticas de cuidado e observação das estações.

Paisagem

Sakura, bonsai, jardins e festividades ampliam o repertório sensorial.

Relação local

O projeto pode aprender com esses saberes e seus portadores, considerando ecologia, contexto e transmissão.



Ponte e jardim no repertório japonês. B p. 78.

Madeira, barro e trabalho qualificado

O capítulo alemão articula agricultura, carpintaria, marcenaria, olaria, construção e comércio, aproximando conhecimentos técnicos e vida cotidiana.

Matéria

Encaixes, fibras, tecidos e técnicas construtivas revelam o trabalho incorporado às coisas.

Mesa

Pães, cucas, embutidos, conservas e tradição cervejeira completam o repertório regional.



Mãos trabalhando uma peça de madeira. B p. 87.

O comércio conectava cidades e fazendas

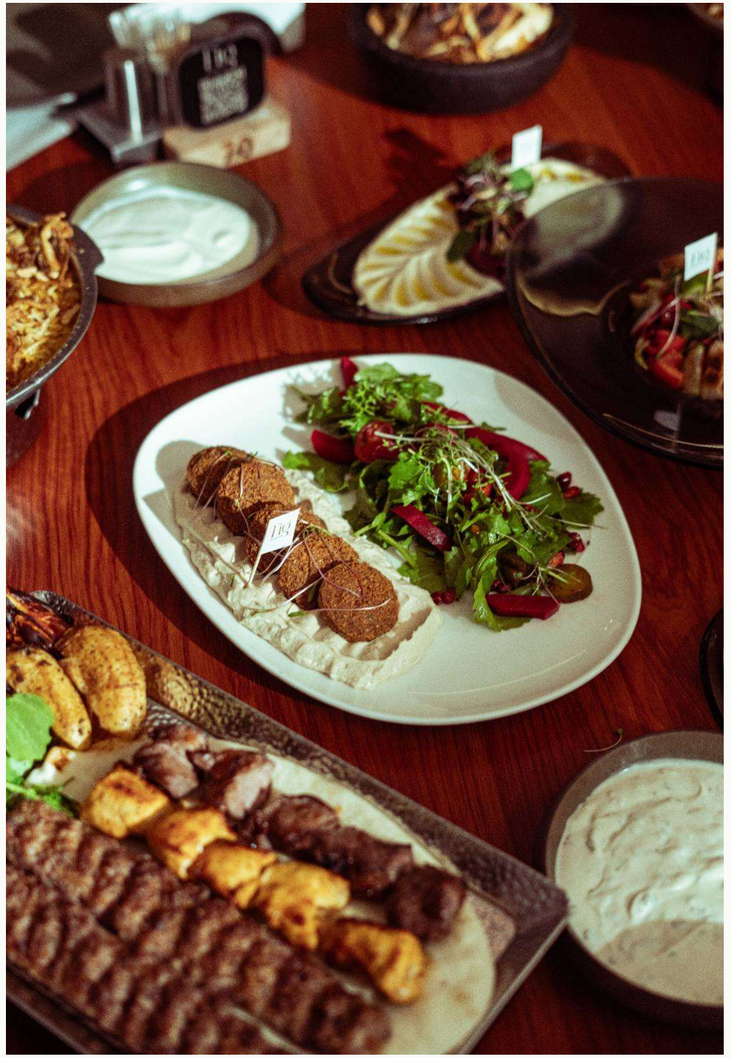
Sírios e libaneses aparecem pela circulação de mercadorias, pelas redes familiares e pela gastronomia, conectando cidades, colônias e propriedades rurais.

O mascate

Uma figura que aproxima deslocamento, confiança e troca.

Mesa

Quibe, esfiha, homus, tabule, coalhada e pães compõem o repertório apresentado no book.



Mesa no repertório sírio-libanês. B p. 93.

Do repertório às relações de hoje

A vocação cultural ganha consistência quando imagens e referências se transformam em vínculos com pessoas, conhecimentos e práticas presentes no território.

Começar por quem faz

Identificar produtores, mestres, coletivos, acervos e instituições.

Construir continuidade

Compras, formação, programação e autoria podem manter cultura e economia conectadas.



Objetos de cerâmica sobre madeira. B p. 22.

B pp. 30–95 e 119

Expressões culturais em seus contextos

Festas, música e arquitetura conservam vínculos próprios. A programação futura depende dos grupos participantes e de pactos de autoria e remuneração.



Pessoas dançando no repertório português B p. 37.



Celebração coletiva no repertório português B p. 39.



Roda de capoeira apresentada no book B p. 43.

Expressões culturais em seus contextos 2

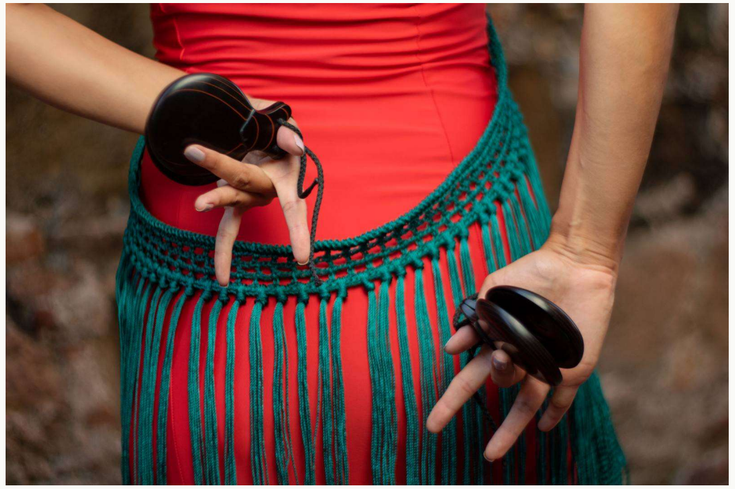
Festas, música e arquitetura conservam vínculos próprios. A programação futura depende dos grupos participantes e de pactos de autoria e remuneração.



Retrato no repertório das matrizes africanas B p. 48.



Celebração coletiva no repertório espanhol B p. 51.



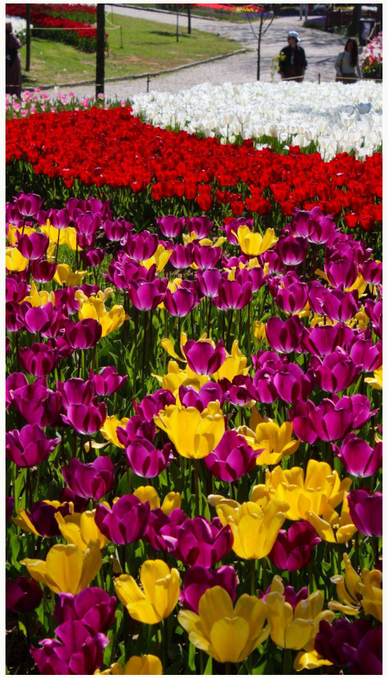
Mãos com castanholas no repertório espanhol B p. 55.

Expressões culturais em seus contextos 3

Festas, música e arquitetura conservam vínculos próprios. A programação futura depende dos grupos participantes e de pactos de autoria e remuneração.



Dança coletiva no repertório italiano B p. 62.



Flores no repertório holandês B p. 66.



Apresentação musical com tambores B p. 79.

Expressões culturais em seus contextos 4

Festas, música e arquitetura conservam vínculos próprios. A programação futura depende dos grupos participantes e de pactos de autoria e remuneração.



Bonsai diante de araucárias B p. 82.



Dança coletiva no repertório japonês B p. 83.



Edificação em enxaimel no repertório alemão B p. 86.

Receitas e modos de servir

O repertório alimentar orienta a escuta de cozinheiras e produtores. As receitas da Fazenda devem ser registradas com quem as faz.



Prato servido no repertório italiano B p. 60.



Prato apresentado no repertório polonês B p. 74.



Pão e preparações no repertório polonês B p. 75.

Receitas e modos de servir 2

O repertório alimentar orienta a escuta de cozinheiras e produtores. As receitas da Fazenda devem ser registradas com quem as faz.



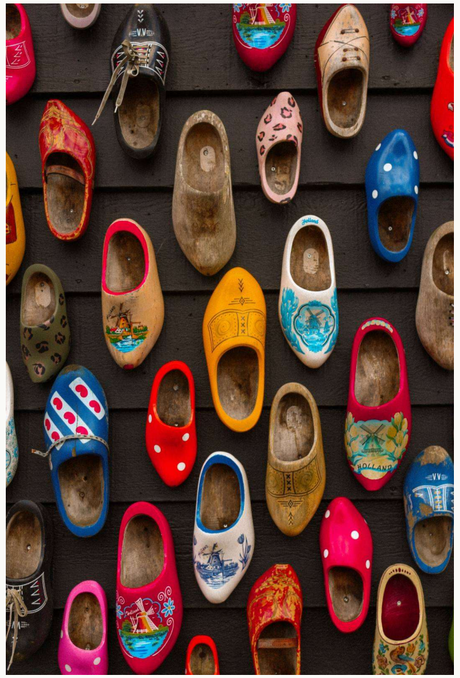
Mesa alimentar no repertório alemão B p. 88.



Prato e acompanhamentos no repertório sírio-libanês B p. 94.

Matéria e conhecimento de ofício

Ofícios pedem espaços de trabalho e relações de aprendizagem. O repertório inspira perguntas para a Academia e para a produção local.



Tamancos pintados no repertório holandês B p. 67.



Adornos suspensos no repertório japonês B p. 80.



Barris no repertório alemão B p. 90.

03

Arte e aprendizagem

A leitura artística aproxima paisagem, matéria e conhecimento compartilhado.



A paisagem também é um arquivo

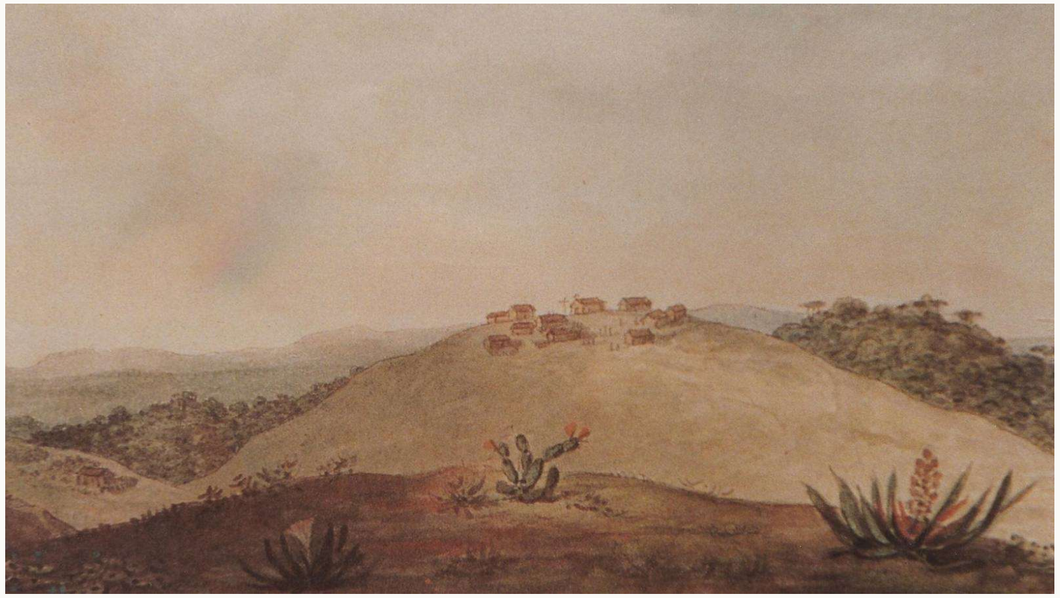
Imagens, relatos e obras artísticas registram diferentes modos de olhar o território e ajudam a compreender suas transformações ao longo do tempo.

Olhares

Debret, Rugendas e Saint-Hilaire integram o repertório histórico.

Uma referência

A aquarela de Ponta Grossa, de 1827, situa uma paisagem regional; sua leitura acompanha autoria e contexto.



Jean-Baptiste Debret, Vista do povoado de Ponta Grossa, aquarela, 1827. B p. 99.

B pp. 97–100

Pintar o Paraná em transformação

Alfredo Andersen aparece no book como referência para observar luz, paisagens e cenas urbanas em um Paraná em transformação.

Trajetória

O documento registra 1860–1935 e chegada ao Brasil em 1892.

Aprendizagem

Pinturas e estudos apoiam leitura da paisagem, formação e aproximação com acervos regionais.



Paisagem costeira no capítulo de Alfredo Andersen. B p. 103.

B pp. 101–104

Arte que participa da vida pública

Os painéis de Poty aproximam memória, cidade e circulação cotidiana, oferecendo referência para uma arte que participa da vida coletiva.

Linguagens

Gravura, ilustração literária, mural e azulejo ampliam o repertório.

Aplicação

Obras, percursos e espaços de encontro se relacionam com trabalho, paisagem e histórias compartilhadas.



Mural de azulejos no capítulo de Poty Lazzarotto. B p. 107.

Palavra breve, memória extensa

A poesia de Helena Kolody aproxima observação e concisão, sugerindo uma experiência que também se constrói com tempo, silêncio e atenção.

Referência

O book relaciona sua obra à forma breve e ao haicai.

Atmosfera

Leituras, pausas e pequenos encontros dialogam com a paisagem e com a vida da casa.

B p. 109; imagem B p. 123

A música também constrói pertencimento

Fandango, viola, rabeca, sapateado e música caipira fazem da escuta e do encontro dimensões importantes da leitura cultural do território.

Repertório

O book menciona também o quirquirixó.

Programação

A curadoria aproxima artistas e portadores de tradições, reconhecendo diferenças entre litoral, região e práticas de Tibagi.



Dança apresentada junto ao tema do fandango. B p. 111.

B pp. 110–112; abertura do book

Cerâmica em diálogo com a arquitetura

Juan Parada aparece como referência de uma pesquisa em que matéria, espaço e paisagem se aproximam por experimentação artística.

Percurso

O book registra pesquisa cerâmica desde 2003 e residência no EKWC, na Holanda.

Possibilidade

Instalações, oficinas e encomendas nascem das relações entre fazer, lugar e aprendizagem.



Obras em exposição no capítulo de Juan Parada. B p. 114.

B pp. 112–114

Reuso e invenção da matéria

Vivi Rosa aproxima corpo, escultura e transformação material, oferecendo referência para pensar o que pode ganhar nova vida pelo fazer artístico.

Pesquisa

Cimento, vidro reciclado, algodão, metal, madeira, argila e ferro integram o repertório citado.

Obras

Rebanho e Resonance aparecem no book, junto ao prêmio LOEWE de 2026.



Vivi Rosa, Resonance (2024). Cimento, pó de vidro reciclado, algodão desfiado e fio de metal. B p. 116. Vivi Rosa (obra); fotografia não identificada

B pp. 115–116

Um ateliê como lugar de formação

A pesquisa de Amanda Sanches aproxima arquitetura, escultura e modelagem em concreto, abrindo uma conversa sobre produção, trabalho e aprendizagem.

Fazer

O book relaciona a artista à Embap e ao ateliê de fundição do Memorial Paranista.

Programa

Residências e oficinas precisam de autoria, infraestrutura, conservação e condições de trabalho.



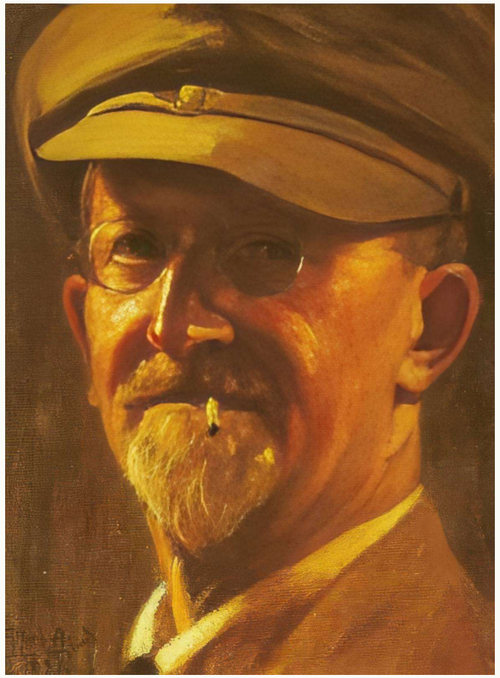
Pessoas em ateliê no capítulo de Amanda Sanches. B p. 118.

Luz e paisagem na produção artística

As obras reunidas no book ampliam a leitura da paisagem e da matéria. Sua presença inspira curadoria, sem presumir parceria ou encomenda.



Panorama de Curitiba — aquarela B p. 100. Jean-Baptiste Debret



Retrato de Alfredo Andersen apresentado no book B p. 102.



Paisagem urbana no capítulo de Alfredo Andersen B p. 104.

Luz e paisagem na produção artística 2

As obras reunidas no book ampliam a leitura da paisagem e da matéria. Sua presença inspira curadoria, sem presumir parceria ou encomenda.



Painel urbano no capítulo de Poty Lazzarotto B p. 106.



Painel ao ar livre no capítulo de Poty Lazzarotto B p. 108.

04

Casa e patrimônio vivo

A casa, a mesa e a capela mantêm vínculos que orientam as próximas escolhas.



Uma nova luz sobre a casa

No fim dos anos 1920, Argemiro e Nair marcam a passagem para uma casa associada à acolhida e à continuidade familiar.

Tempo vivido

O book fala em quatro gerações e cerca de um século de presença familiar.

Programa

A escala do encontro orienta novos usos e a familiaridade dos espaços.



Edificação, jardim e capela no movimento da casa. B p. 125.

B pp. 120–125; Q p. 6

Cinco famílias, cinco lugares de vida

Casa, roça e criação compunham o cotidiano de cinco famílias, ligando moradia, trabalho e abastecimento da sede segundo a memória registrada.

Produção

Milho, feijão, mandioca, arroz, porcos e galinhas.

Relações

O relato menciona divisão da produção no sistema de meia e posterior entrega de casas em Tibagi.



Araucária e edificação no movimento da casa. B p. 135.

B p. 132

Trabalho, moradia e pertencimento

A memória das famílias moradoras abre perguntas sobre como trabalho, casa e cuidado podem se articular no programa territorial.

Continuidade

Preservar condições para cozinhar, receber e viver em comunidade.

Presente

Direitos, responsabilidades e condições atuais precisam integrar o desenho das futuras relações e moradias.



Caminho e cercas no movimento da casa. B p. 129.

A mesa tem o nome de Eloína

Nomear Eloína reconhece o trabalho e o conhecimento de quem sustentou, por cerca de trinta anos, a cozinha lembrada pela família.

Memória oral

Pão, bolo de polvilho, queijo purunguinha e doces permanecem nas lembranças.

Reconhecimento

O acervo reúne nomes, gestos e relatos de quem preparou e compartilhou a mesa.



Mesa compartilhada apresentada no book. B p. 143.

Receitas que atravessam gerações

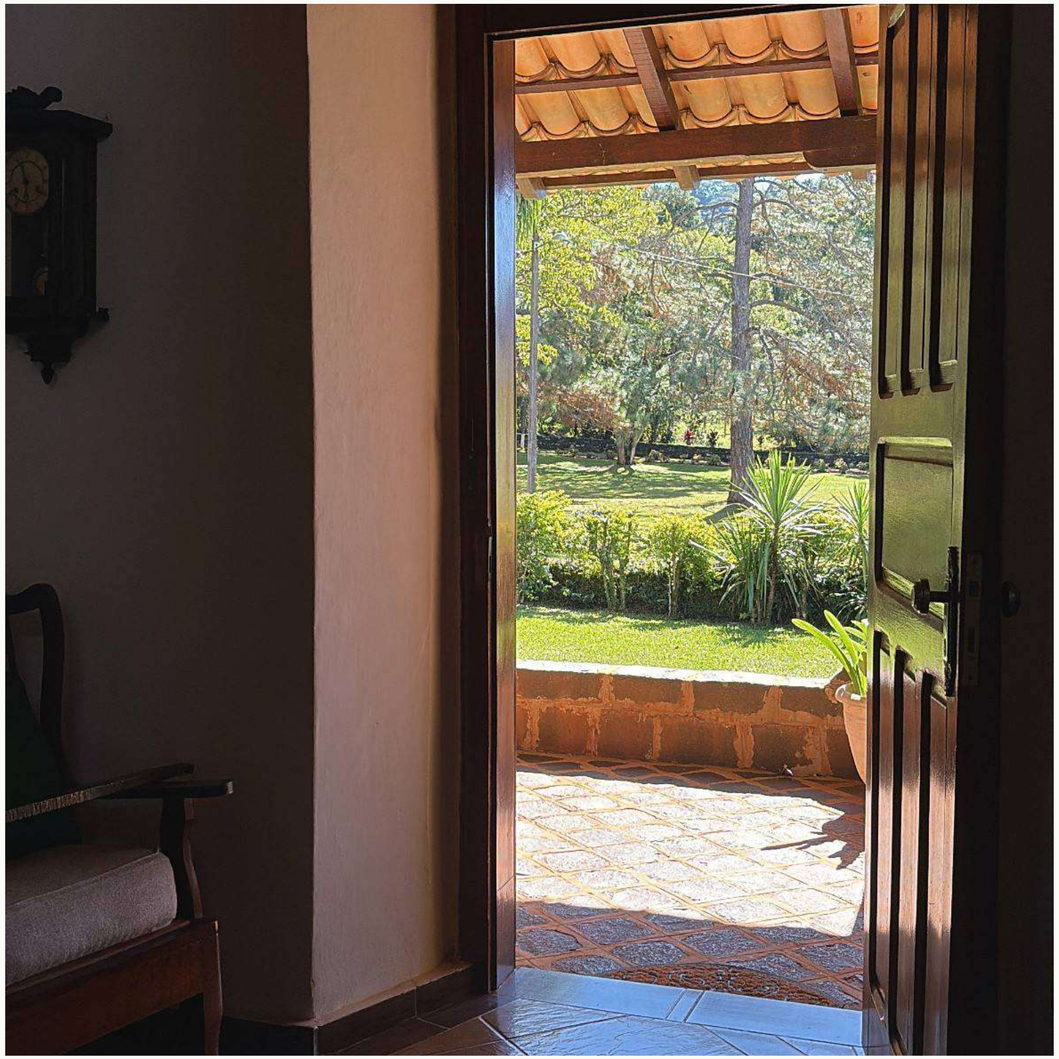
Sabores e encontros permanecem na memória familiar, criando vínculos entre a cozinha de outros tempos e as mesas que continuam acontecendo.

Mesa

Porco à pururuca, virado de feijão, quirera e churrasco.

Doces

Abóbora, pera, goiaba e figo aparecem junto aos pães, ao polvilho e ao queijo purunguinha.



Porta aberta e luz no movimento da casa. B p. 142.

Cozinhar, formar, receber

A cozinha conecta hospitalidade, aprendizagem e produção quando a experiência de comer junto reconhece também as condições de quem trabalha.

Operação

Compras, segurança dos alimentos, formação, remuneração e acesso sustentam o cotidiano.

Vínculos

Produtores e cozinheiras transmitem conhecimentos com autoria, consentimento e reconhecimento.



Pessoas e colheita no repertório italiano. B p. 58.

B pp. 58 e 141–143

A devoção é anterior à hospedagem

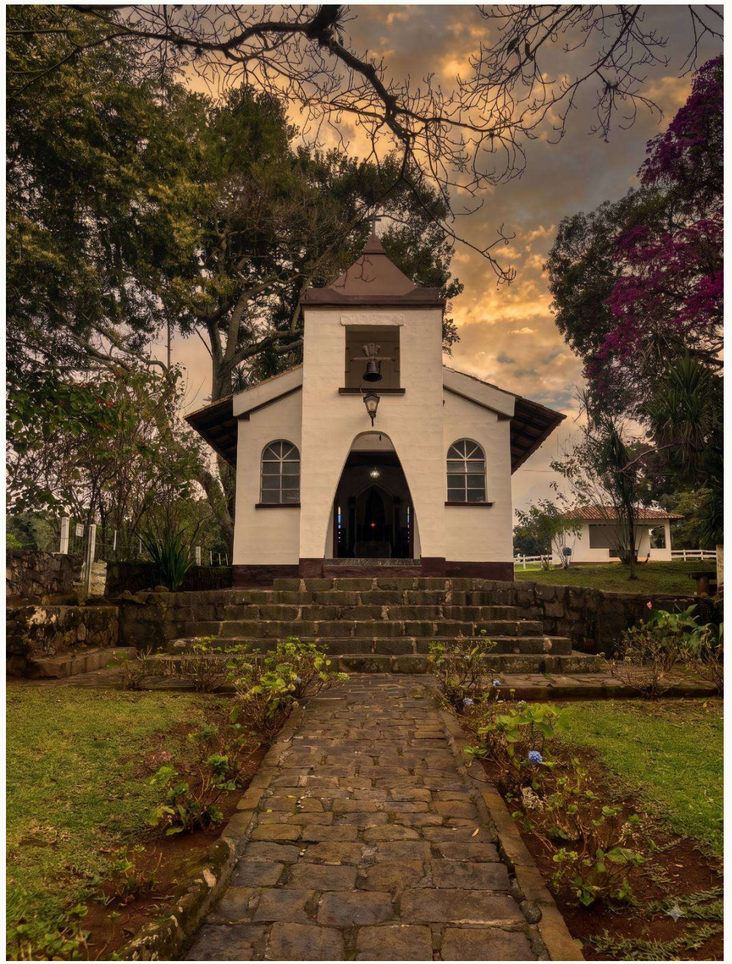
A capela reúne memória familiar e uma comunidade devocional que ultrapassa os limites da propriedade e antecede o programa turístico.

Duas construções

O book narra uma capela de madeira e a reconstrução em pedra após incêndio.

Continuidade

A devoção acompanha uma história diferente da materialidade do edifício atual.



Fachada da capela apresentada no book. B p. 137.

B pp. 136–140; N; Q pp. 5–6

A imagem e o fogo

A tradição oral associa o Bom Jesus da Cana Verde às tropas vindas de Minas e à continuidade da devoção após o incêndio.

Relato

O book descreve a sobrevivência da imagem ao fogo, com um braço deslocado.

Tempo

Q registra cerca de 1807 para a imagem; a pesquisa acompanha versões e objetos.



Imagem devocional e velas no interior da capela. B p. 140.

B p. 136; Q pp. 5–6

Uma porta aberta à comunidade

Romeiros, cavalgadas, cartas, objetos votivos e missa anual revelam um uso vivo que participa da história e do sentido da capela.

Vida devocional

O book narra a permanência da missa e o rarear da festa posterior.

Pacto

Acesso, responsabilidades e calendário se constroem com quem cuida e frequenta o lugar.



Paisagem vista pela porta da capela. B p. 138.

B pp. 136–140; N

Reunir nomes, objetos e relatos

Entrevistas, fotografias, receitas e documentos aproximam a memória familiar das histórias de moradores, trabalhadores e comunidades que atravessam a Fazenda.

Acervo vivo

Localizar pessoas, práticas e objetos no território.

Curadoria

Cada versão conserva sua fonte, seu contexto e a autorização de quem compartilha sua memória.



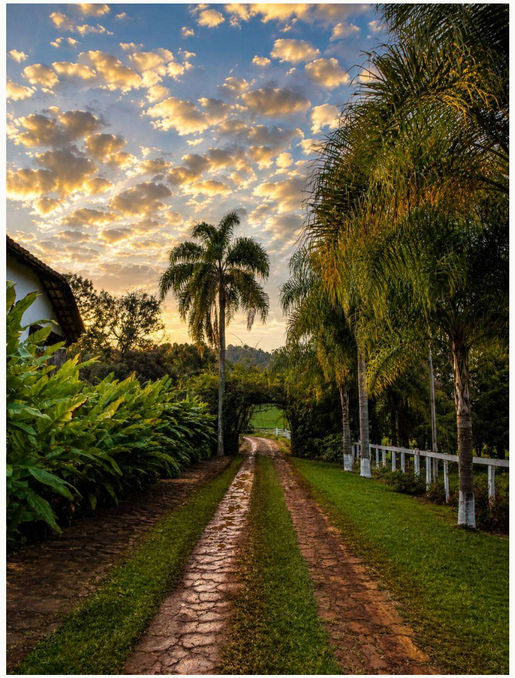


Edificação e ambiente expositivo apresentados no book. B p. 175.

B pp. 122, 132, 141, 144–145; imagem B p. 175

Limiares e rotinas da casa

Portas, varandas e caminhos revelam modos de receber. O projeto pode reconhecer esses gestos ao organizar acessos, pausas e encontros.



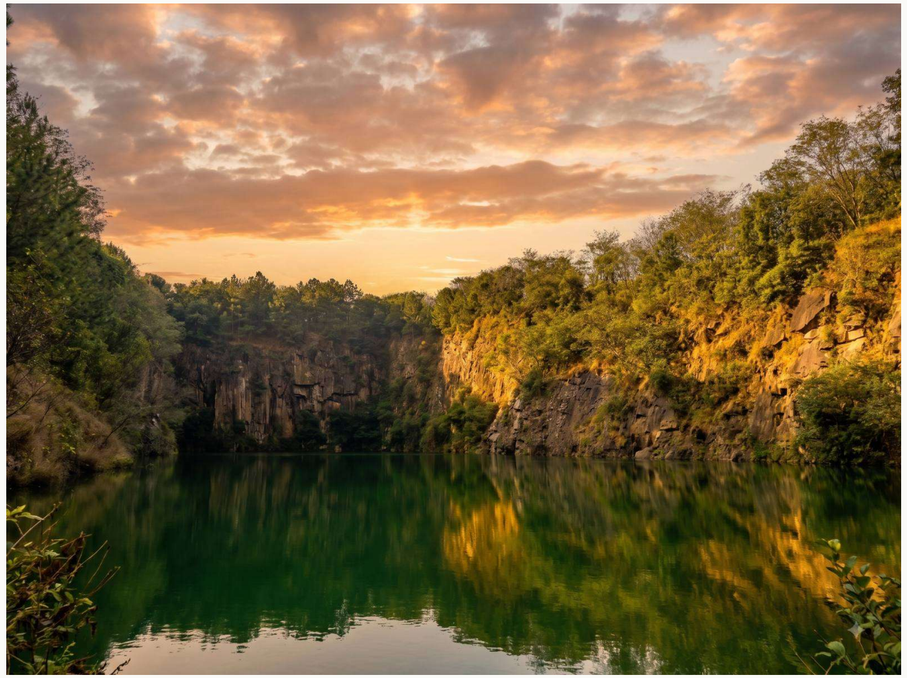
Caminho entre vegetação no movimento da casa B p. 126.



Paisagem com palmeira no movimento da casa B p. 130.

Limiares e rotinas da casa 2

Portas, varandas e caminhos revelam modos de receber. O projeto pode reconhecer esses gestos ao organizar acessos, pausas e encontros.



Espelho d'água entre paredes de rocha B p. 131.



Detalhe lateral da capela B p. 139.

05

Paisagem e região

Campos, águas e cidades compõem a escala regional da vocação.



A geografia precede a forma construída

Rochas, relevo, campos e vales oferecem uma estrutura para o projeto, enquanto a leitura do terreno define suas condições específicas.

Escalas

O book distingue litoral, Serra do Mar e os três planaltos.

Implantação

A referência regional orienta a observação; topografia e geologia local orientam cada intervenção.



Panorama de vale e escarpas apresentado no book. B p. 155.

B pp. 149–155

Rochas guardam tempos diferentes

Vila Velha, furnas e Lagoa Dourada apresentam relações distintas entre materiais e erosão, ampliando a compreensão das paisagens regionais.

Geologia

O book distingue arenitos do Grupo Itararé e furnas associadas à Formação Furnas.

Materialidade

Ocres, rosados, juntas e texturas inspiram observação e projeto.



Taça, Vila Velha, Ponta Grossa — referência externa. B p. 157. Nyck Maftum; CC BY-SA 4.0.

Guartelá: água, relevo e visitação

O cânion e o rio Iapó mostram como processos da água e do relevo podem orientar experiências de observação e permanência.

Percursos

Pausas, mirantes discretos e enquadramentos acompanham a paisagem.

Capacidade

A visitação se organiza conforme ambientes, regras e condições de acesso.



Guartelá, Tibagi — referência externa à Fazenda. B p. 151. Nyck Maftum; CC BY-SA 4.0.

B pp. 151 e 156

A água desenha o território

Nascentes, áreas úmidas, drenagens e caminhos da chuva orientam a implantação desde as primeiras decisões sobre usos e percursos.

Levantamento

Conhecer vegetação, dinâmica da água e capacidade de visitação.

Programa

Contemplação, interpretação, saneamento e manutenção participam da mesma leitura territorial.



Rio Tibagi próximo a Ponta Grossa — referência externa. B p. 159. RubensL; CC BY-SA 3.0.

B pp. 149 e 159–163

Campo nativo também é natureza

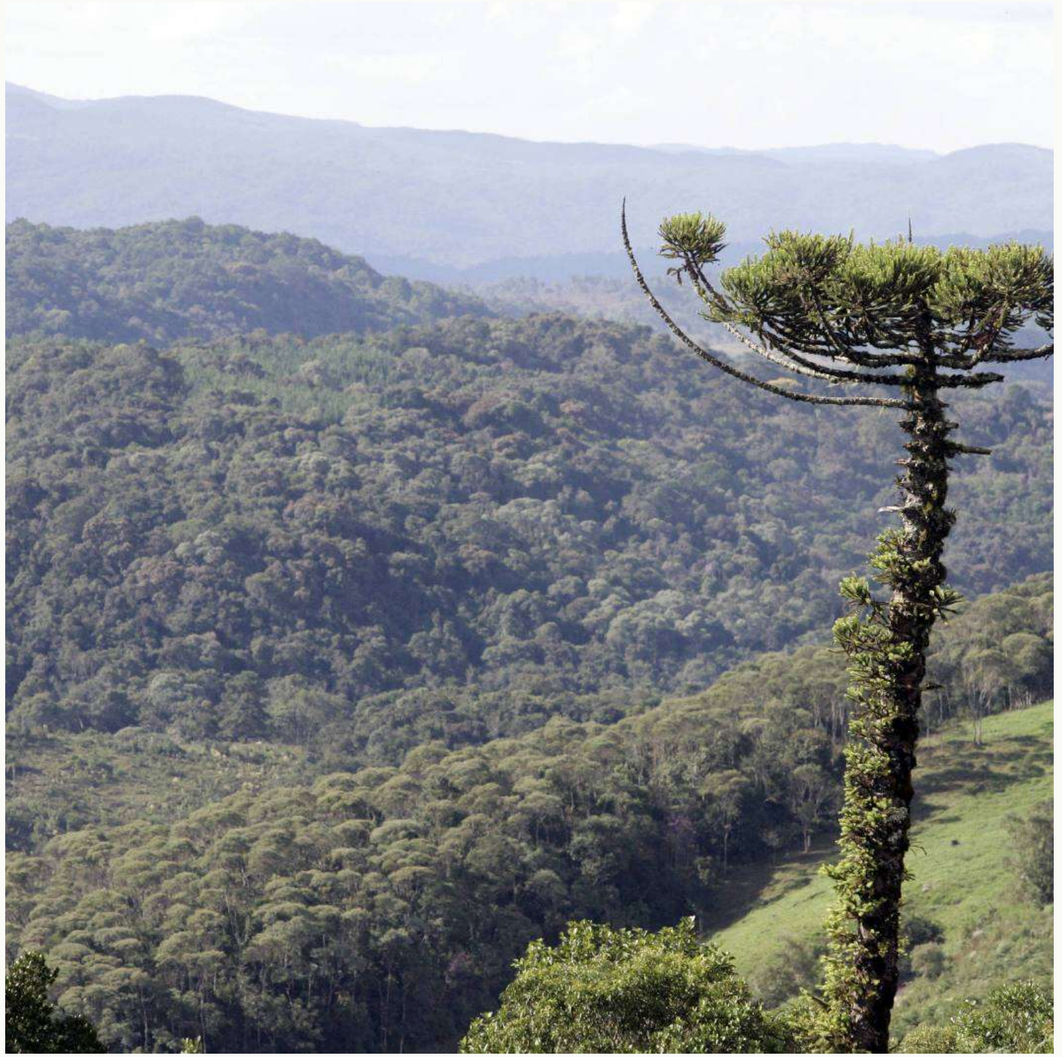
Campos, afloramentos, áreas úmidas e matas formam um mosaico de ambientes que exige objetivos diferentes de conservação e recomposição.

Reconhecer

Distinguir vegetação nativa, pastagens implantadas e espécies invasoras.

Restaurar

Cada trecho precisa de um ecossistema de referência para orientar o manejo.



Araucária diante de relevo florestal. B p. 9.

B pp. 168–170; Q p. 7

As estações desenham o campo

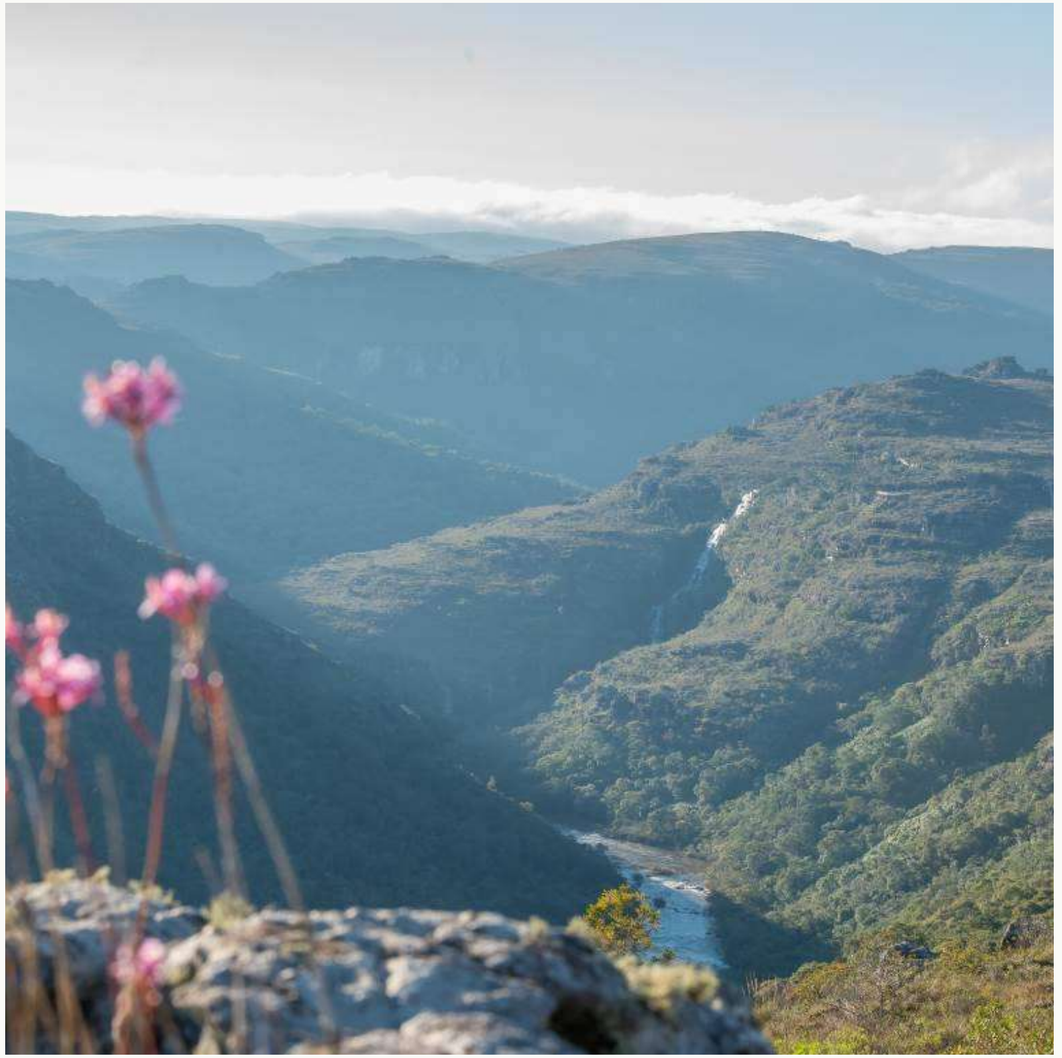
Gramíneas, ciperáceas e ervas perenes revelam floração, sementes e movimento, permitindo reconhecer o tempo por meio da própria paisagem.

Manejo

Cortes, caminhos e bordas favorecem observação e leitura dos ciclos.

Convivência

Áreas de conservação e de operação têm ritmos e necessidades diferentes.



Flores e vales apresentados no book. B p. 172.

B pp. 168–169; imagem B p. 172

Habitat para uma paisagem viva

Aves e outros seres dependem de vegetação, alimento sazonal e abrigo, conectando a experiência de natureza às condições reais de habitat.

Uma relação

A gralha-azul participa da dispersão de sementes da araucária.

Experiência

Observar e interpretar exige conhecer ocorrências, ciclos e capacidades de cada ambiente.



Gralha-azul com pinhão. B p. 13.

B pp. 13 e 170

Frio, calor, chuva e permanência

O clima participa da experiência de permanecer, orientando abrigo, conforto e alternativas de uso ao longo das estações.

Referência

Ponta Grossa, 880 m; série histórica de 1954–2001.

Síntese

O book informa média anual de 17,8 °C e 1.554 mm de chuva, como referência regional.



Campo sob céu de nuvens no movimento da casa. B p. 128.

B p. 164

Conforto nasce da implantação

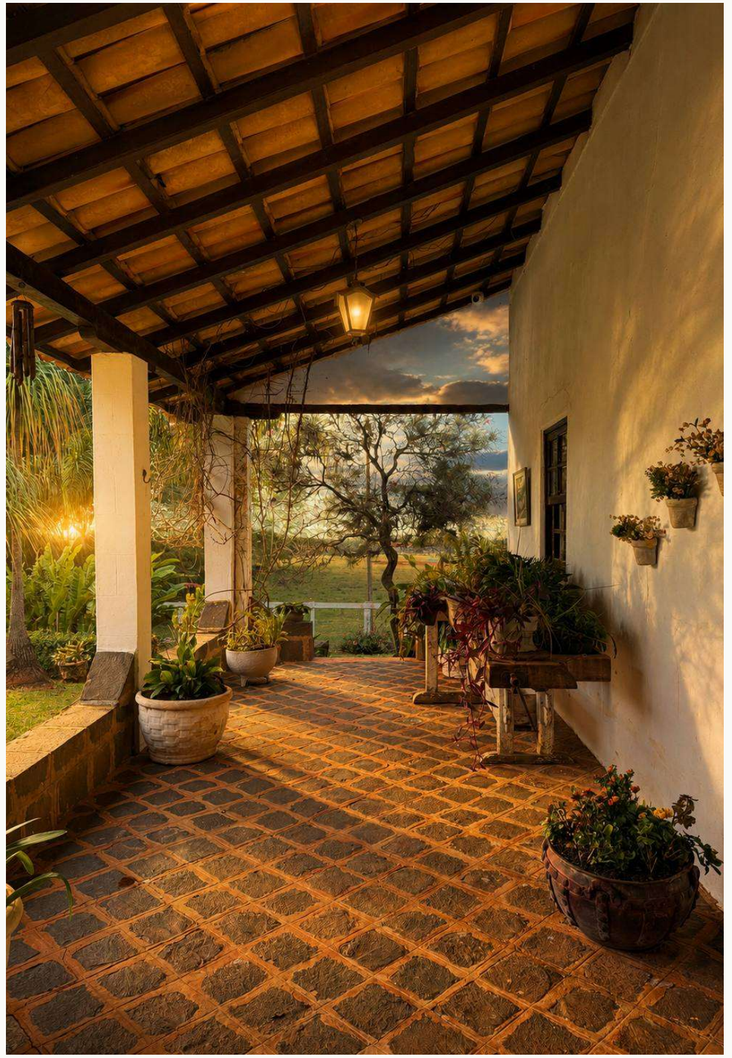
Edifícios, varandas e caminhos podem oferecer diferentes condições de abrigo, articulando orientação, vento, insolação e uso cotidiano.

Frio e chuva

Isolamento, controle de infiltrações, coberturas, drenagem e lugares para secar roupas.

Calor

Sombra, ventilação operável, telas e alternativas de permanência ao ar livre.



Varanda com madeira e piso cerâmico. B p. 133.

B pp. 164–165

As cores que o território sugere

A paleta do book aproxima atmosfera, vegetação, luz e matéria, oferecendo uma linguagem editorial ligada à observação da paisagem.

Paleta

Céu #4F7187 · Musgo #647260 · Areia #E5E0D5.

Matéria e profundidade

Pedra #9D9890 · Terracota #9A4A2E · Escuro #1F1E1B.



Céu, Musgo, Areia, Pedra, Terracota e Escuro. B p. 166. Manual Nidum, conforme o book

B p. 166

A matéria guarda marcas do tempo

Madeira, cerâmica, argamassa e marcenaria valorizam encaixes, manutenção e pátina, aproximando construção e conhecimento do lugar.

Proveniência

Origem comprovada e reúso orientam escolhas de madeira e peças.

Desempenho

Solo local pede caracterização e proteção contra umidade; cor e aparência não definem suas propriedades.



Pátio e telhado no movimento da casa. B p. 134.

B pp. 158 e 167

Uma base para conhecer a região

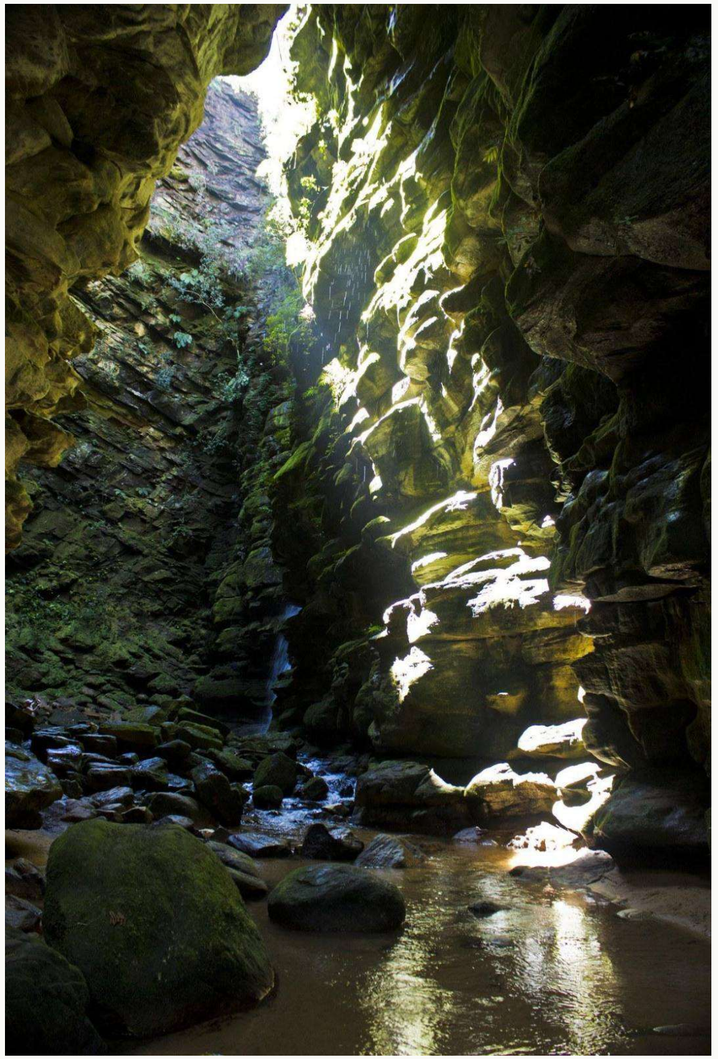
A hospitalidade aproxima visitantes dos Campos Gerais por meio de parceiros, percursos e experiências compatíveis com cada ambiente.

Repertório

Guartelá; Santa Rosa e Puxa Nervos; Vila Velha; Buraco do Padre; São Jorge e Mariquinha.

Permanência

Acessos, tempos reais e operadores orientam a oferta a partir da Fazenda.



Buraco do Padre, Ponta Grossa — referência externa. B p. 161. Carolina Zabini; CC BY-SA 3.0.

B pp. 156–163

Paisagem vivida, experiência bem cuidada

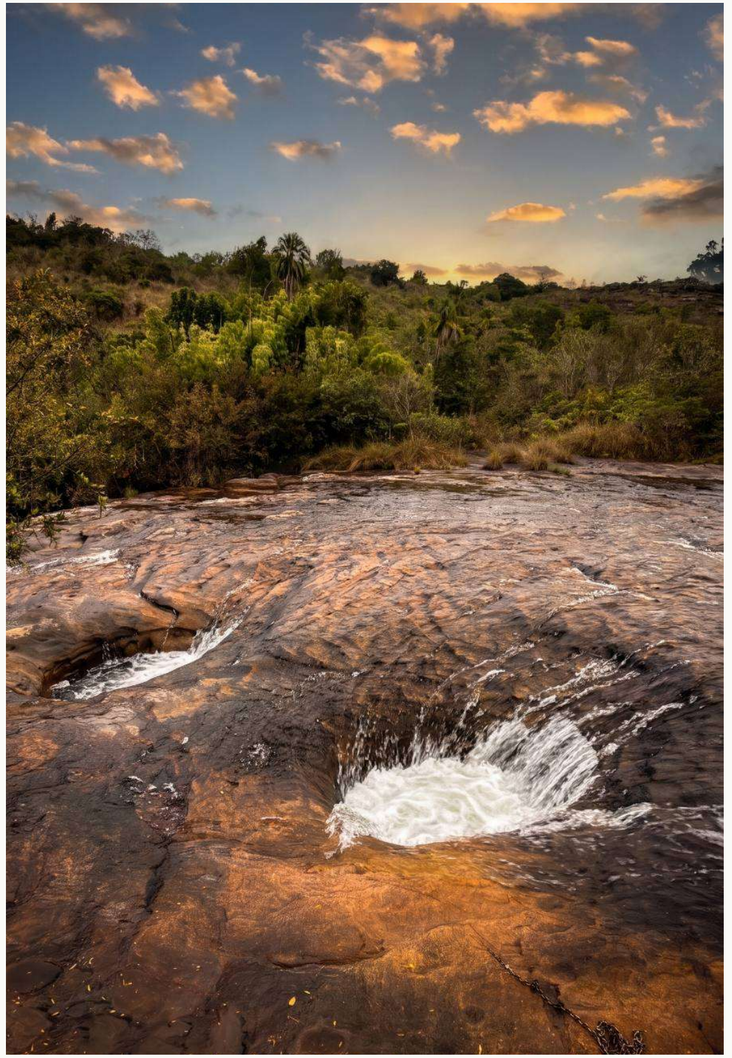
Conhecimento, conservação e participação local orientam experiências de natureza com ritmos diferentes, do encontro contemplativo ao desafio acompanhado.

Ecoturismo

Interpretação, botânica, aves e geologia aproximam visitante e território.

Operação

Guias, grupos adequados, acessibilidade, equipamentos, meteorologia e protocolos sustentam experiências e alternativas de permanência.



Corredeira em paisagem apresentada no book. B p. 153.

B pp. 162–163

Localização e leitura territorial

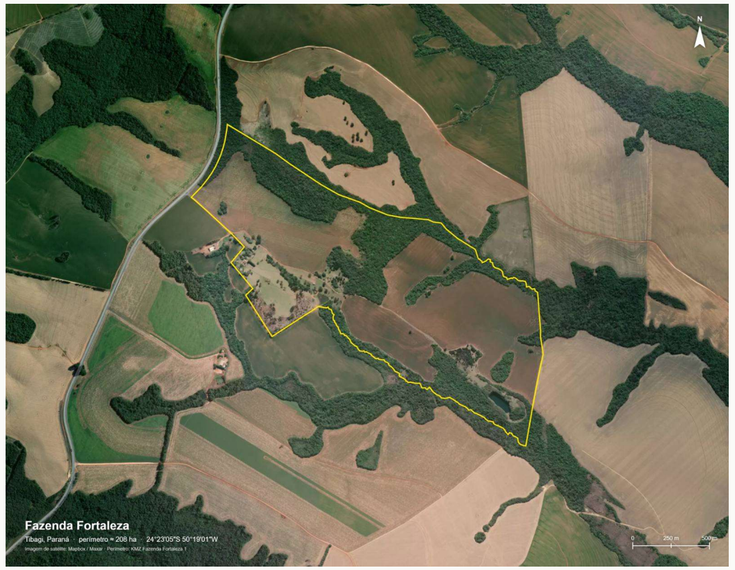
As imagens de localização do book situam a leitura regional. A conciliação cadastral define o perímetro do projeto.



Cartografia de localização ou vista aérea apresentada no book; referência sem georreferenciamento validado B p. 6.



Cartografia de localização ou vista aérea apresentada no book; referência sem georreferenciamento validado B p. 6.



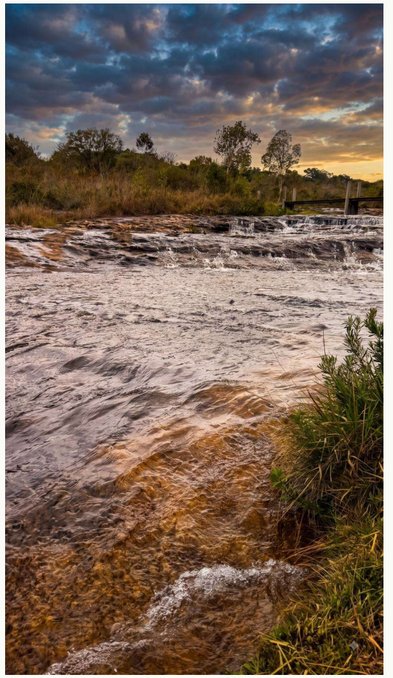
Cartografia de localização ou vista aérea apresentada no book; referência sem georreferenciamento validado B p. 6.

Água e relevo no repertório regional

O repertório amplia a leitura dos Campos Gerais. A identificação de ambientes dentro da propriedade depende de levantamentos próprios.



Araucárias e copa amarela B p. 10.

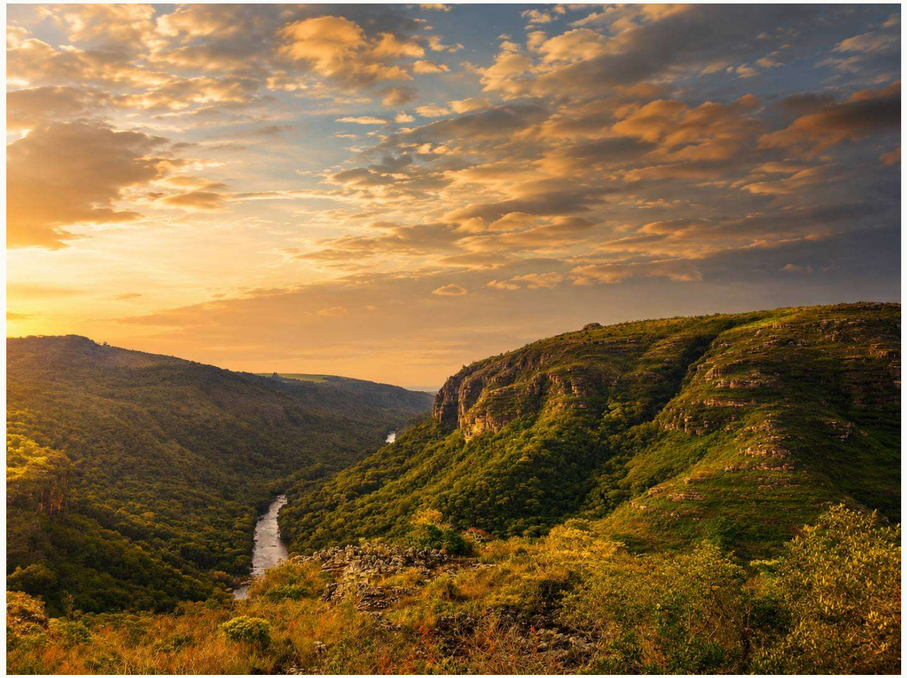


Água e rochas apresentadas no movimento do território B p. 152.

Repertório visual de B. Aplicação ao planejamento apresentada como diretriz proposta.

Água e relevo no repertório regional 2

O repertório amplia a leitura dos Campos Gerais. A identificação de ambientes dentro da propriedade depende de levantamentos próprios.



Vale e rio apresentados no movimento do território B p. 154.



Gralha-azul em viveiro B p. 170. Henri Bergius

Água e relevo no repertório regional 3

O repertório amplia a leitura dos Campos Gerais. A identificação de ambientes dentro da propriedade depende de levantamentos próprios.



Escarpas e neblina apresentadas no book B p. 171.



Queda d'água e afloramentos apresentados no book B p. 173.



Vista aérea urbana apresentada no book B p. 174.

06

Território de projeto

O objeto, seus ambientes e os recortes propostos precisam se encontrar na mesma base.



O objeto territorial precisa ser conciliado

As áreas publicadas descrevem recortes diferentes; nenhuma deve ser escolhida por conveniência para dimensionar ou apresentar o empreendimento.

Projeto

N adota 166 ha.

Cadastro e Book

I registra 207,2667 ha; Book, cerca de 208 ha.

Escalas

Separar imóvel, empreendimento e propriedade agrícola ampliada.

Diagrama conceitual, sem escala. I pp. 2–3, 5; N p. 2; Q p. 5; N p. 2; I pp. 2–3, 7–8; D p. 18; Q pp. 5, 22, 30

Campo e mata pedem manejos distintos

A referência regional orienta perguntas, mas a escolha de técnicas depende de inventário e leitura ecológica dentro do perímetro.

Mosaico

Distinguir campo nativo, capões, faixas ciliares e agrofloresta.

Regeneração

Não arborizar ambientes campestres indiscriminadamente.

Evidência

Inventariar habitats e invasoras antes de definir intervenção e indicadores.

I p. 5; N pp. 13, 20–21, 24; Q pp. 5, 26–27

Água e PCH exigem base local

O dossiê amplia referências regionais, mas não acrescenta laudo hidrológico, geológico ou topográfico suficiente para dimensionar os usos.

Água

Caracterizar nascentes, drenagens, banhados e condições de uso.

PCH Fortaleza

Verificar documentos, lindeiros e Tabela 02 do EIA, p.19.

Limite

Não inferir inundação, segurança hídrica ou ausência de interferência.

I p. 5; N pp. 13, 20–21, 24; Q pp. 5, 26–27

Seis glebas são hipóteses de organização

As glebas somam aproximadamente 114 hectares de referência; a topografia deve fixar limites e relações antes da implantação.

G1 e G2

Sede; regeneração, cultivo e experiências.

G3, G4 e G5

Reserva hoteleira; núcleos de Casas Vivas.

G6

Experiências junto ao lago da pedreira; dimensões ainda indicativas.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 15–16; Q p. 5

Gleba 3 reserva espaço para crescer

A reserva de expansão não representa autorização de construir nem cronograma; seu uso depende da operação e do suporte territorial.

15 ha indicativos

Setor sul indicado para hotel e experiências associadas.

Critério

Ampliar estruturas já funcionais, com recursos demonstrados.

Antes do desenho

Rever água, acessos, ecologia, equipe e viabilidade.

N pp. 15–16; Q p. 5; N pp. 16–18; Q pp. 22, 25–26

Gleba 6 e áreas fora das glebas

A organização programática deixa componentes importantes fora dos seis recortes, exigindo continuidade ecológica e acessos verificados.

G6

Cerca de 7 ha de experiências junto ao lago da pedreira.

Fora das glebas

Matas e pedreira; preservar acesso ao memorial, se pactuado.

Fora de G1

Local do Esmeralda permanece a definir.

07

Vocação territorial

A contribuição da fazenda se desenvolve nas relações entre permanência, produção e cuidado.



Quatro verbos orientam a vocação

O conceito organiza relações entre vida existente, acolhimento e território; cada uso precisa contribuir para esse conjunto.

01

Abrir

Receber com porosidade e preservar os acessos existentes.

02

Pousar

Criar condições reais de permanência e acolhimento.

03

Conectar

Relacionar pessoas, produção, paisagem e práticas locais.

04

Florescer

Resultado desejado da troca, com continuidade e regeneração.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 4–5; Q p. 7

Duas perguntas para cada decisão

A avaliação começa pela prática que sustenta o uso e depois examina seus efeitos sobre acesso e participação.

01

1 · Tem vida própria?

Identificar pessoas, ofícios, ciclos e necessidade real.

02

2 · Abre ou fecha?

Verificar circulação, participação e vínculo territorial.

03

Registrar

Explicar como a decisão responde às duas perguntas.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 4–5; Q p. 7

Piso funcional e teto territorial delimitam o porte

O tamanho de nascer deve caber entre funcionamento real e capacidade de suporte; nenhum dos dois está quantificado definitivamente.

Piso

Menor porte em que cada órgão funciona.

Teto

Capacidade de água, ecossistemas, acessos e operação.

Cinco condições

Fio registrado; regeneração; alimento próprio; abertura; trabalho local formado e vinculado.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 16–18; Q pp. 22, 25–26

O pouso transforma passagem em permanência

A Fazenda Fortaleza pode articular estadia, mesa, conhecimento e circulação regional a partir dos usos que já sustentam sua identidade.

Receber

Criar motivos para permanecer e conhecer os Campos Gerais, com hospitalidade ligada à vida da fazenda.

Conectar

Distribuir experiências e compras entre produtores, guias, comunidades e outros lugares da região.

Demonstrar

A tese orienta os pilotos; demanda, capacidade e resultado econômico ainda precisam ser comprovados.

Q pp. 3, 5–7; A pp. 2–5; D p. 9

Três permanências sustentam a vocação

A vocação territorial se realiza quando a estadia do visitante fortalece a vida cotidiana e o cuidado duradouro da terra.

Visitante

Duas a três noites constituem hipótese de oferta, combinando descanso, mesa e experiência regional.

Morador

Formação, trabalho e moradia vinculada podem sustentar presença cotidiana, com responsabilidades e operação próprias.

Terra

Campo, mata e água precisam de linha de base, manejo e continuidade entre gerações.

Vizinhança e Paraná pedem relações diferentes

A abertura cotidiana atende vínculos existentes; a hospedagem deve conquistar o público regional com uma oferta que justifique a viagem.

Vizinhança e romaria

Capela, praça, almoço e encontros mantêm relação própria com Tibagi e municípios próximos. O acesso religioso permanece gratuito e independente.

Paraná de carro

Famílias, casais e amigos de Curitiba, Ponta Grossa e Londrina são hipótese central. Testar preço, duração e retorno antes do porte.

A pp. 6–8, 14; Q pp. 22, 30

Interesses específicos podem ampliar a permanência

Formação, pesquisa, arte, comida e caminhos oferecem razões de viagem distintas, inclusive para dias úteis e visitantes de maior distância.

Públicos de assunto

Construir pequenas edições com organizadores interessados. Regularidade e disposição a pagar precisam aparecer em compromissos e resultados observados.

Visitante de longe

Inserir a fazenda em circuitos Curitiba–Campos Gerais–Foz depende de operadores, logística e procura. É hipótese complementar, sem conversão demonstrada.

A pp. 6–8, 14; Q pp. 22, 30

O território próximo amplia a estadia

A fazenda funciona como base de relações. As distâncias rodoviárias citadas orientam planejamento, mas exigem confirmação de percurso e operação.

Ligação	Referência citada	Papel possível
Tibagi	27–28 km	Museu, mesa e vida urbana.
Saltos Santa Rosa e Puxa Nervos	38 km	Água e percursos com suporte.
Guartelá	47–48 km por estrada	Visita conforme regras do parque.
Castrolanda	91 km	Produção e memória da imigração.

Q p. 5; A pp. 6, 9–10; D pp. 11–12

As conexões distantes precisam de motivo

A acessibilidade aproxima mercados e circuitos, mas a distância só se converte em procura quando a experiência justifica deslocamento e pernoite.

Origem ou conexão	Distância citada	Hipótese a testar
Ponta Grossa	116 km	Fim de semana e retorno sazonal.
Londrina	208 km	Estadias de carro e grupos.
Curitiba	231–232 km	Principal hipótese de mercado regional.
São Paulo e exterior	Roteiro articulado	Combinar etapas e parceiros interessados.

Q p. 5; A pp. 6, 9–10; D pp. 11–12

Preço e mesa vêm antes do porte

Dois pilotos podem esclarecer se o público aceita a proposta e se a alimentação sustenta uma razão própria de deslocamento.

Estadia experimental

Testar preço, duração e motivos de escolha em operação compatível com os espaços disponíveis. Separar interesse declarado de compra efetiva.

Mesa aberta

Medir origem dos clientes, retorno, custo e margem em almoços e jantares sazonais. Escolher espaço compatível com conservação, segurança e uso autorizado.

A p. 14; D p. 18; Q p. 30

Assunto e roteiro precisam funcionar juntos

Os outros três ensaios verificam se a casa organiza experiências, recebe grupos e encontra lugar em circuitos de maior alcance.

Grupos de interesse

Realizar edições pequenas e medir adesão, custo e possibilidade de repetição em dias úteis.

Roteiros regionais

Pactuar atendimento, remuneração e responsabilidades com operadores interessados antes de oferecer uma experiência integrada.

Longa distância

Conversar com operadoras e testar inclusão em circuitos; exposição promocional não equivale a reservas.

A p. 14; D p. 18; Q p. 30

Cada piloto deve mudar uma decisão

Diretriz proposta: transformar os ensaios em evidência comparável, preservando as condições de acesso, cuidado patrimonial e participação dos envolvidos.

Registrar

Associar procura, preço, custos e satisfação a uma edição e a um público claramente identificados.

Aprender

Distinguir demanda recorrente, convite gratuito e ação subsidiada; compreender por que alguém participa ou recusa.

Decidir

Ajustar oferta, calendário, capacidade e investimento antes de converter expectativas em números definitivos de implantação.

Q pp. 3, 5–7; A pp. 2–5; D p. 9; A p. 14; D p. 18; Q p. 30

Capacidade territorial organiza a escolha dos usos

Diretriz proposta: decidir a intensidade de cada uso a partir das condições do lugar, antes de transformar intenção em quantidade.

Condições

Água, ecossistemas, patrimônio e acesso.

Demandas

Usuários, equipes, sistemas e picos de operação.

Decisão

Conservar, testar ou dimensionar conforme evidência disponível.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.16–21,23–24; I pp.5–8; Q pp.22,29–30.

Água deve atravessar todas as fichas de uso

Diretriz proposta: relacionar cada atividade às suas exigências hídricas e operacionais, sem presumir disponibilidade a partir da paisagem.

Conhecer

Caracterizar fontes, drenagens, áreas úmidas e sazonalidade.

Relacionar

Cozinha, cultivo, moradia, hospedagem e bem-estar.

Compatibilizar

Demanda, saneamento, manejo e interfaces documentais antes da implantação.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.18–21,24; I p.5; Q p.5.

Conservar o mosaico antes de escolher intervenções

Diretriz proposta: distinguir ambientes e objetivos de manejo, para que a regeneração preserve a diversidade característica do território.

Reconhecer

Campo, capões, faixas ciliares, cultivo e áreas alteradas.

Definir

Conservação, restauração ou manejo conforme diagnóstico.

Acompanhar

Linha de base, invasoras e evolução dos ambientes; inventário local antes de metas.

Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.13,15,20–21; I p.5; Q pp.26–27.

Cadeias locais ligam produção, compra e aprendizagem

Diretriz proposta: fazer a relação com produtores e ofícios aparecer nas rotinas de abastecimento, formação e prestação de serviços.

Demanda real

Relacionar mesa, manutenção e construção a necessidades verificadas.

Participação

Identificar oferta local, capacidade, sazonalidade e condições de contratação.

Continuidade

Pactuar compras, formação, qualidade e acompanhamento, sem percentuais presumidos.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.12–14,17,24; I pp.5–8; Q pp.26,29–30.

Permanência resulta de uma rotina que continua

Diretriz proposta: desenvolver motivos de ficar e retornar apoiados em trabalho, moradia, calendário e relações reais com o entorno.

Cotidiano

Mesa, cuidado, aprendizagem e atividades operantes.

Permanência

Convivência entre equipe, moradores, estudantes e hóspedes.

Retorno

Sazonalidade e vínculos; testar uso e satisfação antes de ampliar capacidade.

Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.4–5,9–17,22; Q pp.25–30.

Mobilidade e moradia precisam ser dimensionadas juntas

Diretriz proposta: estudar deslocamentos cotidianos e necessidades de moradia com a equipe e os usuários antes de fixar alojamentos e vagas.

Usuários

Equipe local, equipe alojada, estudantes, moradores e visitantes.

Movimentos

Trabalho, serviços, abastecimento, emergência e acesso devocional.

Solução

Comparar localização, transporte e infraestrutura; não presumir percurso ou demanda.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.13,15,18–20,24; D pp.11–12; Q pp.26,29.

Interfaces claras permitem convivência entre usos

Diretriz proposta: desenhar relações de acesso e apoio antes de escolher formas, preservando autonomia e reduzindo conflitos cotidianos.

Aberto e cotidiano

Capela e adro livres; praça e mesa abertas ao público.

Estadia e moradia

Hospedagem, cuidado e Casas Vivas com rotinas próprias.

Acompanhado e operacional

Natureza, formação, serviço e produção exigem regras específicas.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.6–7,12–20; D pp.11–13; Q p.27.

A rede deve devolver valor aos parceiros

Diretriz proposta: organizar conexões externas por interesse recíproco, capacidade e operação, evitando apresentar atrativos regionais como extensão privada.

Selecionar

Relacionar experiência, deslocamento e duração da estadia.

Pactuar

Confirmar interesse, acesso, atendimento, remuneração e responsabilidades.

Revisar

Avaliar efeitos para parceiros e visitantes antes de ampliar a oferta.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de A pp.6–10,15; D pp.8,11–13; N pp.10–14; Q pp.25–27.

O projeto avança por decisões com evidência

Diretriz proposta: organizar entregas conforme sua dependência, mantendo escutas e investigação em paralelo quando não houver impedimento real.

Base

Objeto territorial, patrimônio, água, ecologia e participação.

Ensaios

Programa, operação, formação e pilotos compatíveis.

Compatibilização

Partido, infraestrutura, custos e porte antes de compromissos irreversíveis.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.20–25; I pp.7–8; Q pp.22,30.

O percurso deve acolher sem obrigar a narrativa

Diretriz proposta: traduzir os seis sentimentos indicados em N em critérios observáveis de chegada, orientação e experiência cotidiana.

Respiro e reconhecimento

Perceber horizonte e preexistência do lugar.

Acolhimento e curiosidade

Ser recebido; descobrir sem roteiro impositivo.

Encontro e retorno

Conviver e reconhecer outras possibilidades ao longo do ano.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz proposta nesta consolidação, a partir de N pp.8,20–22.

08

A fortaleza que guarda

Oito vocações ampliam a relação entre o pouso e o território. Uma proposta para discutir, testar e desenvolver.

B p. 135





Uma fortaleza que guarda.
E deixa a porta aberta.

Um terceiro sentido para o nome, proposto ao Comitê.

V pp. 1–2. Hipótese narrativa, sem mudança do nome ou reconhecimento institucional presumido.

Guardar para fazer circular

O pouso continua sendo a porta de entrada. A nova leitura amplia o que a Fazenda pode oferecer ao território.

O muro e a força

Os dois sentidos de N pertencem à interpretação do nome e da história do lugar. A R04 os preserva.

Um terceiro sentido

V propõe guardar biodiversidade, ofícios, cozinha e memória para que continuem vivos e possam circular.

Uma aproximação possível

As Fortalezas Slow Food oferecem uma referência de salvaguarda coletiva. A Fazenda não ingressa no programa apenas pelo nome.

V p. 2; N. Verificações externas SF1–SF2.

O que merece cuidado

A figura de V reúne oito motivos. A R04 distingue referência regional, memória local e condição a verificar.

Objeto de cuidado	Relação proposta	O que precisa ser reconhecido
Araucária	Conservar e multiplicar com procedência.	Estado global não substitui inventário local.
Campo nativo	Manter o mosaico dos Campos Gerais.	Mapear habitats e invasoras antes do manejo.
Campeiro	Transmitir criação, lida e conservação genética.	População, plano de criação e suporte.
Taipa	Ensinar a partir de materiais e construções.	Fases construtivas, solo, umidade e laudos.

V p. 2, figura 1, relida com qualificações. B; I; N; IU1, BR1, EC1.

O que merece cuidado (2)

A figura de V reúne oito motivos. A R04 distingue referência regional, memória local e condição a verificar.

Objeto de cuidado	Relação proposta	O que precisa ser reconhecido
Mesa	Registrar receitas e reconhecer autoria.	História oral, equipe e abastecimento.
Nomes	Pesquisar sujeitos ausentes dos relatos dominantes.	Arquivos, escutas e consentimento.
Noite	Cuidar de luz, silêncio e experiência.	Medições do céu, ruído e condições sazonais.
Porta	Preservar os vínculos e o acesso da capela.	Acesso independente não significa horário 24h comprovado.

V p. 2, figura 1, relida com qualificações. B; I; N; IU1, BR1, EC1.

Especificidade, interesse e vida própria

Três critérios de V orientam a conversa. Nenhum substitui a pesquisa de procura ou a decisão do Comitê.

01

Raiz no lugar

Relacionar cada vocação com matéria, história, pessoas e práticas existentes. Evitar formatos que poderiam estar em qualquer lugar.

02

Interesse de longe

Formular uma razão para viajar e uma história para levar. Testar essa hipótese com públicos reais.

03

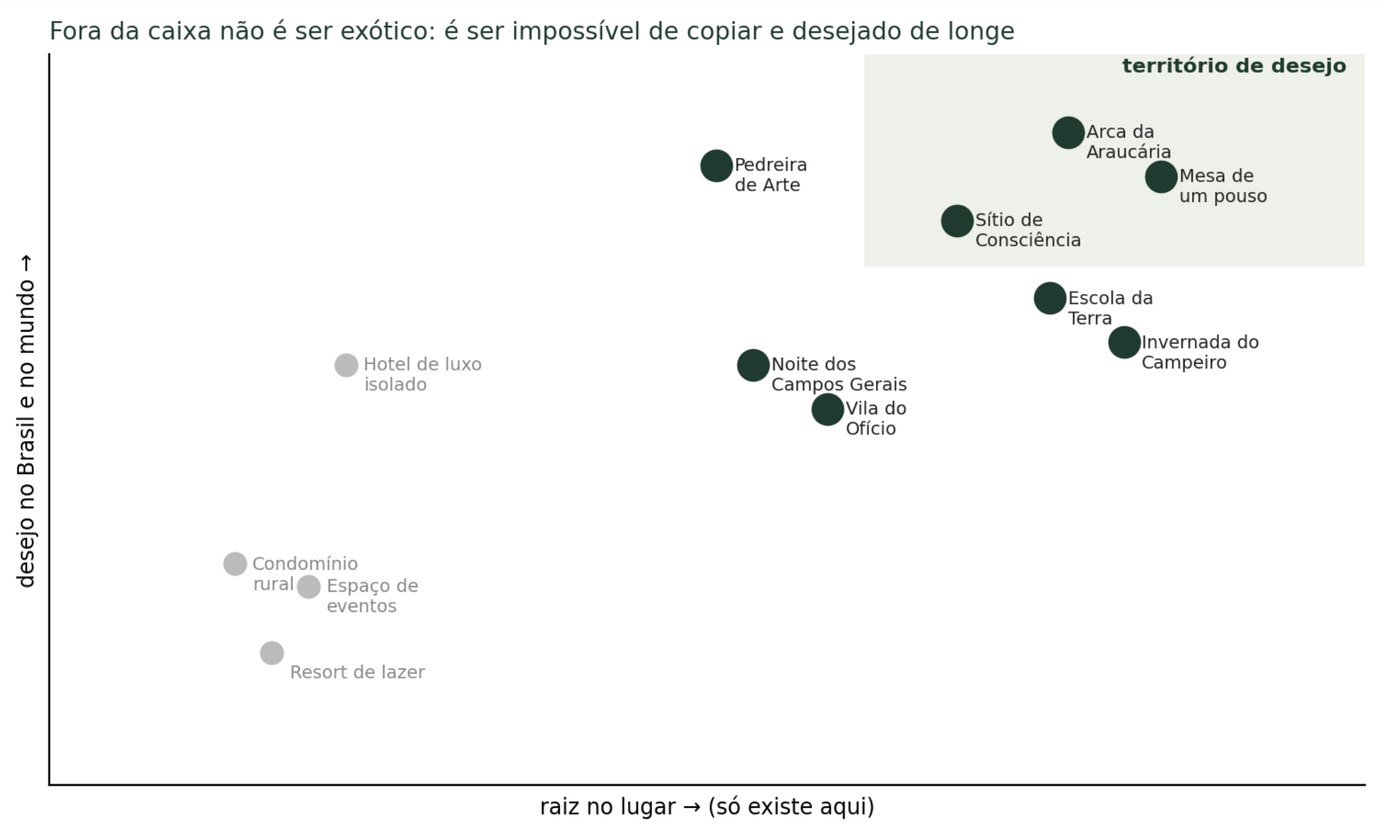
As réguas

Perguntar “isto tem vida própria?” e “isto abre ou isto fecha?”. A capela e os vínculos anteriores não podem depender do consumo.

Diagrama conceitual, sem escala. V p. 3; N e R03.

Um mapa de intenção, não de mercado

Posicionamento qualitativo de V. Os eixos expressam julgamento autoral; não medem demanda, receita ou exclusividade.



V p. 3, figura 2. Reprodução do posicionamento original; sem escala geográfica ou validação comercial.

Oito vocações, uma fazenda

As hipóteses se combinam em um mesmo programa de permanência e cuidado.

Vocação	Contribuição proposta
01 · A Arca da Araucária	Conservação viva, pinhão e conhecimento.
02 · A Invernada do Campeiro	Criação, lida e percursos com história.
03 · Sítio de Consciência	Memória pesquisada, autoria e escuta.
04 · A mesa de um pouso	Cozinha dos Campos Gerais como motivo de chegada.

V p. 3. Oito hipóteses conceituais para deliberação.

Oito vocações, uma fazenda (2)

As hipóteses se combinam em um mesmo programa de permanência e cuidado.

Vocação	Contribuição proposta
05 · A Escola da Terra	Formação por meio do canteiro e dos materiais.
06 · A noite dos Campos Gerais	Noite e inverno como experiências a desenvolver.
07 · A Pedreira de Arte	Arte e pesquisa após a definição das condições de memória.
08 · A Vila do Ofício	Moradia, trabalho e vínculos de cuidado.

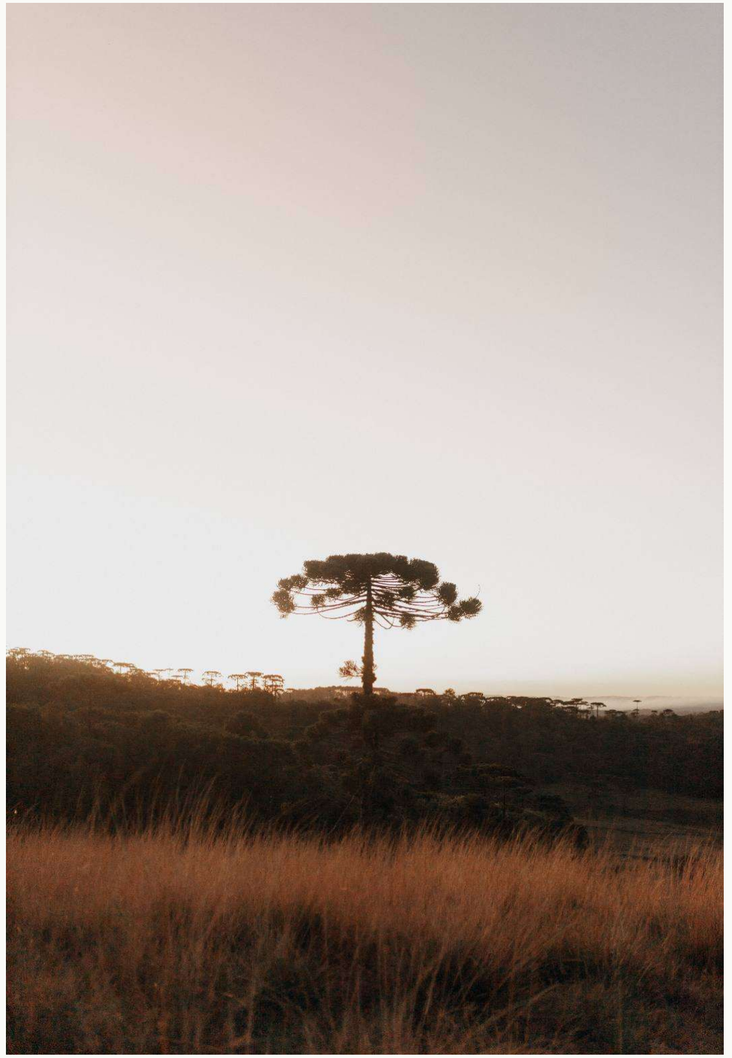
V p. 3. Oito hipóteses conceituais para deliberação.

A Arca da Araucária

"A Fortaleza não guarda mais ouro. Guarda pinhão."

A história proposta

Uma proposta de conservação que pode ligar a árvore, a semente, a cozinha e a formação. A experiência de quem visita participa de um trabalho contínuo, conduzido por quem cuida do território.



Araucária isolada em campo ao entardecer. B p. 8.

V p. 4; fontes externas IU1, BR1, NG1, EM1, EM2, EC1, TR1.

Raiz, público e inspiração

A Arca da Araucária

Raiz no lugar

O chão, a presença regional da araucária, a gralha-azul e o calendário do pinhão. O vínculo com os Kaingang deve ser desenvolvido com seus próprios sujeitos, sem converter cultura em tema decorativo.

Quem pode desejar

Viajantes de natureza, escolas, universidades e organizações interessadas em restauração verificável. A disposição de visitar, comprar mudas ou contratar serviços ainda precisa ser demonstrada.

Referências que inspiram

Instituto Terra: viveiro e formação. Slow Food: produto, comunidade e saber. Svalbard: responsabilidade de guardar, sem copiar seu método de armazenamento.

V p. 4; fontes externas IU1, BR1, NG1, EM1, EM2, EC1, TR1.

Programa e sustentação

A Arca da Araucária

No chão da Fazenda

V propõe viveiro e casa de sementes na faixa de serviço de G1, recomposição em G2 e um gesto de plantio junto da sede. São hipóteses: o inventário ecológico deve definir onde cabe cada ação.

Receitas e recursos possíveis

Mudas, serviços de restauração, experiências educativas e cooperações contratadas. Carbono e biodiversidade ficam como possibilidades futuras, sem crédito ou receita garantidos.

V p. 4; fontes externas IU1, BR1, NG1, EM1, EM2, EC1, TR1.

Condições para começar

A Arca da Araucária

Régua e risco

Conservar a araucária não autoriza arborizar campo nativo. Pinhão é recalcitrante: viveiro, matrizes rastreadas e conservação viva exigem protocolo. A produção de pinhão tem horizonte longo.

Primeiro passo

Propor interlocução com Embrapa, IAT e UEPG; mapear habitats e matrizes; dimensionar um viveiro-piloto. Plantio por visitantes só em local e época definidos, com acompanhamento posterior.

Qualificação da proposta

IUCN: CR global, avaliação de 2011 publicada em 2013. Lista brasileira de 2022: EN. Nenhuma dessas classificações é inventário da Fazenda.

V p. 4; fontes externas IU1, BR1, NG1, EM1, EM2, EC1, TR1.

A Invernada do Campeiro

"Aqui os animais que fizeram o caminho descansavam."

A história proposta

Retomar o sentido da invernada por meio de criação, conservação genética, trabalho e percursos. O cavalo é parte de uma prática cotidiana; a cavalgada é uma possibilidade dessa vida.



Campo sob céu de nuvens no movimento da casa. B p. 128.

V p. 5; fontes externas EM3, FA1, LE1, UN1, UN2, EC1.

Raiz, público e inspiração

A Invernada do Campeiro

Raiz no lugar

N relaciona pouso e invernada; as tropas, as cavalgadas dos romeiros e o calendário regional compõem o repertório. Tropeirismo brasileiro e transumância europeia não são a mesma prática nem o mesmo reconhecimento.

Quem pode desejar

Cavaleiros, criadores, associações, famílias e viajantes de percursos equestres. A demanda por estadia de animais, cursos e viagens de vários dias deve ser pesquisada por segmento.

V p. 5; fontes externas EM3, FA1, LE1, UN1, UN2, EC1.

Raiz, público e inspiração (2)

A Invernada do Campeiro

Referências que inspiram

Transumância: transmissão de saberes pastoris, com inscrição UNESCO em 2019 e ampliação em 2023. Knepp: manejo a estudar em seu contexto. Caminho da Fé: percurso e rede de acolhimento.

V p. 5; fontes externas EM3, FA1, LE1, UN1, UN2, EC1.

Programa e sustentação

A Invernada do Campeiro

No chão da Fazenda

Hípica e invernada já aparecem como componentes a estudar. V sugere G3 como base de cavaleiros, mas essa área também é reserva de expansão do pouso; usos e suporte precisam ser conciliados.

Receitas e recursos possíveis

Hospedagem de animais e cavaleiros, percursos, cursos de lida e, no médio prazo, criação registrada. Parcerias com a associação da raça são candidatas, não compromissos existentes.

V p. 5; fontes externas EM3, FA1, LE1, UN1, UN2, EC1.

Condições para começar

A Invernada do Campeiro

Régua e risco

Bem-estar, sanidade, água, abrigo e capacidade do campo precedem a operação. Cavalos não regeneram qualquer campo por definição. O número de 722 animais em 2022 continua sem confirmação primária.

Primeiro passo

Ouvir a associação e a Embrapa, definir objetivo genético e plano de manejo, estudar lotação e percursos. A semana tropeira de setembro de 2027 é uma janela proposta, condicionada à preparação.

V p. 5; fontes externas EM3, FA1, LE1, UN1, UN2, EC1.

Condições para começar (2)

A Invernada do Campeiro

Qualificação da proposta

A Lei catarinense 19.697/2026 reconhece o Campeiro Marchador das Araucárias como patrimônio cultural de Santa Catarina; não certifica esta Fazenda, situada no Paraná.

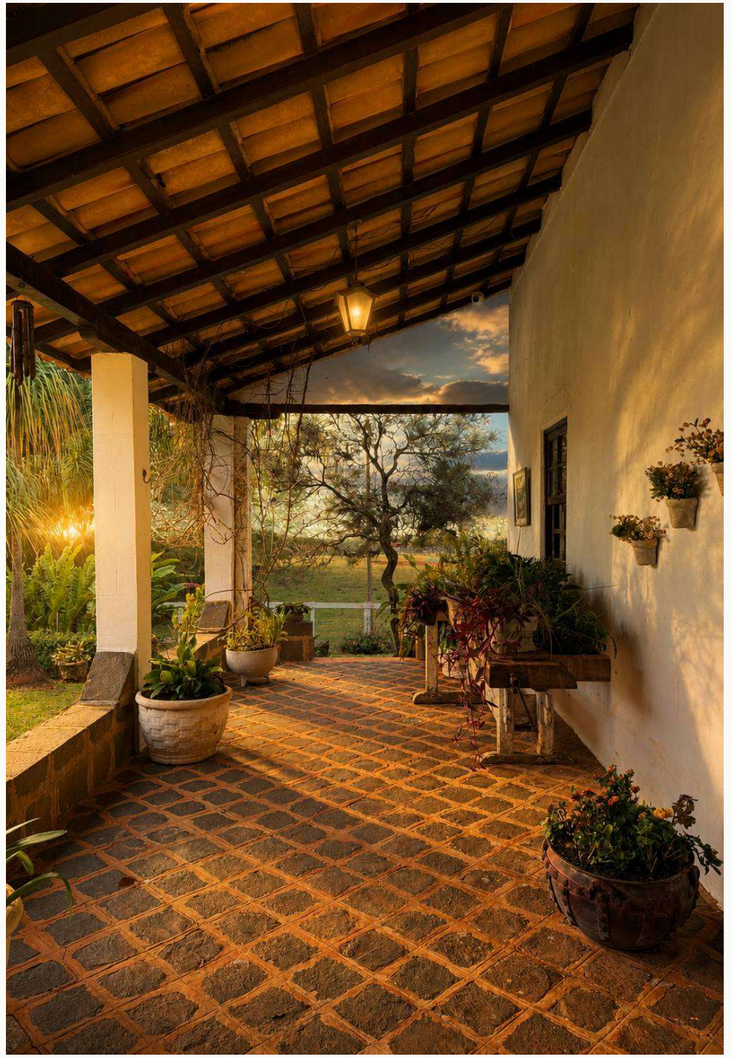
V p. 5; fontes externas EM3, FA1, LE1, UN1, UN2, EC1.

Sítio de Consciência

"Uma casa disposta a contar sua história."

A história proposta

Um compromisso de pesquisa e interpretação pública que reconheça quem viveu, trabalhou, foi excluído e manteve o lugar. A continuidade da casa pode conviver com a memória de seus conflitos.



Varanda com madeira e piso cerâmico. B p. 133.

V p. 6; fontes externas SC1, SC2.

Raiz, público e inspiração

Sítio de Consciência

Raiz no lugar

A sede, as mãos sem nome e a proposta de memorial dão endereço à pesquisa. Chacina, cárcere, lenda do tesouro e literatura têm estatutos distintos; nem tudo pode ser contado como fato documental.

Quem pode desejar

Comunidades relacionadas, pesquisadores, escolas e viajantes culturais. Descendentes e povos originários participam se e como desejarem; não são públicos capturados por uma estratégia turística.

V p. 6; fontes externas SC1, SC2.

Raiz, público e inspiração (2)

Sítio de Consciência

Referências que inspiram

A rede de Sítios de Consciência aproxima memória, direitos humanos e ação cívica. Whitney Plantation inspira atenção aos nomes; a visitação Guarani inspira protagonismo dos sujeitos. Não há filiação presumida.

V p. 6; fontes externas SC1, SC2.

Programa e sustentação

Sítio de Consciência

No chão da Fazenda

Sede histórica, espaços de pesquisa da Academia e eventual memorial. A localização, os percursos e a relação com a pedreira dependem de escuta e levantamento, sem impor uma narrativa única.

Receitas e recursos possíveis

Não é apresentado como produto de receita direta. Editais, cooperação acadêmica e instituição-irmã são caminhos de sustentação a desenvolver, sem financiamento assegurado.

V p. 6; fontes externas SC1, SC2.

Condições para começar

Sítio de Consciência

Régua e risco

Escuta, autoria, consentimento e direito à recusa precedem circulação pública. Não afirmar ser a primeira fazenda brasileira a fazê-lo. Reconciliação não pode ser prometida em nome das comunidades.

Primeiro passo

Planejar escutas com romeiros, Kaingang e comunidade descendente; organizar pesquisa de nomes e documentos; conversar com a articulação brasileira de Sítios de Consciência. O formato só vem depois.

V p. 6; fontes externas SC1, SC2.

Condições para começar (2)

Sítio de Consciência

Qualificação da proposta

A proteção do acesso da capela continua independente de bilhetes, hospedagem, consumo e recepção. A memória não autoriza transformar práticas religiosas em programação do hotel.

V p. 6; fontes externas SC1, SC2.

A mesa de um pouso

"A cozinha que nunca precisou ser explicada."

A história proposta

A mesa pode ser uma razão própria para chegar. O Book registra a memória de Eloína e de cerca de trinta anos de trabalho na cozinha. Receitas, histórias e autoria podem orientar uma proposta contemporânea dos Campos Gerais.



Mesa compartilhada apresentada no book. B p. 143.

V p. 7; fontes externas FV1, FV2.

Raiz, público e inspiração

A mesa de um pouso

Raiz no lugar

A mesa é o terceiro tempo de N; a horta, a agrofloresta e a roda do ano ligam produção e serviço. Pão, polvilho, purunguinha e doces em caixeta aparecem na memória do Book, B p. 141.

Quem pode desejar

Moradores e visitantes da região, viajantes da comida e públicos culturais. A proposta precisa acolher diferentes formas de uso, sem depender apenas de um jantar caro ou de exposição na imprensa.

V p. 7; fontes externas FV1, FV2.

Raiz, público e inspiração (2)

A mesa de um pouso

Referências que inspiram

Fäviken, encerrado em 2019, é precedente histórico de cozinha territorial. Ballymaloe aproxima cozinha, cultivo e escola. Blackberry, Tiradentes e Canastra oferecem mecanismos de articulação, não previsão de procura.

V p. 7; fontes externas FV1, FV2.

Programa e sustentação

A mesa de um pouso

No chão da Fazenda

V sugere restaurante na praça de G1, mesa longa, pequeno salão por reserva, cultivo próximo e cozinha como aula. Um piloto na casa histórica exige revisão: N p. 18 não lhe atribui novo programa.

Receitas e recursos possíveis

Jantares por reserva, almoço de domingo, escola de cozinha e produtos da despensa. Reserva organiza produção e atendimento; não garante ocupação. Preço, custo, margem e frequência serão medidos.

V p. 7; fontes externas FV1, FV2.

Condições para começar

A mesa de um pouso

Régua e risco

A força da cozinha depende de equipe, abastecimento, autoria e execução. O nome de Eloína e as receitas pedem registro e concordância dos envolvidos; não devem virar decoração de uma marca.

Primeiro passo

Pesquisar receitas com família, antigos moradores e cozinheiras de Tibagi. Fazer jantares-piloto em espaço autorizado e compatível com conservação, segurança e acesso; avaliar retorno e margem.

V p. 7; fontes externas FV1, FV2.

Condições para começar (2)

A mesa de um pouso

Qualificação da proposta

Na prioridade proposta por V, a Mesa junta desejo, receita e vida própria. Trata-se de uma tese a testar, não de viabilidade ou superioridade comercial já demonstradas.

V p. 7; fontes externas FV1, FV2.

A Escola da Terra

"Uma casa histórica ensinando a construir o futuro."

A história proposta

Taipa, pedra e madeira podem deixar de ser apenas linguagem arquitetônica para se tornar conhecimento transmitido. O estudo da casa e o canteiro podem formar pessoas e qualificar as próximas construções.



Portal com o nome Fortaleza. B p. 124.

V p. 8.

Raiz, público e inspiração

A Escola da Terra

Raiz no lugar

N coloca o canteiro antes da Academia e relaciona material, formação e Programa Esmeralda. O encontro com Portugal é uma possibilidade de troca, sem substituir mestres, instituições e saberes do território.

Quem pode desejar

Jovens de Tibagi, estudantes, arquitetos, profissionais da construção e equipes interessadas em conservação. Bolsas, cursos pagos e formação técnica podem exigir públicos e arranjos distintos.

V p. 8.

Raiz, público e inspiração (2)

A Escola da Terra

Referências que inspiram

Instituto Terra inspira formação ligada à prática. Barrocal e Sextantio sugerem atenção ao existente. Canteiros universitários de taipa oferecem referência pedagógica; técnicas e responsabilidades precisam ser locais.

V p. 8.

Programa e sustentação

A Escola da Terra

No chão da Fazenda

Faixa de serviço, ateliês e oficinas da Academia. A casa e a capela só podem integrar uma obra-escola após laudos, projeto de conservação, aprovações pertinentes e supervisão qualificada.

Receitas e recursos possíveis

Cursos, residências, formação com parceiros, materiais e serviços de conservação. Universidades, Sesi e Senai são interlocutores potenciais; não há contrato ou currículo aprovado.

V p. 8.

Condições para começar

A Escola da Terra

Régua e risco

Caracterização do solo, umidade, comportamento estrutural e história construtiva são essenciais. A idade atribuída à casa não data automaticamente cada parede ou técnica. Aula não justifica intervenção sem projeto.

Primeiro passo

Levantar fases construtivas e conservação; caracterizar materiais; definir responsáveis técnicos e programa pedagógico. Só então pactuar a primeira oficina ou obra-escola.

V p. 8.

Condições para começar (2)

A Escola da Terra

Qualificação da proposta

A expressão “230 anos” pertence à narrativa da fonte e é arredondada. A R04 preserva a ambição de continuidade sem usar esse número como laudo ou promessa de durabilidade.

V p. 8.

A noite dos Campos Gerais

"Tempo para olhar o céu, sentir o frio e permanecer."

A história proposta

A noite e o inverno podem ampliar os motivos de permanência: silêncio, céu, névoa, calor e descanso. A experiência nasce das condições efetivas do lugar, com alternativas para quando o céu não abre.



Caminho rural sob céu de nuvens. B p. 127.

V p. 9; fontes externas DK1, DK2.

Raiz, público e inspiração

A noite dos Campos Gerais

Raiz no lugar

Geada, névoa, fogo e solstício aparecem no calendário de N; o respiro orienta a experiência. Geada e céu estrelado são fenômenos variáveis, não itens de uma diária garantida.

Quem pode desejar

Pessoas em busca de descanso, casais, fotógrafos e observadores do céu. A procura pelo frio, pelo sono ou por astronomia pode ter sazonalidades e necessidades diferentes.

Referências que inspiram

DarkSky Approved Lodging já reconhece hospedagem no Brasil, como a Pousada Verbicaro, RJ, em 2025. A referência demonstra um caminho de proteção da noite, sem certificar a Fazenda.

V p. 9; fontes externas DK1, DK2.

Programa e sustentação

A noite dos Campos Gerais

No chão da Fazenda

V propõe política de iluminação, mirante discreto em G2 e wellness em G1. Rotas, luzes, segurança, habitat, água e operação precisam ser compatibilizados em projeto.

Receitas e recursos possíveis

Estadias de inverno e experiências noturnas são hipóteses. Tarifas, pacotes e parcerias devem ser testados; “baixo custo” e preenchimento da baixa temporada ainda não foram demonstrados.

V p. 9; fontes externas DK1, DK2.

Condições para começar

A noite dos Campos Gerais

Régua e risco

Medir brilho do céu, nebulosidade, ruído e interferências da BR-153 e da PCH. Luz quente, isoladamente, não basta para certificação. Fogo, frio e circulação noturna exigem protocolos próprios.

Primeiro passo

Realizar medições em campo e elaborar política de iluminação com manutenção e educação. O solstício de junho de 2027 é uma janela candidata, a confirmar em calendário e operação.

Qualificação da proposta

A imagem do book é referência de paisagem, não fotografia de qualidade astronômica, prova de céu escuro ou promessa de condição meteorológica.

V p. 9; fontes externas DK1, DK2.

A Pedreira de Arte

"A pedra que murou vira a pedra que lembra."

A história proposta

Uma proposta de arte de território pode aproximar matéria, memória e pesquisa. Uma ou poucas obras, se fizerem sentido após as escutas, nasceriam da relação com o lugar e da responsabilidade por sua história.



Vivi Rosa, Resonance (2024). Cimento, pó de vidro reciclado, algodão desfiado e fio de metal. B p. 116. Vivi Rosa (obra); fotografia não identificada

V p. 10; fontes externas NA1, NA2.

Raiz, público e inspiração

A Pedreira de Arte

Raiz no lugar

N propõe memória com endereço; o Book reúne artistas e obras, e a Academia admite residências. A presença de Juan Parada, Vivi Rosa ou Amanda Sanches no repertório não é contrato ou anuência.

Quem pode desejar

Artistas, pesquisadores, instituições e viajantes culturais. O interesse pode ser desenvolvido por pesquisa e curadoria; visibilidade internacional não é um resultado contratado.

Referências que inspiram

Naoshima inspira vínculos entre arte, arquitetura, paisagem e comunidade. Inhotim e Fogo Island Arts oferecem repertório de curadoria e residência. Seus números de visitação não projetam demanda local.

V p. 10; fontes externas NA1, NA2.

Programa e sustentação

A Pedreira de Arte

No chão da Fazenda

V aproxima pedreira, lago e G6. Sua correspondência espacial, titularidade, acesso e condição física precisam ser demonstradas. A fotografia B p. 131 não serve como prova cadastral dessa relação.

Receitas e recursos possíveis

Visitas à obra, patrocínio cultural, incentivos e edições são possibilidades. Custos de criação, manutenção, segurança e curadoria devem integrar o modelo; a capela mantém acesso gratuito e independente.

V p. 10; fontes externas NA1, NA2.

Condições para começar

A Pedreira de Arte

Régua e risco

A obra não pode decorar ou neutralizar uma memória difícil. Escutas, direito à recusa e decisão sobre o memorial precedem encomenda, bilheteria ou anúncio. Evitar implantação fora de escala.

Primeiro passo

Depois das escutas e da definição de condições, considerar residência de pesquisa, sem obrigação de produzir obra. Registrar perguntas, materiais e interlocuções antes de decidir a encomenda.

Qualificação da proposta

A figura de arte reproduzida do Book conserva crédito e contexto; não representa uma proposta encomendada para a pedreira.

V p. 10; fontes externas NA1, NA2.

A Vila do Ofício

"A terra não foi repartida. Foi povoada."

A história proposta

As Casas Vivas podem ser pensadas como permanência de quem mora, trabalha e cuida. Mestres, cozinheiras, pesquisadores, artistas e outras famílias comporiam uma vida cotidiana ligada à Fazenda e a Tibagi.



Araucária e edificação no movimento da casa. B p. 135.

V p. 11.

Raiz, público e inspiração

A Vila do Ofício

Raiz no lugar

O pilar Casas Vivas, as cinco famílias lembradas no Book, o Programa Esmeralda e a formação local oferecem vínculos. A tese é contribuir com permanência; não prometer reverter a demografia municipal.

Quem pode desejar

Mestres de ofício, famílias, profissionais criativos e remotos interessados em morar com vínculo. A pesquisa deve incluir renda, custos, rotina, serviços e capacidade real de permanência.

V p. 11.

Raiz, público e inspiração (2)

A Vila do Ofício

Referências que inspiram

Kamiyama inspira conexão digital, trabalho e reuso; Ibiti, convivência entre moradores e visitantes; Freixo do Meio, regras comuns e projetos autônomos. São referências, não formatos jurídicos transferíveis.

V p. 11.

Programa e sustentação

A Vila do Ofício

No chão da Fazenda

V sugere G4 e G5, núcleos separados, oficinas e conexão digital. A hipótese de lotes de 2 ha depende de regime fundiário e parecer; não define unidades vendáveis ou parcelamento autorizado.

Receitas e recursos possíveis

Moradia, locação de residências de ofício e usos compartilhados são cenários a modelar. Venda e compromissos de cuidado só podem ser desenhados dentro de forma jurídica válida e demanda demonstrada.

Condições para começar

A Vila do Ofício

Régua e risco

Evitar um condomínio de alto preço sem vida de trabalho. Conciliar acesso, custos recorrentes, mobilidade, conectividade, serviços e relações com Tibagi. A série populacional citada precisa de bases comparáveis.

Primeiro passo

Obter parecer fundiário, testar conectividade, pesquisar públicos e desenhar compromissos de cuidado com regras verificáveis. Validar viabilidade antes de comercializar ou prometer povoamento.

V p. 11.

Condições para começar (2)

A Vila do Ofício

Qualificação da proposta

A queda de 12,3% em trinta anos é um dado atribuído a Q/V; não se combina automaticamente com outras bases populacionais ou alterações territoriais.

V p. 11.

As notas ajudam a perguntar

A matriz de V é uma leitura autoral de 0 a 3 por critério. Os pontos não escolhem o programa.

	Raiz no lugar	Desejo no Brasil e mundo	Vida própria	Abre	Receita possível	Risco baixo	
1 A Arca da Araucária	3	3	3	3	2	2	16/18
2 A Invernada do Campeiro	3	2	3	2	2	2	14/18
3 Sítio de Consciência	3	3	2	3	1	1	13/18
4 A mesa de um pouso	3	3	3	3	3	2	17/18
5 A Escola da Terra	3	2	2	3	2	2	14/18
6 A noite dos Campos Gerais	2	2	3	2	1	2	12/18
7 A Pedreira de Arte	2	3	1	2	1	1	10/18
8 A Vila do Ofício	2	2	2	3	2	1	12/18

V p. 12, figura 3. Pontuações transcritas; não são avaliação técnica, financeira ou decisão do Comitê.

Um núcleo com três funções

Prioridade proposta por V: combinar experiência, conservação e compromisso de memória.

Vocação	Força proposta	Condição material
Mesa de um pouso	Desejo, receita e vida própria.	Talento, abastecimento, procura e margem a testar.
Arca da Araucária	História de conservação com alcance além da Fazenda.	Prazo longo, protocolo e sustentação econômica.
Sítio de Consciência	Legitimidade e memória com responsabilidade.	Escutas, pesquisa e recusa; compromisso, não produto.

V p. 12. Síntese crítica da tabela de forças, fragilidades e papéis.

As demais vocações têm papéis distintos

Complementar não significa implantar tudo de uma vez.

Vocação	Papel sugerido	O que condiciona
Invernada do Campeiro	Complemento forte.	Bem-estar, genética e capacidade do campo.
Escola da Terra	Complemento forte.	Laudos, responsáveis e parceiros.
Noite dos Campos Gerais	Camada de experiência.	Céu, clima, operação e custo efetivos.
Vila do Ofício	Forma de permanência das Casas Vivas.	Jurídico, mercado, conexão e vínculo.
Pedreira de Arte	Horizonte longo.	Escutas, curadoria, recursos e manutenção.

V p. 12. Papéis propostos; não há sequenciamento aprovado.

Mesa, Arca e Consciência

A contribuição de uma vocação não substitui a condição da outra.

Mesa

Receber, cozinhar, formar e sustentar uma operação com vida própria.

Arca

Conservar, produzir conhecimento e fazer circular mudas e práticas adequadas ao território.

Consciência

Investigar, reconhecer autoria e dar lugar à memória, sem subordiná-la à venda de experiências.

Diagrama conceitual, sem escala. V pp. 12 e 14. Articulação conceitual proposta na R04.

Ofícios dão prática à ideia

Campeiro e Escola aproximam o núcleo de trabalho cotidiano, formação e cuidado.

Invernada

A conservação da raça ganha sentido com criação responsável, transmissão da lida e manejo do campo.

Escola

A arquitetura ganha continuidade com estudo dos materiais, formação remunerada e obras supervisionadas.

Uma rede de relações

Mesa, cultivo, canteiro, criação e moradia podem compartilhar conhecimento. Essa integração pede governança e custos próprios.

V pp. 5, 8, 12 e 14.

A porta, o encontro e o que circula

Três camadas organizam a narrativa de V.

01

A porta

O pouso dos Campos Gerais: capela com acesso preservado, praça, mesa e hospedagem.

02

O que se encontra

A fortaleza que guarda: araucária, campo, cavalo, materiais, cozinha, nomes e noite.

03

O que se leva

Mudas, saberes, pessoas formadas, receitas e histórias. A contribuição alcança caminhos, vizinhos e Tibagi.

Diagrama conceitual, sem escala. V p. 12. A narrativa é proposta ao Comitê, não uma promessa de operação.

Motivos diferentes para chegar

Hipóteses de público devem orientar pesquisa e testes.

Público	Interesse proposto	Experiência a testar
Paranaenses e sulistas	Reconhecer história e cozinha.	Mesa, tropeirismo e araucária.
Brasileiros de outras regiões	Conhecer paisagens e culturas dos Campos Gerais.	Inverno, campo, ofícios e calendário.
Viajante cultural estrangeiro	Encontrar história com contexto e autoria.	Interpretação da casa e relações com o território.
Viajante da comida	Conhecer receitas e produtos do lugar.	Mesa de estação e pequena escala.

V p. 13. Segmentação autoral, sem demanda comprovada.

Aprender, cuidar e permanecer

A contribuição territorial inclui quem estuda, trabalha e considera morar.

Público	Interesse proposto	Experiência a testar
Natureza e propósito	Participar de conservação acompanhada.	Arca, viveiro e leitura do mosaico.
Arquitetos, artistas e pesquisadores	Aprender e criar com matéria e história.	Escola, pesquisa artística e estação de campo.
Pessoas que consideram mudar de vida	Morar com trabalho e relações de cuidado.	Vila do Ofício e vínculos com Tibagi.

V p. 13. Públicos hipotéticos; condições de acesso e permanência a pesquisar.

Guardar é também deixar seguir

Proposta de tom para discussão do Comitê.

Uma voz possível

Esta casa carrega marcas de encontro e conflito. A memória pede nome, fonte e escuta. A porta se abre para quem já chega e para quem ainda virá.

O que continua

Cuidar do pinhão e do campo. Transmitir o ofício. Reconhecer a autoria da cozinha. Pesquisar os nomes. Preservar o acesso.

O que sai para o território

Mudas, saberes, trabalho, receitas e relações que possam permanecer além da visita.

V p. 13, manifesto e frases. Redação editorial R04; não é peça externa aprovada.

Sede, campo e reserva

A distribuição de V é funcional. Precisa ser conciliada com a base cadastral e com os ambientes efetivamente presentes.

Recorte indicado em V	Relações propostas	Compatibilização necessária
G1 · sede	Mesa, praça, viveiro, oficinas, pesquisa e wellness.	Distinguir sede histórica, áreas de serviço e novos usos.
G2 · noroeste	Arca, leitura da paisagem, noite e manejo.	Reconhecer campo nativo, floresta, áreas sensíveis e suporte.
G3 · sul	Base de cavaleiros e eventual pouso.	Compatibilizar com a reserva de expansão e com a viabilidade.

V p. 13; N pp. 13–19; R03. Matriz sem escala e sem geolocalização aprovada.

Moradia, memória e relações regionais

Os percursos e os vínculos importam tanto quanto a localização de cada uso.

Recorte indicado em V	Relações propostas	Condição de desenvolvimento
G4 e G5	Vila do Ofício e Casas Vivas.	Regime jurídico, infraestrutura e compromissos verificáveis.
G6, lago e pedreira	Pesquisa artística e eventual obra.	Conferir objetos físicos; escuta precede desenho e anúncio.
Matas e memória	Conservação e eventual memorial.	Não impor formato ou autoria; reconhecer o mosaico.
Fora da Fazenda	Caminhos, mudas, formação e cozinha regional.	Pactuar acessos, fornecedores, parceiros e benefícios.

V p. 13. Correspondências espaciais e institucionais continuam hipóteses.

Três acréscimos, várias interfaces

V propõe reutilizar componentes existentes. A afirmação de que não mudam o desenho precisa ser testada.

Viveiro e casa de sementes

Área, água, manejo, procedência, operação e conservação viva.

Invernada de criação

Objetivo genético, instalações, sanidade, água e plano de manejo.

Política de iluminação

Luminárias, horários, circuitos, segurança, habitats, manutenção e monitoramento.

Diagrama conceitual, sem escala. V p. 14. Não há nova gleba aprovada nem confirmação de capacidade sem estudo.

Condições compartilhadas

A narrativa amplia o estudo; as condições da R03 continuam valendo.

Território compatível

Perímetros, glebas, habitats, água, acessos e restrições na mesma base. Não deduzir área edificável de uma área bruta.

Patrimônio e participação

Laudos, escutas, consentimento e proteção dos acessos. Nenhum programa substitui esses compromissos.

Operação e economia

Equipe, custos, demanda, capacidade e governança. A matriz de V não resolve o modelo financeiro do pouso.

V pp. 4–14; condições consolidadas na R03.

Pilotos precisam produzir aprendizado

Janelas de 2027 são propostas, condicionadas a autorização, equipe, recursos e preparação.

Piloto candidato	Pergunta	Evidência para continuar
Mesa	Há retorno, margem e abastecimento consistente?	Origem do público, recompra, custo, perdas e retorno da equipe.
Viveiro	Há protocolo, suporte e destino para a produção?	Procedência, sobrevivência, manejo, custo e compromissos reais.
Invernada / percurso	A experiência é compatível com animais e campo?	Bem-estar, sanidade, suporte, acesso e operação acompanhados.

V p. 14. Métricas e metas serão pactuadas; não há amostra ou orçamento aprovados.

Medir a noite. Pesquisar antes da obra.

Começar não significa antecipar uma implantação definitiva.

Noite

Medir condições sazonais do céu e ruído; testar iluminação e experiências em noites abertas e nubladas. A programação deve admitir variação.

Escola

Estudar o edifício e os materiais antes da intervenção. A primeira atividade pode ser levantamento, documentação ou oficina compatível.

Pedreira

Após as escutas, uma residência de pesquisa pode formular perguntas. Não implica obra, curadoria contratada ou destino público decidido.

V pp. 8–10 e 14.

O Comitê decide o sentido e o núcleo

Esta revisão organiza escolhas; não registra uma deliberação já tomada.

Sentido do nome

Adotar, ajustar ou rejeitar a terceira acepção. Manter Fazenda Fortaleza como nome e o pouso como porta de entrada.

Combinação central

Discutir Mesa + Arca + Consciência, com Campeiro e Escola como complementos fortes.

Limites da representação

Definir quem participa da construção da narrativa e o que precisa voltar à escuta antes de circular.

V p. 14. Decisões propostas ao Comitê.

O próximo compromisso deve ser concreto

Cada encaminhamento precisa de responsável, condição de início e pergunta de decisão.

Deliberação a registrar	Conteúdo mínimo
Diligências e escutas	Escopo, interlocutores, responsáveis, recursos e forma de devolutiva.
Pilotos autorizados	Local, capacidade, custo, segurança, indicadores e critério de interrupção.
Comunicação	Formulações aprovadas, créditos, consentimentos e afirmações ainda vedadas.
Revisão do programa	Conciliação das três adições com implantação, suporte e operação.

Desdobramento de planejamento da R04 a partir de V p. 14 e da R03.

A ideia volta ao chão

As novas vocações dão sentido e perguntas aos usos. O programa existente continua sendo a base para testá-las.



Síntese R04. Prosseguir para Programa e usos, com as condições e hipóteses aqui explicitadas.

09

Programa e usos

Os usos precisam oferecer vida própria e sustentar o funcionamento do conjunto.



A sede concentra funções interdependentes

A Gleba 1 reúne origem, vila pública e operação, com área aproximada que ainda não define capacidade de construção.

11 ha indicativos

Hotel, formação, produção e bem-estar convivem com patrimônio.

Chegadas distintas

Romeiro, público, hóspede e serviço precisam de soluções próprias.

Prioridade

Compatibilizar conservação, programa, acesso e infraestrutura.

N pp. 15–16; Q p. 5; N pp. 18–19; Q p. 30

Gleba 2 articula regeneração e produção

A área noroeste aparece como campo de experiências, mas seus usos e sua capacidade dependem de leitura local.

36 ha indicativos

Gleba descrita como mais alta e próxima da sede.

Usos candidatos

Regeneração, agrofloresta, cultivo e experiências.

Decisão aberta

A horta pode ocupar G1 ou G2.

N pp. 15–16; Q p. 5; N pp. 12–14; Q pp. 20, 29

Casas Vivas formam núcleos próprios

As Glebas 4 e 5 se destinam à moradia apoiada pelo hotel, com definição jurídica e operacional ainda aberta.

G4 e G5

Centro-norte: 13 ha; leste: 32 ha, aproximadamente.

Estudo

Rua interna de 6 m; lotes de 2 ha.

Limite

Dividir área bruta por lote não determina quantidade autorizada.

N pp. 15–16; Q p. 5; N pp. 13–14; Q p. 29; N pp. 13, 15, 19; Q pp. 23, 26, 29–30

Sete pilares e dois complementos

O conjunto articula atividade econômica, formação e permanência; os complementos apoiam o funcionamento sem substituir os pilares.

Operar e conhecer

Hotel, experiência territorial, Unidades Produtivas e Academia.

Cuidar e permanecer

Wellness, regeneração e Casas Vivas.

Complementar

Esmeralda e Sede Nidum; Nidum Mundo é camada de conexão.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 12–14; Q pp. 20, 29; N pp. 13–14; Q p. 29

Hotel e vila pública precisam conversar

A hospedagem sustenta permanência enquanto a vila recebe público local; a relação exige desenho de acessos, serviços e responsabilidades.

Hotel

Nova sede, edifício de quartos e módulos.

Vila pública

Praça, restaurante, cozinha e estacionamento próprio.

Operação

Distinguir atendimento público, hospedagem e apoio às moradias.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 12–14; Q pp. 20, 29; N pp. 18–19; Q p. 30; N pp. 18–19

O cavalo conecta prática e território

A experiência equestre se relaciona à lida e ao pouso, mas não possui dimensionamento ou circuito comprovados no conjunto.

Prática

Estudar hípica, manejo, equipe e bem-estar animal.

Percursos

Verificar terreno, segurança, água e parceiros.

Convivência

Compatibilizar cavalo, caminhada, serviço e usos religiosos.

N pp. 12–14; Q pp. 20, 29; I p. 5; N pp. 13–17, 20–21; A pp. 9–10, 13; D pp. 11–13; Q pp. 22, 25–27

Produção deve responder à mesa e à obra

Horta e agrofloresta apoiam a cozinha; a fabricação de materiais depende de pertinência construtiva e capacidade operacional demonstradas.

Mesa

Vincular cultivo, sazonalidade, água e demanda da cozinha.

Material

Tijolo, pedra, madeira, fibra ou cerâmica são possibilidades condicionadas.

Serviço

Reservar faixa operacional e acesso próprio, se a fábrica se justificar.

N pp. 12–14; Q pp. 20, 29; N pp. 18–19; N pp. 20–21

Academia nasce no trabalho real

Formação, arte e operação se encontram no canteiro e nos ofícios; espaço físico não substitui programa pedagógico.

Base de N

Ateliê, oficina, residências artísticas e canteiro-escola.

Proposta de Q

Instituto, cozinha paga, bolsa e moradia.

Condições

Formadores, recursos, segurança, vínculos e continuidade de trabalho.

N pp. 12–14; Q pp. 20, 29; N pp. 13, 18–19; Q pp. 26, 29

Bem-estar depende do lugar e da operação

Piscina, sauna e respiro compõem experiências de cuidado, com implantação condicionada à água, ao terreno e ao manejo.

Percurso

Piscina natural como destino; posição varia conforme o partido.

Apoios

Vestiário, sauna e pavilhão do respiro.

Dimensionamento

Validar capacidade e operação antes de prometer uma experiência.

N pp. 13–14; Q p. 29; N pp. 18–19; N pp. 20–21; N pp. 18–19, 24

Moradia pede vínculo além da venda

As Casas Vivas são primeira ou segunda moradia; Q propõe ampliar o compromisso de povoamento por residentes de ofício.

Base

Coautoria, selo Nidum e apoio operacional do hotel.

Candidatos

Artesãos, mestres, pesquisadores e artistas.

Condições

Estudar convivência, cuidado, viabilidade e forma jurídica; adesão não está comprovada.

N pp. 13–14; Q p. 29; N pp. 13, 15, 19; Q pp. 23, 26, 29–30

Esmeralda exige um quadro real de usuários

O alojamento de equipe é a base original; receber estudantes amplia públicos e exige revisar capacidade e convivência.

N

Operado, sem venda, fora de G1; dimensionado pela equipe não residente no entorno.

Q

Propõe também moradia estudantil.

Decisão

Separar usuários, regras, custos e responsabilidades antes de definir área.

N pp. 13–14; Q p. 29; N pp. 13, 18–19; Q pp. 26, 29

Encontro e instituição são decisões diferentes

A Sede Nidum permanece casa de encontro; seu compartilhamento institucional não determina propriedade, identidade ou modelo de governança.

Lugar indicado

Lado leste da praça; área e conceito a desenvolver.

Proposta de Q

Sede do Instituto e da rede.

Nidum Mundo

Camada conectada ao hotel e às Casas Vivas, sem área própria.

N pp. 13–14; Q p. 29; N pp. 13, 18–19; Q pp. 26, 29

Escala espacial não equivale a viabilidade

Os números abaixo são hipóteses de bases diferentes e precisam ser conciliados antes da definição do porte.

Base	Registro	Estatuto
N · hospedagem	50 = 30 quartos + 20 módulos	Hipótese de partido.
N · construção nova	≈3.600 m²; soma ≈3.610 m²	Exclui família e Sede Nidum.
Modelo citado em N	≈8.900 m² em G1	Base não reconciliada.
Q · programa / princípio	50–70 / 30–70 unidades	Hipóteses distintas.
Q · sensibilidade econômica	70–90 unidades	Condicionada ao suporte.

N pp. 18–19; N pp. 18–19, 24; N pp. 13, 15, 19; Q pp. 23, 26, 29–30

Abertura integrada é uma condição de funcionamento

A obra tem sequência; o nascimento proposto reúne órgãos funcionando de verdade, com equipes, recursos e responsabilidades compatíveis.

Antes

Academia no canteiro e formação de quem constrói.

Ao receber

Hotel, mesa, produção, formação, cuidado, regeneração e primeiras moradias.

Memória

Preservar compromisso; memorial específico depende de vontade comunitária.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 16–18; Q pp. 22, 25–26

10

Arquitetura e implantação

O chão, o clima e os percursos orientam a localização e a forma de construir.



Quatro partidos partilham a mesma base

As alternativas da sede conservam raiz, arco de quartos e respiro; o momento de ramificação do caminho varia.

A e B

Verticilos e Copa.

C e D

Bifurcação e Pinhal.

Escolha aberta

Comparar sobre topografia, conservação, serviço, percurso e operação comuns.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 18, 20–21, 24; Q p. 30

Verticilos e Copa permanecem alternativas

As denominações identificam partidos em desenvolvimento; o acervo textual não permite reconstruir seus desenhos nem declarar preferência técnica.

A · Verticilos

Avaliar a ramificação com o programa comum.

B · Copa

Aplicar os mesmos critérios e restrições.

Comparação proposta

Registrar efeitos sobre percurso, serviço, paisagem e implantação.

N pp. 18, 20–21, 24; Q p. 30

Bifurcação e Pinhal pedem a mesma verificação

Nenhuma alternativa recebe vantagem presumida pelo nome; todas precisam demonstrar compatibilidade com patrimônio, ecologia e operação.

C · Bifurcação

Verificar organização de caminhos e destinos.

D · Pinhal

Verificar as mesmas exigências de programa e suporte.

Registro proposto

Comparar ganhos, conflitos e dependências sobre a mesma base.

N pp. 18, 20–21, 24; Q p. 30

A implantação fixa o que permanece intocado

O Conceito estabelece uma ordem: primeiro as condições do chão, depois os edifícios em diálogo com matéria e clima.

01

1 · Território

Capacidade, visitação, trilhas, acessos e áreas sem programa.

02

2 · Implantação

Onde construir e onde conservar.

03

3 · Edifícios

Madeira, terra, clima e conhecimento; briefing comum.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 18, 20–21, 24; Q p. 30; I p. 5; N pp. 13, 20–21, 24; Q pp. 5, 26–27

Infraestrutura deve acompanhar usuários e picos

Disponibilidade de sistemas não pode ser presumida; a leitura operacional precisa reunir demanda cotidiana, eventos e implantação.

Sistemas

Verificar energia, abastecimento e saneamento.

Resíduos

Quantificar geração, armazenamento, segregação e destinação.

Mobilidade

Acessos, estacionamento, serviço, moradores e emergência; preservar o acesso religioso.

N pp. 20–24; I pp. 7–8; Q pp. 22, 30

11

Referências e aprendizagem

Vinte e sete casos oferecem mecanismos, condições e limites para pensar a Fortaleza.



Aprender mecanismos, reconhecer condições de transferência

Vinte e sete referências ampliam o projeto. Cada caso oferece uma prática e condições que limitam sua transferência.

Seis famílias

Hospitalidade; conservação e ciência; mesa e formação; caminhos e cultura; memória e protagonismo; comparação territorial.

Aplicação

Traduzir o mecanismo para um problema da Fortaleza, identificando responsáveis, recursos e forma de experimentar.

Limite

Porte, renda, filantropia e história dos precedentes não validam automaticamente demanda, capacidade ou retorno local.

Q pp. 9–10

01 · Barrocal: preservar pelo uso cotidiano

No Alentejo português, produção, família e hospitalidade compartilham um conjunto rural restaurado, oferecendo uma referência de continuidade entre usos.

Mecanismo

Intervenção contida e manutenção preservam a leitura do patrimônio enquanto os espaços seguem habitados.

Aplicação

Planejar conservação e funcionamento da vila, com usos compatíveis e responsabilidades permanentes de cuidado.

Limite

Luxo europeu, 780 hectares e capital do precedente não demonstram preço ou capacidade da Fortaleza.

Q pp. 9–10

02 · Sextantio: o hotel encontra a vila

Em Santo Stefano di Sessanio, Abruzzo, quartos distribuídos e pesquisa da vida local aproximam hospedagem, memória e tecido urbano existente.

Mecanismo

Arquivo, história oral e conhecimento antropológico precedem decisões de restauro e desenho da experiência.

Aplicação

Investigar imóveis e moradores interessados antes de propor um pouso distribuído no centro de Tibagi.

Limite

Aquisição e reabilitação exigem capital, preservação e regras que enfrentem o risco de gentrificação.

03 · Fogo Island: mostrar quem recebe

Em Terra Nova, Canadá, a hospedagem participa de uma estrutura de arte, patrimônio e negócios comunitários vinculada à Shorefast.

Mecanismo

O rótulo Economic Nutrition explicita o destino dos recursos e torna visível a missão territorial.

Aplicação

Construir um método verificável para comunicar salários, compras, serviços e benefícios locais da operação.

Limite

Filantropia inicial e reinvestimento do precedente não são recursos nem compromissos já assegurados para Fortaleza.

04 · Blackberry: identidade exige coerência operacional

Em Walland, Tennessee, mesa, serviço próximo e identidade familiar sustentam uma marca de hospitalidade que posteriormente ampliou sua atuação.

Mecanismo

A experiência resulta da consistência entre alimentação, atendimento, produção e decisões continuadas de marca.

Aplicação

Definir padrões de serviço e identidade vinculados à Fortaleza antes de pensar em expansão ou replicação.

Limite

Renda americana, capital e grande área impedem usar suas 68 acomodações como validação do porte local.

05 · Catuçaba: uma comparação brasileira de produto

Em São Luiz do Paraitinga, São Paulo, casa, mesa e natureza articulam uma experiência rural.

Mecanismo

A relação entre hospedagem, paisagem e mesa produz uma proposta reconhecível no contexto brasileiro.

Aplicação

Comparar composição do serviço, alimentação e duração da estadia, preservando diferenças de localização e público.

Limite

Q cita R$ 1.453 em novembro de 2026: preço público pontual, sem representar diária média ou procura paranaense.

Q pp. 11, 23

06 · Knepp: diversificar a economia da paisagem

Em West Sussex, Inglaterra, regeneração, visitas, camping, loja e venda de carne relacionam manejo territorial e atividades econômicas distintas.

Mecanismo

A experiência apresenta processos ecológicos reais e combina receitas com operação e custos próprios.

Aplicação

Testar visita acompanhada, produtos e manejo, calculando margens separadas antes de integrar os resultados.

Limite

Escala, mercado londrino e subsídios diferem; os números financeiros citados em Q têm bases não conciliadas.

07 · Mashpi: a pesquisa orienta a experiência

Em Mashpi, no Chocó andino equatoriano, pesquisa e guiamento aproximam visitantes do conhecimento produzido na conservação.

Mecanismo

Equipe científica, monitoramento e interpretação transformam observação da natureza em aprendizado sustentado por evidências.

Aplicação

Definir questões de pesquisa e linha de base antes de abrir atividades associadas à estação de campo.

Limite

Área, biodiversidade e financiamento diferem; descobertas de espécies e royalties do precedente não constituem metas locais.

08 · Inkaterra: rede e associação compartilham missão

No Peru, rede hoteleira e associação articulam hospitalidade, pesquisa e conservação numa trajetória institucional.

Mecanismo

Funções distintas permitem relacionar operação comercial e programas de conhecimento com continuidade de atuação.

Aplicação

Definir o que cabe ao hotel e à eventual instituição, incluindo recursos, responsabilidades e prestação de contas.

Limite

Resultados agregados de vários hotéis não dimensionam uma fazenda; parceiros do precedente não são parceiros confirmados da Fortaleza.

09 · Instituto Terra: formar enquanto se restaura

Em Aimorés, Minas Gerais, restauração, viveiro e formação de jovens aproximam conhecimento técnico, permanência e cuidado continuado da paisagem.

Mecanismo

Aprendizagem, bolsa e moradia sustentam uma trajetória de formação vinculada a trabalho técnico real.

Aplicação

Dimensionar viveiro e Academia segundo ecologia, financiamento e oportunidades profissionais verificáveis no território.

Limite

Doações e parcerias sustentam a instituição; sua capacidade de mudas não é meta nem receita hoteleira da Fortaleza.

10 · Ibiti: moradores participam da hospitalidade

Na Mantiqueira mineira, moradia, trabalho e hospitalidade integram uma trajetória de regeneração, incluindo a Vila Mogol.

Mecanismo

A presença cotidiana de moradores relaciona cuidado, serviços e vínculos que vão além da visita turística.

Aplicação

Desenhar Casas Vivas e trabalho local com regras de convivência, permanência e distribuição de responsabilidades.

Limite

Mais de quatro décadas e grande extensão territorial impedem transferir custos, programas de fauna ou resultados diretamente.

11 · Legado das Águas: conservação com parceiros

No Vale do Ribeira paulista, uma reserva industrial estrutura turismo científico, pesquisa e experiências de natureza.

Mecanismo

Conservação, conhecimento e visitação se articulam com equipe, governança e capacidade financeira de origem corporativa.

Aplicação

Definir um projeto de pesquisa ou manejo concreto antes de buscar cooperação com instituições interessadas.

Limite

A escala industrial não se transfere; a história de Monte Alegre não comprova adesão ou financiamento da Klabin.

12 · Alladale: exclusividade como modalidade complementar

Nas Highlands escocesas, um lodge de sete quartos recebe pequenos grupos em uso exclusivo, relacionando serviço, paisagem e bem-estar.

Mecanismo

Uma casa inteira pode concentrar atendimento e programação para um grupo com necessidades compartilhadas.

Aplicação

Estudar uma modalidade complementar para grupos, preservando acessos públicos e a abertura territorial da fazenda.

Limite

Exclusividade como eixo central tensiona o conceito; receita elevada e baixo impacto ainda precisam ser demonstrados localmente.

13 · Ballymaloe: a escola nasce de uma prática

Em Shanagarry, Irlanda, cozinha evoluiu para hotel, loja e escola com alojamento vinculados à produção.

Mecanismo

Competência culinária, reputação e prática cotidiana antecedem a ampliação para formação remunerada e hospedagem estudantil.

Aplicação

Testar mesa, fornecedores e um primeiro curso antes de ampliar espaços, equipes ou metas da Academia.

Limite

Décadas de construção e liderança pessoal impedem tratar a sequência como receita automática ou demanda já disponível.

Q p. 14

14 · Stone Barns: colaborar preservando funções próprias

Em Pocantico Hills, Nova York, Stone Barns e Blue Hill colaboram em produção, pesquisa e alimentação.

Mecanismo

Missão educativa e operação gastronômica se relacionam sem tornar equivalentes seus custos, responsabilidades e objetivos.

Aplicação

Pactuar como restaurante, Academia e eventual Instituto compartilham produção, pessoas e espaços da Fortaleza.

Limite

Proximidade de Nova York e acesso a doadores são condições particulares; financiamento e governança locais precisam de prova.

15 · Babylonstoren: produção também recebe visitantes

Nos Cape Winelands, África do Sul, jardim produtivo, restaurantes, hotel, vinícola e loja conectam cultivo, consumo e visita do dia.

Mecanismo

A produção organiza percursos e amplia os motivos de visita para além dos hóspedes.

Aplicação

Testar jardim visitável, mesa e venda direta com custos, capacidade e regras de acesso definidos.

Limite

Cobranças precisam distinguir áreas e serviços; jamais alcançar ou condicionar o acesso à capela.

Q p. 14

16 · Canastra: a origem é uma construção coletiva

Na região da Canastra, Minas Gerais, produtores organizados relacionam práticas, território e reconhecimento de origem em torno do queijo.

Mecanismo

Organização coletiva e critérios compartilhados sustentam identidade, rastreabilidade e diferenciação do produto regional.

Aplicação

Identificar produtores, práticas e objetivos comuns antes de escolher um produto ou buscar reconhecimento.

Limite

Uma indicação geográfica depende de processo próprio; a fazenda não pode assumir propriedade de uma identidade regional.

17 · Pinhão: renda ligada à araucária

Na Serra Catarinense, a Fortaleza Slow Food do Pinhão articula coletores e práticas alimentares em nove municípios.

Mecanismo

A valorização do alimento aproxima renda, conhecimento cultural e continuidade da paisagem de araucárias.

Aplicação

Apoiar produtores, conhecer a cadeia e organizar compras e mesa antes de prometer produção própria relevante.

Limite

Fazenda Fortaleza e Fortaleza Slow Food são denominações distintas; não há filiação ou candidatura local confirmada.

Q pp. 14–15

18 · Tiradentes: várias mesas fazem um destino

Em Tiradentes, Minas Gerais, uma programação gastronômica distribuída articula cozinhas e amplia a visibilidade cultural de uma cidade histórica.

Mecanismo

Uma rede de mesas transforma práticas existentes em programação compartilhada e razões de viagem.

Aplicação

Começar nos Campos Gerais com cozinhas interessadas, responsabilidades claras e edição pequena sujeita a avaliação.

Limite

Divulgação e reconhecimento externo não comprovam retorno financeiro; o evento precisa nascer de vida culinária própria.

19 · Camino: a credencial registra uma experiência

Na Espanha e em outras rotas europeias, caminhos, pousos e credenciais relacionam deslocamento, acolhimento e uma tradição religiosa singular.

Mecanismo

O registro voluntário acompanha a jornada e conecta serviços, memória e reconhecimento do percurso.

Aplicação

Experimentar identificação de pousos e percurso, preservando liberdade de participação e gestão compartilhada da rede.

Limite

Escala histórica e religiosa não estima procura local; passaporte turístico não pode condicionar acesso à fé.

20 · Caminho da Fé: a rede precisa operar

Entre São Paulo e Minas Gerais, caminhos, hospedagens e apoios estruturam acolhimento vinculado ao deslocamento religioso.

Mecanismo

Gestão profissional, informação e pontos de apoio tornam possível uma experiência distribuída entre operadores.

Aplicação

Pactuar manutenção, reservas, atendimento e remuneração antes de divulgar um Caminho do Pouso comercializável.

Limite

Aparecida possui alcance nacional; dados de diferentes anos e ramais não dimensionam a procura pelo Bom Jesus.

21 · Transumância: o caminho transporta cultura

Em países europeus e mediterrâneos, o deslocamento sazonal de rebanhos reúne trabalho, alimentação, conhecimento e continuidade de laços comunitários.

Mecanismo

Práticas recorrentes mantêm relações entre territórios e dão sentido cultural ao deslocamento e à hospitalidade.

Aplicação

Pesquisar trajetos, ofícios e práticas tropeiras reais antes de criar uma programação de caminho.

Limite

Transumância e tropeirismo são diferentes; a analogia não produz reconhecimento patrimonial automático para rotas brasileiras.

Q p. 16

22 · Freixo do Meio: autonomia com regras comuns

Em Montemor-o-Novo, Portugal, projetos produtivos autônomos compartilham uma herdade agroecológica, combinando produção, mercado, visitas e conhecimento do lugar.

Mecanismo

Autonomia operacional convive com acordos sobre uso do território, manutenção e responsabilidades compartilhadas.

Aplicação

Definir contratos, riscos e distribuição de receitas das unidades produtivas antes de ampliar atividades.

Limite

Coexistência não elimina conflitos nem comprova sustentabilidade financeira; governança exige mediação e capacidade de execução.

23 · Inhotim: arte situada amplia a experiência

Em Brumadinho, Minas Gerais, obras e jardim botânico articulam paisagem, visitação e uma instituição cultural.

Mecanismo

A relação entre obra, percurso e ambiente amplia a experiência para além de uma coleção isolada.

Aplicação

Selecionar residências e trabalhos vinculados à matéria, à pesquisa e às relações locais da Fortaleza.

Limite

Investimento e trajetória institucional são excepcionais; acervo e volume de visitas não garantem vínculo local ou retorno.

24 · Whitney: recuperar nomes muda a narrativa

Na Louisiana, Estados Unidos, um museu coloca pessoas escravizadas no centro da interpretação, trabalhando nomes e relatos.

Mecanismo

Pesquisa nominal e perspectivas das pessoas atingidas reorganizam a forma de apresentar o passado.

Aplicação

Investigar trabalhadores, documentos e memórias com autoria, contexto e governança definidos com os envolvidos.

Limite

O formato museológico não ocupa toda a fazenda; memória situada deve coexistir com casa viva e hospitalidade.

Q p. 18

25 · Serra da Capivara: conhecimento sustenta a visita

No Piauí, pesquisa, interpretação e formação de guias articulam patrimônio arqueológico, conservação e trabalho relacionado à visitação responsável.

Mecanismo

Conhecimento científico e capacidade de atendimento sustentam o acesso ao patrimônio e sua compreensão.

Aplicação

Relacionar formação e roteiros a pesquisa, conservação, autorizações e capacidade efetiva dos lugares visitados.

Limite

Arte rupestre regional não autoriza abertura indiscriminada; períodos diferentes de visitação não formam comparação anual equivalente.

26 · Tenondé Porã: a comunidade decide como receber

Em Tenondé Porã, São Paulo, os próprios Guarani elaboram regras de visitação e decidem sobre formas de acolhimento.

Mecanismo

O protagonismo comunitário define sujeitos, protocolos, condições de participação e possibilidade de recusa.

Aplicação

Apoiar iniciativas que comunidades do Tibagi desejem construir, respeitando suas formas próprias de decisão.

Limite

O precedente não representa nem autoriza os Kaingang; a fazenda não pode oferecer aldeias como produto próprio.

27 · Cambará: o destino exige pacto territorial

Em Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, cânions, clima e articulação regional permitem comparar condições territoriais com Tibagi.

Mecanismo

A relação entre conservação, acesso, hospitalidade e moradores determina como o atrativo participa da economia.

Aplicação

Construir acordos regionais e acompanhar conflitos, permanência e distribuição de renda além do hotel.

Limite

Concessão e chancela não resolvem o destino sozinhas; “cidade-irmã” é expressão analítica, sem parceria formal.

12

Economia e testes

A ambição conceitual encontra as condições de procura, suporte e sustentação económica.



B p. 131

Teste 01 · o preço precisa sustentar a abertura

A configuração examinada por Q não se sustenta com hospedagem como receita principal; o problema exige recuperar a modelagem econômica.

Quebra

A recontagem dos doze testes resulta em quatro favoráveis, sete condicionais e uma quebra. São avaliações conceituais da fonte, não riscos encerrados.

Resposta

Comparar escala, receitas complementares e custos institucionais. A planilha v2 não foi recebida; os resultados citados não demonstram inviabilidade de toda hospedagem.

Q p. 22; Q p. 23

Teste 02 · a área orienta o papel da fazenda

A Fortaleza pode atuar como base regional, enquanto produção, regeneração e ocupação disputam uma área ainda a conciliar.

Condicional

A dimensão disponível pede compatibilização territorial. A afirmação sobre limite produtivo não substitui diagnóstico de solos, água e áreas efetivamente utilizáveis.

Resposta

Mapear capacidade e complementar a experiência com parceiros regionais. Grandes reservas inspiram formatos, sem provar produtividade ou capacidade de suporte na propriedade.

Teste 03 · a distância precisa de uma razão

A hipótese central é o Paraná de carro; visitantes distantes dependeriam de circuitos e motivos específicos de viagem.

Condicional

Curitiba aparece em Q a cerca de três horas a 3h40. São tempos citados, sujeitos a origem, itinerário, tráfego e condições de estrada.

Resposta

Testar duração, preço e razões de escolha por origem. Construir roteiros com operadores interessados antes de pressupor conversão de São Paulo ou exterior.

Teste 04 · o calendário deve produzir procura

Mesa, formação, ciência e caminhos podem oferecer razões de visita em diferentes estações e em dias úteis, além dos fins de semana.

Condicional

Um calendário anunciado não comprova ocupação. Grupos contratados, demanda espontânea e ações subsidiadas precisam aparecer separadamente na leitura dos resultados.

Resposta

Realizar edições pequenas, medir repetição e margem e fortalecer os assuntos com resposta observada. A programação deve caber na capacidade real da equipe.

Teste 05 · a diferença precisa ser percebida

Q aposta na combinação de casa, mesa, história e hospitalidade para diferenciar a Fortaleza diante da oferta familiar próxima.

Aguenta

Itáytyba é citada a cerca de dois quilômetros. A confiança conceitual na diferenciação não substitui comparação de produto, preço e qualidade percebida.

Resposta

Testar motivos de escolha e complementaridades possíveis. Uma relação de parceria depende de negociação; a capela mantém função religiosa e acesso próprio.

Teste 06 · a história precisa de autoria

A memória difícil deve encontrar lugar e linguagem próprios, com participação dos envolvidos e sem transformar violência em atração comercial.

Condicional

Q exige escuta antes da narrativa. A fazenda não representa a voz das comunidades nem pode presumir autorização para imagens, relatos ou interpretações.

Resposta

Pactuar autoria, contexto, acesso e revisão de registros. Tratar divergências e recusas como elementos capazes de alterar ou impedir conteúdos específicos.

Teste 07 · a tese admite a recusa

O pouso pode existir sem narrar por terceiros; a participação comunitária tem valor próprio e precisa ser voluntária.

Aguenta

Memorial e conteúdos compartilhados dependem do interesse e da autorização dos envolvidos. Consentimento não é genérico, definitivo nem equivalente à presença numa escuta.

Resposta

Reconhecer sujeitos e formas de decisão distintas. Preservar o direito de recusa, revisão e retirada, sem condicionar benefícios à participação na narrativa.

Teste 08 · a formação precisa de trajetória

Canteiro, Academia, bolsas e moradia podem ampliar capacidades locais quando articulados a trabalho técnico, financiamento e oportunidades profissionais efetivas.

Condicional

A suposta falta de equipe qualificada é questão a investigar. Os anexos não trazem diagnóstico suficiente para apagar competências já existentes no município.

Resposta

Identificar saberes, lacunas e parceiros de formação. Dimensionar supervisão, custos e contratação; alojamento estudantil é proposta nova, sem operação ou financiamento demonstrados.

Teste 09 · a base antecede os compromissos

Perímetro, titularidade, situação registral e forma das Casas Vivas precisam de evidência conciliada antes de compromissos com terceiros.

Condicional

N declara a penhora resolvida; D e Q pedem comprovação da baixa da R-23. A divergência documental não estabelece por si só o estado atual.

Resposta

Relacionar matrícula, titular, perímetro e edificações. Obter pareceres sobre os instrumentos pretendidos e documentos atualizados, sem converter o dossiê em certidão jurídica.

Teste 10 · o conforto permite viver as estações

Frio, chuva e geada integram a experiência quando arquitetura, circulação e programação oferecem proteção, alternativas e manutenção.

Aguenta

O veredito de Q é conceitual. Transformar o frio em experiência exige envoltória adequada, percursos protegidos, operação preparada e orçamento de conservação.

Resposta

Testar alternativas para dias adversos e compatibilizar conforto com patrimônio e paisagem. Programas de bem-estar precisam funcionar nas condições locais, não apenas na imagem.

Teste 11 · o pouso precisa funcionar sem o parque

Fazenda e região devem sustentar estadias quando o Guartelá estiver fechado, limitado ou indisponível.

Aguenta

Q menciona mais de quarenta atrativos em Tibagi. A contagem não demonstra acesso, funcionamento ou adequação de todos a qualquer perfil de visitante.

Resposta

Organizar uma carteira verificada de alternativas, com condições de atendimento e cancelamento. A experiência depende de acordos reais e informações atualizadas de cada operador.

Teste 12 · crescer deve preservar a permanência local

Casas Vivas, empregos e compras locais precisam contribuir para a permanência de moradores e acompanhar efeitos sobre o entorno.

Condicional

Reservas para residentes de ofício e transparência econômica são respostas propostas. Sua existência não elimina automaticamente pressões imobiliárias ou deslocamentos de moradores.

Resposta

Definir acesso, encargos e permanência na moradia; acompanhar condições do entorno e conflitos. O compromisso de povoamento exige solução econômica e instrumentos verificáveis.

Preços públicos orientam perguntas, não receita realizada

Q reúne preços públicos de 2026 com condições distintas. A comparação pede data, categoria, refeições e regras equivalentes antes de orientar decisões.

Referência em Q	Valor citado	Leitura correta
Tibagi · Booking	R$ 253	Preço a partir de; não é média.
Itáytyba · Booking	R$ 817	Maior preço visto pela fonte.
Catuçaba · TripAdvisor	R$ 1.453	Outro produto; referência pontual.

Q p. 23, figura 6; Q p. 11

Premissa comercial e equilíbrio respondem a perguntas diferentes

O estudo v2 citado em Q usa uma hipótese de diária e calcula valores que zerariam o investimento em determinado horizonte.

Premissa v2

R$ 1.100 com meia pensão é hipótese de modelagem; precisa de teste de procura e composição do serviço.

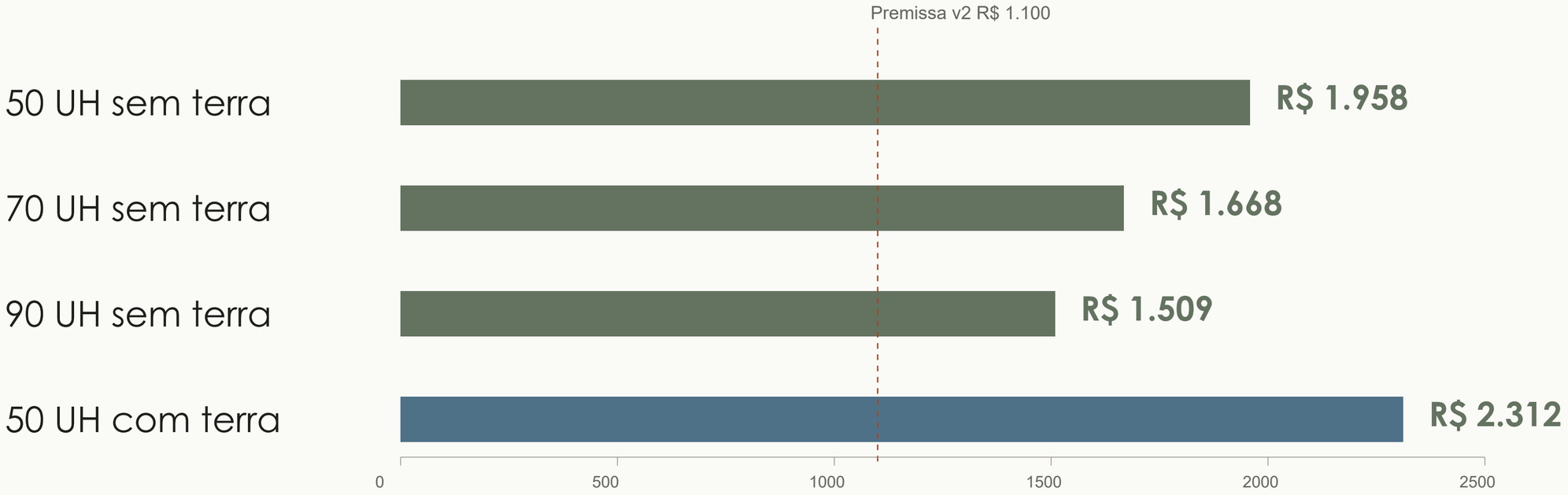
Equilíbrio do investimento

VPL zero a 10% real em quinze anos não é equilíbrio operacional anual. A planilha de 05/11/2026 não integra o acervo recebido.

Q p. 23, figura 6

A escala reduz a diária no modelo citado

Os cenários de Q permitem comparar uma sensibilidade econômica. Não demonstram capacidade territorial, ocupação alcançável ou porte aprovado para implantação.



VPL zero a 10% real em 15 anos. Estudo v2 citado em Q, não recebido. Premissa de R$ 1.100 com meia pensão.

Q p. 23, figura 6. UH significa unidade habitacional.

Receitas complementares precisam demonstrar margem

Restaurante, cursos, visita ao jardim e venda direta podem ampliar receitas e frequência de uso, desde que os custos apareçam integralmente.

Testar por atividade

Registrar preço, volume, equipe, insumos e atendimento incremental. Uma casa movimentada não significa resultado positivo.

Integrar depois

Combinar atividades que compartilham recursos sem perder qualidade. Comparar sazonalidade e capacidade antes de usar receitas futuras para financiar expansão.

Q p. 23; Q pp. 26, 29

A missão precisa de financiamento próprio

Uma instituição separada pode acessar instrumentos específicos e organizar responsabilidades de longo prazo, mas sua criação não elimina custos do conjunto.

Fontes possíveis

Doações, editais, parcerias e serviços ambientais dependem de elegibilidade, contratos e recursos efetivos; nenhuma receita está assegurada nos anexos.

Conta consolidada

Calcular hotel e missão separadamente e em conjunto. Explicitar transferências, pessoal, imóveis e serviços compartilhados antes de concluir sobre viabilidade.

Q p. 23; Q pp. 26, 29

13

Horizontes de desenvolvimento

Casa, rede e território abrem possibilidades com condições de passagem explícitas.



B p. 154

Horizonte 1 · fazer a casa funcionar inteira

Nos anos indicativos zero a três, Q propõe uma abertura integrada, com hospitalidade, mesa, formação e cuidado presentes desde o começo.

Conjunto inicial

Pouso, capela aberta, Academia no canteiro, regeneração e primeiras Casas Vivas precisam de funções reais, equipes e recursos.

Sinal de avanço

Observar estabilidade operacional, grupos em dias úteis e compras locais demonstradas. A abertura depende de integridade e sustentação, não apenas de calendário.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 25; Q p. 29

Horizonte 2 · uma rede distribui a permanência

Entre os anos indicativos três e sete, caminhos, pousos parceiros e calendário compartilhado podem ampliar o alcance territorial da experiência.

Conjunto ampliado

Articular Tibagi, Guartelá e outros lugares com parceiros interessados, gestão de percursos e divisão explícita de responsabilidades.

Sinal de avanço

Verificar parceiros ativos, uso dos caminhos e gasto fora da fazenda. A rede depende de acordos reais; o prazo não autoriza crescimento automático.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 25

Horizonte 3 · participar de um território reconhecido

Entre os anos indicativos sete e quinze, a Fortaleza pode apoiar reconhecimento regional e eventual replicação de práticas que tenham demonstrado resultado.

Ambição coletiva

Geoparque, mesa regional e outras Fazendas Vivas dependem de vários atores. A fazenda participa sem assumir propriedade do reconhecimento.

Sinal de avanço

Resultados duráveis e adesões externas podem justificar novos passos. Estabilização populacional é aspiração territorial, sem garantia ou atribuição exclusiva ao empreendimento.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 25

Provocação 1 · construir o Caminho do Pouso

Uma rota a pé, de bicicleta e a cavalo pode relacionar paisagem, acolhimento e memória tropeira em uma rede de pousos.

Primeiro passo

Levantar o trecho fazenda–Tibagi–Santa Rosa com interlocutores interessados e testar uma experiência acompanhada.

Condição

Pactuar acesso, segurança, manutenção e associação gestora; a fazenda não opera o território sozinha.

Cuidado

Qualquer passaporte é voluntário. Capela e romaria mantêm acesso gratuito, independente e consentimento próprio.

Q pp. 25–26

Provocação 2 · estudar um Instituto Fazenda Fortaleza

Uma entidade pode organizar Academia, regeneração, memória e viveiro, distinguindo continuidade da missão e responsabilidades comerciais.

Primeiro passo

Produzir parecer jurídico e desenho de governança com participação dos interessados e orçamento próprio.

Condição

Definir relação com hotel e Nidum, recursos compartilhados, prestação de contas e responsabilidades de decisão.

Cuidado

A criação é hipótese. Duplicação administrativa e confusão entre missão e promoção comercial são riscos concretos.

Q pp. 25–26

Provocação 3 · testar o viveiro da gralha

Um viveiro pode produzir araucárias e espécies campestres conforme a ecologia e a procura regional.

Primeiro passo

Ensaiar uma unidade na faixa de serviço, com responsável técnico, licenciamento e possíveis interlocutores especializados.

Condição

Distinguir ambientes, proveniência e finalidade das espécies; campo nativo não é área a florestar indiscriminadamente.

Cuidado

Mercado de mudas e capacidade financeira precisam de teste. A escala do Instituto Terra não é meta local.

Provocação 4 · reunir a mesa dos Campos Gerais

Uma semana de mesas regionais pode conectar cozinhas, produtores e visitantes a práticas alimentares que já possuem vida própria.

Primeiro passo

Propor edição pequena em torno de 16/10/2027, com produtores e locais interessados, sujeita à pactuação.

Condição

Valorizar cozinha tropeira, imigrante e de fazenda, com compras e responsabilidades econômicas claramente distribuídas.

Cuidado

Slow Food e outros reconhecimentos são possibilidades coletivas, sem candidatura ou adesão confirmadas.

Provocação 5 · aproximar pouso e cidade histórica

Quartos em imóveis históricos de Tibagi poderiam integrar a rede e aproximar pernoite, vida urbana e conservação do patrimônio existente.

Primeiro passo

Inventariar imóveis vazios e conversar com proprietários antes de desenhar uma operação compartilhada.

Condição

Estabelecer regras de restauro, investimento, serviço e preservação da função residencial do centro.

Cuidado

Disponibilidade imobiliária e adesão não foram demonstradas. A expansão pode pressionar preços e deslocar moradores.

Provocação 6 · criar uma estação de campo

Uma base de pesquisa pode aproximar campo nativo, fauna e patrimônio arqueológico dos visitantes, com rigor e autonomia científica.

Primeiro passo

Definir perguntas, equipe e monitoramento de base; UEPG e GUPE são interlocutores potenciais, sem acordo apresentado.

Condição

Compatibilizar visita, capacidade, conservação e autorizações, inclusive patrimoniais quando aplicáveis ao objeto da pesquisa.

Cuidado

Financiamento é necessário; os 439 táxons citados são regionais, não inventário da propriedade.

Provocação 7 · compartilhar a gestão da memória

Memorial da pedreira e registro de nomes ganham sentido quando comunidades interessadas participam da decisão e da autoria.

Primeiro passo

Realizar escutas antes de peças, projetos ou divulgação; respeitar formas próprias de representação e recusa.

Condição

Pactuar autoria, acesso, revisão e gestão dos registros com Kaingang, descendentes e demais envolvidos.

Cuidado

O memorial depende da vontade das comunidades. A fazenda não pode falar por elas.

Provocação 8 · reservar moradia para ofícios

Parte das Casas Vivas pode acolher artesãos, mestres, pesquisadores e artistas, vinculando presença cotidiana, cuidado e trabalho no território.

Primeiro passo

Estudar um núcleo na Gleba 4, depois do parecer jurídico e do desenho econômico da reserva.

Condição

Definir elegibilidade, encargos, permanência, sucessão e convivência entre perfis de moradores, com responsabilidades verificáveis.

Cuidado

A reserva precisa de financiamento. Módulos de dois hectares não demonstram admissibilidade de parcelamento.

Provocação 9 · apoiar a construção do Geoparque

A Fortaleza pode apoiar articulação dos Campos Gerais, conectando patrimônio geológico, cultural e ambiental à agenda regional.

Primeiro passo

Dialogar com municípios, SGB, UEPG e interessados para conhecer o estágio e as necessidades da proposta.

Condição

Apoiar uma construção coletiva, com responsabilidades distribuídas e continuidade institucional para além do empreendimento.

Cuidado

Campos Gerais não é reconhecimento já concedido. A fazenda não pode prometer chancela ou protagonismo exclusivo.

Provocação 10 · provar antes de replicar

A experiência pode informar outras Fazendas Vivas quando resultados, limites e condições de aplicação estiverem documentados.

Primeiro passo

Registrar decisões e indicadores desde o início, incluindo práticas abandonadas, conflitos e dificuldades de implantação.

Condição

Demonstrar funcionamento de uma operação antes de transportar o método para outro ativo ou território.

Cuidado

Replicação precisa preservar histórias e contextos; expansão de marca não comprova benefício ou viabilidade em outro lugar.

Princípios 1–3 · uso, escala e missão

Intenções precisam virar critérios de ocupação, funcionamento e responsabilidade, compatíveis com o lugar.

01 Restaurar vivendo

Conservar pelo uso compatível, com intervenção necessária e manutenção contínua, sem reconstrução cenográfica.

02 Pequeno como posicionamento

Priorizar proximidade e serviço; as faixas de unidades continuam hipóteses dependentes de capacidade e demanda.

03 Casa e instituição

Articular negócio e missão com funções distintas, contratos claros e prestação de contas sobre recursos compartilhados.

Princípios 4–6 · transparência, regeneração e mesa

Tornar visíveis relações econômicas e ambientais permite testar a proposta antes de ampliar estruturas.

04 Publicar quem ganha

Explicitar distribuição econômica com método, período, base e geografia definidos; prevenir dupla contagem.

05 Medir e mostrar

Estabelecer linha de base ecológica e comunicar resultados e limites, respeitando objetivos de conservação.

06 Mesa primeiro

Testar cozinha, fornecimento e procura. A escola cresce a partir de competências e práticas demonstradas.

Princípios 7–9 · formação, rede e povoamento

Permanência exige trabalho, circulação e moradia com condições reais de continuidade cotidiana.

07 Formar antes de operar

Integrar aprendizagem à implantação com segurança e supervisão; canteiro-escola não substitui trabalho qualificado.

08 Pouso em rede

Organizar experiências externas com acordos e remuneração; território não é extensão privada do hotel.

09 Povoar com vínculo

Relacionar moradia, trabalho e cuidado por regras comuns; a venda isolada não demonstra formação de comunidade.

Princípios 10–12 · memória, coletivos e prova

Crescer exige preservar autoria, decisão comunitária e resultados demonstrados antes de qualquer expansão.

10 Memória situada

Construir registros com nome, contexto e consentimento; a fazenda não representa quem não participou.

11 Coletivo compartilhado

Caminhos, festivais, indicações geográficas e geoparques exigem construção conjunta, sem apropriação exclusiva do reconhecimento.

12 Prova antes de escala

Realizar pilotos, avaliar custos e efeitos e ajustar o programa antes de ampliar ou replicar.

Inovação 1 · organizar direitos e graus de acesso

O gradiente funcional distingue usos comuns, visita, hospedagem, moradia e áreas naturais, permitindo convivência sem transformar a fazenda em enclave.

Desenho de operação

Dar clareza a acessos, horários, percursos e responsabilidades de cada uso, respeitando capacidade e conforto de quem participa.

Condição essencial

O gradiente não corresponde a anéis físicos. Nenhum acesso reservado pode bloquear a porta gratuita e independente da capela.

Diagrama conceitual, sem escala. D pp. 11–12; Q pp. 25–26

Inovação 2 · fazer o caminho gerar relações

Uma rede de pousos pode conectar Tibagi, saltos, Guartelá e outros lugares por percursos rurais e acolhimentos pactuados entre operadores.

Desenho de operação

Levantar trechos, classificar condições e definir manutenção, informação e atendimento antes de anunciar rotas a pé, de bicicleta ou a cavalo.

Condição essencial

A BR-153 não deve ser presumida como percurso pedonal. A rede precisa de acessos seguros, acordos e responsabilidades além da fazenda.

Inovação 3 · vincular a casa ao cuidado

As Casas Vivas podem relacionar moradia, regeneração, cultivo e participação na roda do ano, ampliando a presença cotidiana no território.

Desenho de operação

Definir deveres, direitos, manutenção e convivência, com possibilidade de residentes de ofício e complementaridade entre perfis de moradores.

Condição essencial

Forma jurídica, reserva de moradia e viabilidade comercial seguem pendentes. Valor percebido ou intenção de povoamento não substituem instrumentos e financiamento.

Inovação 4 · abrir a nutrição econômica

A distribuição dos recursos pode tornar o impacto local compreensível, mostrando quem participa da economia produzida pela hospedagem e pelas experiências.

Desenho de operação

Registrar salários, fornecedores, guias e artesanato por território, com critérios estáveis e demonstração periódica que permita comparação.

Condição essencial

O compromisso de reinvestimento integral do Fogo Island não está aprovado para Fortaleza. Transparência exige método, fonte e prevenção de dupla contagem.

Inovação 5 · construir razões para voltar

Pinhão, frio, água, mesa, pesquisa e caminhos podem organizar um calendário ligado à vida do lugar e às estações.

Desenho de operação

Testar ofertas sazonais e públicos de interesse específico, medindo retorno e custos para fortalecer programas com procura real.

Condição essencial

Romarias e festas têm vida própria e responsáveis locais. Datas citadas são referências de programação, sem confirmação de agenda futura.

Inovação 6 · começar a Academia no canteiro

Taipa, restauro, madeira, marcenaria e manejo podem aproximar implantação, aprendizagem e trabalho, desde que a formação tenha estrutura e supervisão.

Desenho de operação

Relacionar tarefas reais a formadores, recursos, segurança, critérios de aprendizagem e caminhos possíveis de inserção profissional.

Condição essencial

Alojamento não é programa educativo. Esmeralda e eventual moradia estudantil precisam de orçamento, gestão e compatibilidade com o uso originalmente previsto.

Inovação 7 · compartilhar o cuidado da paisagem

Caminhadas, observação de aves, sementes, horta e pesquisa podem aproximar visitantes dos processos que sustentam a continuidade da terra.

Desenho de operação

Oferecer experiências acompanhadas compatíveis com objetivos ecológicos e capacidade, mostrando linha de base, ações e resultados monitorados.

Condição essencial

Distinguir campo nativo de floresta. Plantar árvores indiscriminadamente pode contrariar a conservação; números regionais não equivalem a inventário da fazenda.

Inovação 8 · devolver nomes à memória

Trabalhadores, famílias, cozinheiras e romeiros podem ganhar registro com contexto e autoria, reunindo pesquisa documental e memória oral consentida.

Desenho de operação

Investigar trajetórias com os envolvidos e definir acesso, atribuição, guarda e revisão dos registros antes da comunicação pública.

Condição essencial

Referências gerais a Angola, Congo ou Moçambique não comprovam procedências individuais. A investigação específica e a participação comunitária permanecem necessárias.

Inovação 9 · criar a partir da matéria

Terra, pedra, cerâmica, madeira e fibra podem orientar residências e oficinas que relacionem prática artística, pesquisa e relações locais.

Desenho de operação

Selecionar propostas por pertinência material, processo, remuneração, vínculo comunitário e legado, com espaços e condições de trabalho definidos.

Condição essencial

Juan Parada, Vivi Rosa e Amanda Sanches são referências citadas, sem participação confirmada. Arte não deve ser reduzida a decoração da hospitalidade.

D p. 13; Q pp. 26, 29

Limites 1–4 · abertura, território e permanência

Os limites de Q orientam acesso, expansão e moradia, com instrumentos para verificar seu cumprimento.

Limite	Consequência para o projeto
01 Capela e romaria	Acesso gratuito e independente; nenhum condicionamento comercial.
02 Guartelá regional	Organizar visitas conforme regras; não prometer propriedade ou exclusividade.
03 Crescimento sustentado	Ampliar apenas com sustentação e capacidade demonstradas.
04 Casas com vínculo	Fazer o compromisso de povoamento funcionar além da venda.

Q p. 27; D pp. 10–13

Limites 5–7 · escuta, preço e construção coletiva

A ambição territorial reconhece autoria, preço viável e realizações que dependem de coletivos.

05 Memória com participação

Escutar antes de comunicar; a recusa pode impedir conteúdos, visitas ou memorial.

06 Preço do lugar

Referências externas inspiram serviço e formato, mas preço e demanda precisam de teste no mercado pertinente.

07 Coletivo compartilhado

Geoparque, indicação geográfica, festival e caminho são construções coletivas; a fazenda participa como parte.

14

Integridade e condições

Conservar, escutar e compatibilizar são parte do desenvolvimento do programa.



B p. 137

A capela precede o empreendimento

A primeira linha inegociável protege um uso religioso anterior à operação e orienta sua representação pública.

Regra 1

A capela não é amenidade nem diferencial comercial do hotel.

Tradução espacial

No Núcleo da Origem, nada acima ou à frente dela.

Verificação

Traduzir o enunciado em cotas, adro e relações visuais.

O romeiro chega por caminho próprio

A segunda linha exige independência entre devoção e hospedagem, tanto no desenho quanto no funcionamento cotidiano.

Regra 2

Acesso perpétuo, gratuito, direto e independente da recepção.

Condição documental

O registro em matrícula permanece pendente no conjunto recebido.

Operação

Preservar continuidade durante obras, eventos e controle de entrada.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 6–7; Q p. 27

A festa orienta a operação

O calendário religioso pertence ao território; a recepção de visitantes deve servir à celebração e respeitar sua autonomia.

Regra 3

Adaptar a operação à Festa do Santo.

Fluxos

Planejar acolhimento, apoio e circulação dos romeiros.

Limite

Não condicionar devoção ao consumo ou à hospedagem.

Restauro exige leitura do edifício

Relatos já disponíveis orientam a pesquisa, mas não substituem diagnóstico construtivo e documentação da capela atual.

Regra 4

Restauro conservador, precedido de laudo.

Evidência existente

Q incorpora do Book o relato de reconstrução em pedra após incêndio.

A verificar

Autoria, datas, sequência construtiva e estado de conservação.

N pp. 6–8; I p. 4; Q pp. 5–6, 22, 26

Celebração pressupõe continuidade religiosa

Novos usos cerimoniais precisam respeitar a devoção e a paróquia, sem transformar o patrimônio em cenário disponível.

Regra 5

Casamentos e novas celebrações seguem a régua da continuidade.

Interlocução

Construir condições com paróquia e comunidade devocional.

Estatuto

O estudo não comprova anuência nem autoriza locação.

N pp. 6–8; I p. 4; Q pp. 5–6, 22, 26

Romeiros participam antes do projeto executivo

A sexta linha estabelece prioridade de escuta para quem mantém o uso vivo e será afetado pelas mudanças.

Regra 6

Escutar romeiros antes do projeto executivo.

Registro

Documentar demandas, divergências e efeitos sobre o programa.

Decisão

Distinguir participação realizada de interlocução ainda proposta.

N pp. 6–8; I p. 4; Q pp. 5–6, 22, 26; N pp. 6–8, 23–24; I p. 4; Q pp. 22, 26–27, 30

Memória exige endereço e coautoria

A sede histórica integra o percurso; a forma de contar a história depende de evidências e participação das comunidades.

Sede histórica

Nomear casa-forte, cárcere e escravização, sem encenação.

Memorial

Q condiciona sua existência à vontade comunitária.

Curadoria

Distinguir documento, tradição oral e hipótese; identificar descendentes.

N pp. 6–8; I p. 4; Q pp. 5–6, 22, 26; N pp. 6–8, 23–24; I p. 4; Q pp. 22, 26–27, 30

Regeneração precisa mostrar mudança verificável

A diretriz abrange biodiversidade e ambientes distintos; sua contribuição depende de objetivos, linha de base e acompanhamento.

Conservar

Identificar remanescentes e áreas que permanecem sem programa.

Restaurar e manejar

Escolher técnicas para cada ambiente.

Acompanhar

Definir indicadores desde a etapa seguinte, sem substituir inventário por referências regionais.

N pp. 13–14; Q p. 29; I p. 5; N pp. 13, 20–21, 24; Q pp. 5, 26–27

Integridade cruza quatro origens e quatro valores

A matriz de dezesseis células é uma leitura crítica da origem; não representa pontuação de vocação ou aprovação.

Origens

História; memória e cultura viva; território; benefícios para Tibagi.

Valores

Beleza, Bondade, Justiça e Verdade.

Cuidado

Oito células usam mercado; quatro dependem exclusivamente dele em I.

Diagrama conceitual, sem escala. I pp. 3–4, 6–8; N p. 8; Q pp. 6, 26–27; I pp. 4, 6; N pp. 6–8; Q pp. 22, 26–27; I pp. 5–7; N pp. 15, 20; Q p. 5; I pp. 5–8; Q pp. 22, 30

Compatibilização de estresse

A tabela de Q registra 4 resultados favoráveis, 7 condicionais e 1 quebra.

Implicação para a equipe

A contagem 5/6/1 da síntese foi corrigida.

N pp. 17–19; Q pp. 22–23, 29–30; contagem conferida na tabela de Q p. 22.

Compatibilização de escala

50 UHs no partido; 50–70 no programa de Q; 70–90 no ensaio econômico.

Implicação para a equipe

Nenhuma faixa encerra o dimensionamento.

N pp. 17–19; Q pp. 22–23, 29–30; contagem conferida na tabela de Q p. 22.

Compatibilização de casa histórica

N mantém a sede sem programa novo; Q sugere almoço piloto na casa existente.

Implicação para a equipe

O espaço do piloto depende de conservação e definição de uso.

N pp. 17–19; Q pp. 22–23, 29–30; contagem conferida na tabela de Q p. 22.

Compatibilização de memória

Q condiciona o memorial à vontade das comunidades.

Implicação para a equipe

A abertura precisa prever escuta e cuidado, sem prometer memorial aprovado.

N pp. 17–19; Q pp. 22–23, 29–30; contagem conferida na tabela de Q p. 22.

15

Governança e próximos passos

Responsabilidades, pilotos e evidências tornam as próximas decisões concretas.



Meses 0–6 · conciliar a base e escutar

O primeiro ciclo combina documentos e relações. O mês zero precisa ser confirmado; os prazos indicativos não substituem evidências ou consentimento.

Base · meses 0–3

Conciliar perímetro, titularidade e R-23; produzir pareceres sobre Instituto e Casas Vivas antes de compromissos com terceiros.

Escutas · meses 0–6

Começar pelos romeiros, moradores e família e abrir diálogo com Kaingang e descendentes, respeitando representação, disponibilidade e direito de recusa.

Q p. 30; A p. 14; D p. 18

Meses 3–12 · testar mesa e caminho

Os primeiros ensaios devem produzir dados de procura, custo e experiência em espaços e percursos compatíveis com segurança, conservação e operação.

Mesa · meses 3–9

Testar almoços e temporada do pinhão, indicada para abril–julho de 2027. Registrar origem, retorno, atendimento e margem.

Rede · meses 6–12

Estudar o primeiro trecho e uma experiência tropeira em setembro de 2027. Datas e parceiros dependem de pactuação; nenhum trajeto está aprovado.

Q p. 30; A p. 14; D p. 18

Meses 6–12 · pactuar parceiros e mesa regional

A articulação institucional parte de responsabilidades concretas; uma edição pequena pode testar cooperação entre cozinhas e produtores.

Parcerias propostas

UEPG, GUPE, Turismo, Rota dos Tropeiros, Slow Food e SGB são interlocutores potenciais; interesse, recursos e acordos precisam de confirmação.

Mesa dos Campos Gerais

Q sugere edição próxima de 16/10/2027. Confirmar produtores, locais, gestão e orçamento, compatibilizando a data com o início efetivo do roteiro.

Meses 9–24 · aprender e compatibilizar o projeto

A leitura dos pilotos antecede o porte definitivo e orienta funções essenciais capazes de operar desde a abertura.

Leitura · meses 9–15

Rever preço, ocupação, refeições, grupos e custos. Distinguir procura recorrente e ações subsidiadas antes de redimensionar o nascimento.

Projeto · meses 12–24

Compatibilizar masterplan, sede e Academia no canteiro com a decisão. Expansão futura não dispensa integridade funcional na primeira abertura.

Responsabilidades claras tornam a integração possível

Diretriz proposta: definir decisão, execução, financiamento e prestação de contas antes de compartilhar recursos entre negócio e missão.

Hotel

Responder por serviço, equipe, contratos, manutenção e resultado, explicitando recursos e espaços compartilhados com outras frentes.

Instituto, se aprovado

Conduzir programas segundo missão, orçamento e governança próprios, com financiamento e obrigações efetivamente demonstrados.

Comitê

Deliberar sobre programa, limites e expansão, registrando responsáveis, condições de avanço e critérios de revisão.

Q pp. 23, 26, 29–30; D pp. 10, 18

Participar exige voz e regras de decisão

Diretriz proposta: pactos específicos reconhecem interesses distintos e capacidade efetiva de participação de comunidades e parceiros.

Comunidades

Pactuar autoria, acesso, remuneração e recusa; moradores, romeiros, Kaingang e descendentes não constituem um interesse único.

Parceiros

Definir escopo, atendimento, manutenção e responsabilidades; uma conversa não equivale a acordo ou compromisso de financiamento.

Estrutura

Separar organização jurídica, propriedade e operação. Compartilhar a Sede Nidum não torna hotel, Instituto e rede equivalentes.

Q pp. 23, 26, 29–30; D pp. 10, 18; Q p. 29

Medir permanência e distribuição econômica

O painel precisa de linha de base e definições estáveis para mostrar se a estadia se amplia e como a receita participa do território.

Permanência

Acompanhar noites e visitas externas, distinguindo hóspedes, reservas e estadias. Observar sazonalidade e motivos de escolha em cada público.

Nutrição econômica

Definir receita-base, geografia e despesas elegíveis para medir a parcela distribuída localmente. Prevenir dupla contagem; metas só após os pilotos.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 30; A p. 13; D p. 17

Medir rede e trajetória de formação

Passaportes, parceiros e pessoas formadas só esclarecem resultados quando a contagem distingue participação, atividade efetiva e continuidade das relações.

Rede

Definir parceiro ativo, período e uso do percurso. Vendas de passaportes não demonstram sozinhas gasto distribuído ou qualidade do acolhimento.

Ofício

Separar presença, conclusão e inserção profissional. Acompanhar equipe residente em Tibagi e trajetórias após a formação, sem presumir contratação de todos.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 30; A p. 13; D p. 17

Medir regeneração e origem da mesa

As duas dimensões relacionam cuidado ecológico e abastecimento, mas precisam de unidades e critérios próprios para tornar seus resultados interpretáveis.

Regeneração

Registrar área, manejo, invasoras e espécies com linha de base e esforço de observação. Atividade realizada não comprova recuperação ecológica.

Mesa

Medir refeições de não hóspedes e origem dos insumos. Definir percentual por valor, peso ou categoria, distinguindo produção própria e compras dos vizinhos.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 30; A p. 13; D pp. 13, 17

Medir memória sem apropriar a vida municipal

O acompanhamento deve preservar autonomia religiosa e autoria comunitária, enquanto indicadores públicos ajudam a compreender o contexto regional da operação.

Memória

Registrar escutas e nomes com consentimento e critérios de qualidade. Contagem de romeiros depende dos responsáveis e não constitui meta comercial.

Município

Acompanhar CAT, Guartelá e ISS turístico como contexto. Atendimentos não equivalem a visitantes únicos; variações municipais não podem ser atribuídas exclusivamente à fazenda.

Diagrama conceitual, sem escala. Q p. 30; A p. 13; D pp. 13, 17

O Comitê escolhe a direção e suas condições

Deliberar transforma hipóteses em decisões, preservando dependências de estudos, participação externa e financiamento.

Tese e instituição

Reconhecer ou recusar a tese do pouso e decidir se o Instituto merece desenvolvimento específico.

Rede e moradores

Deliberar sobre o primeiro levantamento do caminho e o compromisso de povoamento com residentes de ofício.

Dez provocações

Escolher o que entra, permanece em observação ou sai, indicando responsável e condição de revisão.

Q p. 30; A p. 14; D p. 18

A próxima decisão depende de evidências recuperáveis

Investimento e comercialização dependem de documentos conciliados, procura testada e recuperação dos estudos citados.

Base territorial

Vincular perímetro, titularidade, edificações e situação da R-23 à documentação correta e aos pareceres necessários.

Economia e ocupação

Recuperar viabilidade v2 de 05/11/2026 e ocupação de 07/10/2026; seus cálculos não puderam ser reproduzidos.

Pilotos e escutas

Definir responsáveis, registros e critérios de avanço. Uma decisão conceitual não equivale à autorização de implantação.

Q p. 30; A p. 14; D p. 18

Atualização jurídica precisa de comprovação vinculada

A declaração de resolução deve ser reconhecida; seu alcance precisa estar associado aos documentos do imóvel efetivamente abrangido.

N

Declara resolvida a penhora R-23.

D e Q

Solicitam comprovação da baixa.

Critério

Registrar certidão, data, matrícula e alcance; não presumir nova aprovação.

N p. 2; I pp. 2–3, 7–8; D p. 18; Q pp. 5, 22, 30

Instituto é hipótese institucional, não recurso assegurado

Q propõe uma instituição separada do hotel e da Nidum; a mudança de estrutura não elimina custos do conjunto.

Hotel

Hospedagem, mesa e operação comercial.

Instituição-irmã

Formação, regeneração, memória e viveiro.

Verificação

Forma, governança, financiamento e participação; doações, editais e serviços ambientais são possibilidades.

Q pp. 23, 26, 29–30; N pp. 13, 17–18

Escutas e conservação precedem promessas públicas

O programa permanece provável até as escutas; nenhuma formulação editorial comprova representação comunitária ou autorização de uso.

Participação

Romeiros, moradores, trabalhadores, família, Kaingang e comunidade descendente.

Patrimônio

Laudos da sede e capela antes de intervir.

Pilotos

Escolher espaços seguros e compatíveis; almoço na casa existente exige verificação específica.

N pp. 6–8, 23–24; I p. 4; Q pp. 22, 26–27, 30; N pp. 18–19; Q p. 30

Diligências devem liberar decisões específicas

Cada evidência tem finalidade de projeto; a equipe precisa reconhecer o que condiciona uma decisão e o que pode avançar.

Objeto

Conciliar matrícula, titularidade, CAR, servidões, perímetro e topografia.

Chão e patrimônio

Investigar água, solos, ecossistemas, construções e interfaces.

Programa

Compatibilizar áreas, usuários, equipe, custos e reservas.

Diagrama conceitual, sem escala. N pp. 20–24; I pp. 7–8; Q pp. 22, 30

Financiar o nascimento exige responsabilidades explícitas

A regra conceitual de cobertura da obra não comprova capital disponível; a estrutura financeira precisa de documentos e deliberação.

N

Terra como contribuição; exposição coberta antes da obra.

Responsabilidade

Casas pelo comprador em D0; hotel, comuns e alojamento pela sociedade.

Pendente

Sociedade, fonte de fôlego e prazo dos 120%.

N pp. 16–18; Q pp. 22, 25–26; N pp. 18, 24; Q pp. 29–30

Pendências específicas permanecem identificáveis

Q acrescenta novas formulações, sem encerrar automaticamente as referências metodológicas e verificações documentais herdadas do Conceito.

Princípios

Treze princípios e P9 de N não equivalem aos doze de Q.

Documentos

Método §15, EIA e lindeiros da PCH.

História e projeto

Autoria, datas, parentesco, serviço, lago e pontos de cura.

N pp. 18, 24; Q pp. 29–30

Preservar, testar e condicionar

A próxima decisão deve separar compromissos mantidos, ampliações candidatas e condições que ainda precisam de evidência.

Preservar

Capela, memória, áreas intocadas e abertura territorial.

Testar

Porte, mesa, Instituto, estudantes, uso compartilhado e moradias de ofício.

Condicionar

Escolha do partido e compromissos à base conciliada, laudos, pilotos e viabilidade.

N pp. 23–25; Q pp. 29–30

16

Caderno técnico de consulta

Programa, matrizes, calendário e registros numéricos preservam a base de trabalho.

B p. 159



Ficha cadastral e categorias de área

Os valores da ficha de Integridade precisam ser vinculados ao perímetro efetivo; categorias cadastrais não equivalem a área edificável.

Categoria	Registro de I	Leitura
Área total	207,2667 ha	Imóvel da ficha.
Servidão administrativa	2,4406 ha	Faixa rodoviária.
Área líquida	204,8261 ha	Total menos servidão.
Consolidada	133,6258 ha	Não é área projetável.
Remanescente nativo	71,0778 ha · 34,7% líquidos	Distinto da RL de 26%.

I pp. 2–3, 5; N p. 2; Q p. 5

Recortes territoriais e situação documental

A comparação preserva os registros de cada fonte e explicita o documento necessário para conciliar o objeto de planejamento.

Registro	Fonte	Condição
166 ha	N p.2; Q p.5	Perímetro do conceito.
207,27 ha / ≈208 ha	CAR em Q / Book	Distinguir de 166 ha.
≈1.300 alqueires / ≈3.100 ha	Investigação citada em I	Propriedade ampliada.
R-23	N: resolvida; D/Q: comprovar	Vincular baixa à matrícula.
Titularidade e bens	Herdeiros em I; matrícula versus Nidum em Q	Conferir instrumentos, casa e capela.

N p. 2; I pp. 2–3, 7–8; D p. 18; Q pp. 5, 22, 30

Glebas 1 a 3: base e reserva

As áreas são aproximações do estudo sobre fotografia aérea; topografia e capacidade de suporte antecedem sua definição de implantação.

Gleba	Área	Funções indicadas
1 · Sede	≈11 ha	Origem, vila, hotel, produção, formação e bem-estar.
2 · Noroeste	≈36 ha	Regeneração, agrofloresta e experiências a definir.
3 · Sul	≈15 ha	Reserva de hotel e experiências; sem data prometida.

N pp. 15–16; Q p. 5

Glebas 4 a 6: moradia e experiências

Os núcleos residenciais e as experiências dependem de acesso, topografia e capacidade; as glebas não incluem todo o imóvel.

Gleba	Área	Funções e condições
4 · Centro-norte	≈13 ha	Casas Vivas; acesso próprio.
5 · Leste	≈32 ha	Casas Vivas; preservar acesso ao memorial.
6 · Sudeste	≈7 ha	Experiências junto ao lago da pedreira.
Fora dos recortes	Sem área fixada	Matas e pedreira; Esmeralda fora de G1.

N pp. 15–16; Q p. 5; N pp. 13, 15, 19; Q pp. 23, 26, 29–30

Programa 01–05: origem e vila

O quadro preserva a numeração do Conceito e distingue patrimônio existente, praça descoberta e novas áreas de apoio.

ID	Uso	Área	Condição
01	Casa grande	Existente	Restauro; memória viva; sem programa novo.
02	Capela	Existente	Preservação, adro e apoio aos romeiros.
03	Praça da vila	≈ 780 m²	Descoberta; porta pública.
04	Restaurante	≈ 290 m²	Aberto ao público; terraço para a praça.
05	Cozinha e apoio	≈ 120 m²	Atrás do restaurante.

N pp. 18–19; Q p. 30

Programa: chegada e hospedagem

A hipótese espacial reúne trinta quartos e vinte módulos; acessos e vagas ainda dependem de dimensionamento operacional.

ID	Uso	Área	Condição
06	Estacionamento público	Não indicada	Acesso próprio, dentro da divisa.
07	Nova sede	≈ 690 m²	Recepção, estar e administração.
08	Chegada do hóspede	Não indicada	Desembarque e vagas de estadia.
17	Edifício de quartos	≈ 1.150 m²	Arco, galeria e varanda; 30 unidades.
15	Módulos de hospedagem	≈ 720 m²	20 módulos de 36 m², em nós do percurso.

N pp. 18–19; Q p. 30; N pp. 18–19

Programa: produção, formação e serviço

Cultivo, oficina e serviços possuem condições próprias; fábrica e piscina não podem ser dimensionadas apenas pela intenção de programa.

ID	Uso	Área	Condição
09	Agrofloresta e horta	≈ 0,6 ha	Abastecimento da cozinha; G1 ou G2.
10	Academia Nidum	≈ 200 m²	Ateliê, oficina e residências artísticas.
11	Fábrica de material	≈ 240 m²	Somente se a tipologia se justificar.
12	Acesso de serviço	Não indicada	Faixa de serviço, dentro da divisa.
13	Piscina natural	Não indicada	Destino do percurso; posição por partido.

N pp. 18–19; N pp. 18–19; N pp. 20–21

Programa: apoios e paisagem

Áreas de paisagem e água pertencem a categorias distintas da construção; sua implantação exige leitura hídrica e ecológica.

ID	Uso	Área	Condição
14	Apoio da piscina	≈ 100 m²	Vestiário e sauna.
18	Respiro	≈ 1,1 ha	Araucárias e mata replantadas.
20	Lâmina d’água	≈ 1.600 m²	Banhado no estrangulamento.
19	Pavilhão do respiro	≈ 100 m²	Sombra, água e apoio.

N pp. 18–19; N pp. 20–21; N pp. 18–19, 24

Programa: reserva, família e encontro

A reserva não assume prazo; casa familiar e Sede Nidum permanecem sem área definida no estudo de partido.

ID	Uso	Área	Condição
16	Reserva de expansão	Não indicada	Reserva sem compromisso de data.
23	Casa da família	A definir	Atrás da casa grande, junto à divisa.
24	Sede Nidum	A definir	Casa de encontro; lado leste da praça.

N pp. 18–19, 24

Pilares 1 a 4: programa e dependências

Os pilares se apoiam mutuamente, mas cada um precisa de operação e recursos próprios compatíveis com o conjunto.

Pilar	Base	Dependência
1 · Hotel	Hospedagem e restaurante aberto	Operação; expansão G3.
2 · Experiência territorial	História, capela, cavalo e roteiros	Acessos, manejo e parceiros.
3 · Unidades Produtivas	Horta, agrofloresta; eventual material	Água, equipe e pertinência.
4 · Academia	Canteiro, ateliê, oficina e residências	Formadores, recursos e vínculos.

N pp. 12–14; Q pp. 20, 29

Pilares finais e complementos operacionais

Nidum Mundo conecta hotel e Casas Vivas; não constitui pilar adicional, nova gleba ou área própria a dimensionar.

Elemento	Base	Localização indicada
5 · Wellness	Piscina, sauna e respiro	G1; possível G3.
6 · Regeneração	Nativas, campo e biodiversidade	Matas, respiro e G2.
7 · Casas Vivas	Primeira ou segunda moradia	G4 e G5.
Complemento · Esmeralda	Equipe; sem venda	Fora de G1.
Complemento · Sede Nidum	Encontro; Palaver Tree	G1, leste da praça.

N pp. 13–14; Q p. 29

Quatro partidos: identificação e base de comparação

O quadro identifica alternativas; a fonte não registra escolha concluída nem novo levantamento de implantação apresentado por Q.

Partido	Nome	Critério comum
A	Verticilos	Raiz, arco de quartos e respiro.
B	Copa	Raiz, arco de quartos e respiro.
C	Bifurcação	Raiz, arco de quartos e respiro.
D	Pinhal	Raiz, arco de quartos e respiro.

N pp. 18, 20–21, 24; Q p. 30

Matriz de integridade: história

Conservação e narrativa precisam reconhecer a formação histórica; os valores orientam consequências de projeto sem produzir uma nota numérica.

Critério	Leitura de origem	Consequência de projeto
Beleza	Casa de taipa e capela têm valor a reconhecer.	Laudos e conservação antes da intervenção.
Bondade	Função religiosa e violência produzem leituras distintas.	Permitir coexistência de perspectivas.
Justiça	Escravização e deslocamento integram a formação do patrimônio.	Reconhecer os grupos afetados na curadoria.
Verdade	Nome e narrativa não podem omitir a origem.	Distinguir documento, memória e hipótese.

I pp. 3–4, 6–8; N p. 8; Q pp. 6, 26–27

Matriz de integridade: memória e cultura viva

A devoção antecede o empreendimento; continuidade do uso e participação orientam a conservação e os novos acessos.

Critério	Leitura de origem	Consequência de projeto
Beleza	Capela e imagem concentram valor afetivo.	Preservar bem material e uso vivo.
Bondade	Romeiros vivenciam o lugar sem decidir sobre o ativo.	Criar participação nas decisões que os afetam.
Justiça	Novo controle redistribui o acesso gratuito.	Garantir percurso direto e independente.
Verdade	A continuidade devocional antecede a oferta comercial.	Evitar apropriação como diferencial do hotel.

I pp. 4, 6; N pp. 6–8; Q pp. 22, 26–27

Matriz de integridade: território

Limites, ecossistemas e relações geográficas precisam de evidência local antes de orientar valoração, implantação ou comunicação.

Critério	Leitura de origem	Consequência de projeto
Beleza	Campo nativo e posição de pouso explicam a fazenda.	Implantação responde ao lugar.
Bondade	Ecossistemas regionais sofrem pressão e invasoras.	Diagnóstico e manejo próprios do perímetro.
Justiça	Perímetros e categorias de área divergem.	Conciliar antes de valorar e comprometer.
Verdade	Guartelá é vínculo regional, sem divisa com o ativo.	Roteiros por parceria; sem falsa adjacência.

I pp. 5–7; N pp. 15, 20; Q p. 5

Matriz de integridade: benefícios para Tibagi

O benefício territorial depende de distribuição efetiva e medida; ampliar visitação, isoladamente, não comprova permanência ou renda.

Critério	Leitura de origem	Consequência de projeto
Beleza	Programa precisa ser proporcional ao tecido local.	Comparar capacidade, densidade e serviços.
Bondade	Festas e visitas locais são vida comunitária.	Atender moradores além de hóspedes.
Justiça	Parque, caminhos e peregrinação geram fluxos comuns.	Explicitar acesso e distribuição de benefícios.
Verdade	Multiplicadores e efeitos de renda são hipóteses.	Medir emprego, compras e permanência.

I pp. 5–8; Q pp. 22, 30

Calendário de referência: janeiro a abril

Datas e estações são registros dos anexos, não agenda confirmada; eventos, ciclos e capacidade precisam de validação anual.

Mês	Referências	Condição
Janeiro	Verão, água, noite clara; Uva em Ponta Grossa	Uva entre janeiro e fevereiro.
Fevereiro	Carnaval de Tibagi; Uva; férias	Carnaval tem data variável.
Março	Outono; Expo Telêmaco; Florestas 21/03; equinócio	Confirmar datas anuais.
Abril	Pinhão, cozinha e natureza	Safra indicada até julho; validar manejo.
Móveis	Divino; Páscoa de Prudentópolis	Calendários a levantar.

N pp. 9–11; A p. 8; D p. 12

Calendário de referência: maio a agosto

Pinhão, inverno e devoção articulam usos distintos; a festa religiosa conserva autonomia e suas datas precisam de confirmação.

Mês	Referências	Condição
Maio	Outono; campo dourado; pinhão	Oferta real e produtores.
Junho	Geada; névoa; fogo; juninas; 05/06; 21/06	Meio Ambiente; solstício citado.
Julho	Pinhão; Santa Pastorina 26/07; Colheita 31/07	Datas relatadas por I.
Agosto	Bom Jesus 06/08; Colheita até 02/08	N: agosto; I: julho/agosto.
Sem mês	ExpoLeite Arapoti; Pinhão Lages	Datas não fornecidas.

N pp. 9–11; I p. 4; A p. 8; D p. 12

Calendário de referência: setembro a dezembro

Outubro e novembro permanecem pesquisa em N; sugestões posteriores não comprovam agenda, parceiros ou consentimento para novos eventos.

Mês	Referências	Condição
Setembro	Brotação; Tropeiros; Farroupilha; 22/09; 27/09; equinócio	Semana tropeira/passaporte: proposta set/2027.
Outubro	Alimentação 16/10; Mesa dos Campos Gerais	Q propõe 16/10/2027.
Novembro	Brotação; lida; Consciência Negra 20/11	Depende de escuta descendente.
Dezembro	Verão; Münchenfest; Paraná 19/12; Congada/Lapa	Conferir calendário anual.

N pp. 9–11; A p. 8; D p. 12; Q pp. 26, 30

Conexões próximas: referências de acesso

Estimativas partem aproximadamente da fazenda; distância, tempo, acesso e operação precisam ser conferidos antes de oferecer roteiros.

Destino	Tempo/distância citados	Condição
Tibagi / Museu Histórico	A:31 min/28 km; Q:≈27 km	História e interlocução local.
Puxa Nervos / Santa Rosa	A:46 min/38 km	Confirmar acesso e operação.
Rio Tibagi	A:≈40 min; km ausentes	Rafting com operadores.
Itáytyba	A/Q:≈2 km; tempo ausente	Parceria não demonstrada.
Rupestres fora do parque	A:acesso a definir	GUPE; autorização patrimonial.

A pp. 6, 9–10 e figura p. 9; Q p. 5

Conexões regionais: paisagem, produção e cultura

Os deslocamentos da figura de A são referências datadas; cada destino possui operação própria e relações a pactuar.

Destino	Tempo / distância em A	Conexão proposta
Parque Ecológico Klabin	1h18 / 73 km	Monte Alegre; visita agendada.
Castrolanda / Castro	1h36 / 91 km	Moinho, museu e laticínios.
Ortigueira	1h43 / 104 km	Tropeiros e comitivas.
Ponta Grossa	1h51 / 116 km	Cidade emissora.
Parque Histórico de Carambeí	1h54 / 96 km	Interpretação histórica.

A pp. 9–10 e figura p. 9; Q p. 5 para Castro e Ponta Grossa

Conexões ampliadas e cidades emissoras

Trajetos longos orientam seleção e duração da visita; não constituem passeio diário obrigatório nem tempo garantido de viagem.

Destino	Tempo / distância	Leitura
Vila Velha	A:2h07 / 139 km	Possível parada no circuito.
Buraco do Padre	A:≈2h; km ausentes	Não usar os 139 km.
Palmeira	A:2h37 / 161 km	Poronguinho e tropeirismo.
Londrina	A:3h08 / 208 km	Texto arredonda ≈3h.
Curitiba	A:3h41/232 km; Q:231 km	Q estima 3h–3h40.

A pp. 7, 9–10 e figura p. 9; Q pp. 5, 22

Guartelá e redes além do perímetro

Distância radial, rodoviária e rede cultural são naturezas distintas; nenhuma comprova divisa, parceria, vista ou acesso autorizado.

Destino/rede	Referência	Limite
Guartelá	A:52 min/48 km; Q:47 km estrada/22 km radial	I:≈20–25 km radial.
Telêmaco Borba	Q:63 km; tempo ausente	Distinto do Parque Klabin.
Lapa	Medição ausente	Tropeirismo e Congada.
Prudentópolis	Medição ausente	Páscoa e cultura ucraniana.
Rota dos Tropeiros	51 municípios; 4 estados; 10.400 km	Cicloturismo mapeado; não rota local.

A pp. 7, 9–10, 15; D pp. 8, 11–12; N pp. 10–11; I p. 5; Q p. 5

Critérios ambientais e limites de visitação

Não existe capacidade numérica de visitação fixada para a fazenda; cada atividade exige suporte, acesso e operação verificados.

Frente	Critério	Verificação
Campo e mata	Ecossistemas distintos	Inventário, invasoras e manejo.
Água e percurso	Nascentes, drenagens, banhados e relevo	Condições hídricas e geotécnicas.
Guartelá / arqueologia	I cita limite diário e guia	Confirmar regras; Lapa Ponciano indicada aberta.
Acessos	Público, visitante, hóspede, morador e natureza	Capacidade sem bloquear romaria.
Caminhos	Pé, bicicleta e cavalo	Traçado, acordos e segurança.

I p. 5; N pp. 13–17, 20–21; A pp. 9–10, 13; D pp. 11–13; Q pp. 22, 25–27

Pendências específicas: registro para decisão

As referências permanecem identificadas para recuperação documental; nenhuma deve ser preenchida por inferência ou tratada como aprovação.

Frente	Item citado	Tratamento
Princípios	Treze princípios, P9 e pisos locais	Conciliar com doze de Q.
Estrutura	Sociedade, fôlego e 120%	Recuperar Método §15.
História	Construtor, data, incêndio; morte de José Félix	Vincular documentos e relatos.
Parentesco	Argemiro Camargo Ribas × Sérgio Luiz Cotrim Ribas	Conferir vínculo.
Interfaces	Tabela 02 do EIA p.19; lindeiros PCH	Consultar peças completas.

N pp. 18, 24; Q pp. 29–30

População e economia de Tibagi

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Registro	Valor e recorte citado	Ressalva técnica
População de Tibagi	I: cerca de 20,6 mil; Q: 19.961 habitantes no Censo 2022; base histórica citada de cerca de 22,8 mil.	Períodos e bases devem ser conciliados antes de comparar variações. Q cita queda de 12,3% em 30 anos.
Economia municipal	I: PIB ~R$ 1,4 bilhão; agropecuária 58,1% do VA; PIB per capita R$ 69,6 mil.	Ano não explicitado nesse quadro. Não confundir produto por habitante com renda familiar.
Atualização de PIB per capita	D: R$ 72,6 mil em 2023; I compara com R$ 47,4 mil estaduais.	Não juntar bases temporais distintas; preservar ano de cada série.

I p. 5; D p. 7; Q p. 19.

Produção e diversidade regional

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Registro	Valor e recorte citado	Ressalva técnica
Produção no Vale do Tibagi	2024: soja 57,2%; milho 11,8%; trigo 7,57% na fonte citada por I.	Recorte regional, não produção da Fazenda Fortaleza.
Vegetação e fauna regionais	439 táxons em 56 famílias; lobo-guará, tamanduá-bandeira, veado-campeiro, seriema e curicaca.	Não são inventários do imóvel. Confirmar ocorrência e condições locais.
Povos indígenas no vale	I: cerca de 3.500 pessoas em Apucaraninha, São Jerônimo, Barão de Antonina, Mococa e Queimadas.	Referência regional relatada; não substitui identificação atual de interlocutores.

I pp. 4–5; D p. 13.

Visitação aos atrativos regionais

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Registro	Número nos anexos	Uso e limite
Guartelá	24.583 visitantes em 2025; I arredonda ~25 mil e cita +8,6%.	Fluxo do parque, não clientes comprovados da fazenda.
Vila Velha	68.026 visitantes de 52 países em 2025.	Escala e diversidade regional; requer ponte comercial e deslocamento.
Carambeí	141 mil visitantes em 2022.	Ano distinto dos demais fluxos; sem soma anual homogênea.

A pp. 2, 6–7, 9, 12, 14–15; D p. 7; I p. 5. Números preservados como registros dos anexos.

Eventos e consumo no território

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Registro	Número nos anexos	Uso e limite
Agroleite	163 mil visitantes em quatro dias; R$ 969 milhões em negócios em 2025.	Evento setorial e volume comercial; não receita turística ou hospedagem.
Carnaval de Tibagi e Santinha	35 mil pessoas na tenda principal em 2026; Santinha ~10 mil por edição.	Contagem de espaço/evento pode incluir repetição; calendário a confirmar.
Atendimentos e consumo local	2025: +171% no CAT; +429% vendas de artesanato; +217% visitantes tibagianos na fonte I.	Métricas e bases diferentes. Não traduzir os percentuais em crescimento de pernoites.

A pp. 2, 6–7, 9, 12, 14–15; D p. 7; I p. 5. Números preservados como registros dos anexos.

Atrativos e referências de concessão

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Registro	Número nos anexos	Uso e limite
Outros registros de divulgação	Mais de 40 atrativos; >717 mil estrangeiros no Paraná até set/2026; duas licitações desertas do Guartelá.	Exigência de investimento reduzida de R$ 11,7 mi para R$ 4,8 mi. A/D citam horizonte de 30 anos, a conferir nos editais.

A pp. 2, 6–7, 9, 12, 14–15; D p. 7; I p. 5. Números preservados como registros dos anexos.

Pesquisas e perfis de demanda

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Base citada	Conteúdo preservado	Tratamento no estudo
Pesquisa +Viagem 2024	Descanso 26,2%; produto local 21,5%; autenticidade 21,2%; amostra de 121, majoritariamente 55+.	Motivações exploratórias; não generalizar para compradores da Fortaleza.
Diagnóstico rural SETU 2025	Natureza 68%; amigos/família 52,2%; redes próprias 51,2%; famílias 81,5%.	Métricas de natureza diferente e respostas possivelmente não exclusivas.
Perfil rural e estabelecimentos	39–69 anos, maior presença 51–69; renda familiar de 4–6 salários mínimos; 49% recebem escolas esporadicamente; 78,2% fora de plataformas.	Perfil geral e práticas de propriedades; não amostra local de demanda.

I pp. 6–7; A pp. 4–5, 7, 11, 14; D p. 18.

Hipóteses econômicas anteriores

Referências históricas do dossiê. Escala, período e natureza do indicador permanecem vinculados à fonte.

Base citada	Conteúdo preservado	Tratamento no estudo
Tese mercadológica anterior	CAPEX R$ 140 mi; 96 meses; TIR 19,6%; VPL R$ 62,6 mi; score 8,20; multiplicador 2,4×.	Valores citados criticamente por I; não são resultado deste estudo ou premissa vigente.
Preço de hospedagem	I: ticket local R$ 250–500; tese antiga R$ 800–2.500. A menciona diária >R$ 1.000 para modelo analisado.	Bases de produto e custo não anexadas; nenhuma diária recomendada aqui.
Viabilidade v2 citada por A e D	Os autores relatam insuficiência da hospedagem isolada e necessidade de revisar escala e receitas.	Planilha e relatório não fornecidos. Conclusão relatada, sem auditoria independente.

I pp. 6–7; A pp. 4–5, 7, 11, 14; D p. 18.

17

Fontes e memória do estudo

Documentos, registros e hipóteses mantêm autoria, contexto e condições de leitura.



B p. 142

Base documental do estudo

Sete obras de referência compõem a base ampliada: 291 páginas de fontes originais, além desta apresentação e do caderno de apoio.

Código	Documento	Versão
B	Book Fazenda Fortaleza	06/10/2026 · 175 p.
I	Leitura Aplicada de Integridade	31/07/2026 · 9 p.
N	Conceito Norteador	30/10/2026 · 26 p.

Análise e consolidação conceitual

Sete obras de referência compõem a base ampliada: 291 páginas de fontes originais, além desta apresentação e do caderno de apoio.

Código	Documento	Versão
A	Análise Conceitual DASHCITY	05/11/2026 · 15 p.
D	Defesa de Conceito DASHCITY	06/11/2026 · 19 p.
Q	Dossiê de Vocação Territorial	06/11/2026 · 32 p.
V	Vocações Fora da Caixa	06/11/2026 · 15 p.

Inventário dos anexos. Referências de página correspondem aos PDFs originais.; V pp. 1–15.

Registro, memória e interpretação

Cada afirmação conserva sua natureza para que a equipe possa decidir com precisão.

Registro e memória

Autoria, data, contexto e fonte acompanham os relatos. A idade da devoção difere da idade da construção atual.

Interpretação

A leitura conceitual aproxima registros e propõe sentidos. A lenda do tesouro e a elaboração literária permanecem identificadas.

Hipóteses e decisões

Dimensões, preços e novos usos continuam associados às condições que permitiriam confirmá-los.

Hipóteses de projeto

Pilotos, levantamentos e modelagem precisam demonstrar aderência ao ativo.

Decisão formal

A referência a uma parceria, reconhecimento ou solicitação ao Comitê não prova sua aprovação.

I pp. 2–8; N pp. 2, 17–25; Q pp. 1–3, 22–30.

O repertório visual do book



Capa e mosaico triangular. B p. 1.

Natureza, trabalho, culturas e casa compõem o mosaico que orienta a linguagem desta apresentação.

B p. 1.

O que foi confirmado e o que segue aberto

As verificações qualificam o novo estudo e mantêm as diferenças de escala e data.

Confirmado com escopo

Fortalezas Slow Food; IUCN global e lista brasileira; lei catarinense do Campeiro; transumância; rede de memória; precedentes de cozinha e hospedagem DarkSky.

Sem confirmação local

Céu escuro, capacidade de manejo, implantação, demanda, parcerias e correspondência entre lago, pedreira e gleba.

Fora da narrativa factual

722 animais em 2022, primazia nacional, procura garantida e cifras internacionais usadas como previsão da Fazenda.

V pp. 2–15; auditoria de fontes externas da R04.

Fontes externas da ampliação

Endereços de consulta para as qualificações da R04. A referência externa não confirma condição local ou parceria.

SF1 · Slow Food Presidia Guidelines

Slow Food · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

SF2 · Fortaleza do Pinhão da Serra Catarinense

Slow Food Brasil · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

IU1 · Araucaria angustifolia — The IUCN Red List of Threatened Species

IUCN; Thomas, P. · 2013 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

BR1 · Portaria MMA nº148, de7 de junho de2022

Ministério do Meio Ambiente / Diário Oficial da União · 2022-06-08 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

Fontes externas da ampliação · 2

Endereços de consulta para as qualificações da R04. A referência externa não confirma condição local ou parceria.

CN1 · Araucaria angustifolia — avaliação de risco

CNCFlora/Jardim Botânico do Rio de Janeiro · 2012 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

NG1 · Frequently Asked Questions — Svalbard Global Seed Vault

NordGen · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

EM1 · Araucaria angustifolia: métodos para coleta de sementes, pólen, câmbio e baguetas para estudos científicos

Embrapa Florestas · 2025 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

EM2 · Sensibilidade de embriões do pinheiro-brasileiro (Araucaria angustifolia) à desidratação e baixa temperatura

Pesquisa Florestal Brasileira/Embrapa; Medeiros, Walters e Hill · 2004 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

Fontes externas da ampliação · 3

Endereços de consulta para as qualificações da R04. A referência externa não confirma condição local ou parceria.

EC1 · A conservation assessment of Brazil's iconic and threatened Araucaria Forest-Campos mosaic

Wilson, O.J.; Mayle, F.E. / Biological Conservation / University of York · 2024-07-01 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

EM3 · Conservação de raças brasileiras ameaçadas de extinção e a importância de sua inserção em sistemas de produção

Mariante et al.; Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia / Agrociencia · 2005 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

EM4 · Biodiversidad de los Équidos Iberoamericanos — seção Cavalo Campeiro

Repositório Embrapa / autores do capítulo · 2025 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

FA1 · Data export — Domestic Animal Diversity Information System (DAD-IS)

FAO · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

Fontes externas da ampliação · 4

Endereços de consulta para as qualificações da R04. A referência externa não confirma condição local ou parceria.

LE1 · Lei nº19.697, de21 de janeiro de2026

Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina · 2026-01-21 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

UN1 · Decision of the Intergovernmental Committee:18.COM8.B.14

UNESCO · 2023 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

UN2 · La trashumancia, el desplazamiento estacional de rebaños

Ministerio de Cultura, Gobierno de España · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

SC1 · Our Work

International Coalition of Sites of Conscience · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

Fontes externas da ampliação · 5

Endereços de consulta para as qualificações da R04. A referência externa não confirma condição local ou parceria.

SC2 · Brazilian Network of Researchers of Sites of Memory and Conscience (Brazil)

International Coalition of Sites of Conscience · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

FV1 · The Mind of a Chef: Fäviken — Season3, Episode16

PBS / The Mind of a Chef · 2014-02-18 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

FV2 · Fäviken:4015 Days—Beginning to End, de Magnus Nilsson

Phaidon, editora do relato do chef · 2020 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

DK1 · Pousada Verbicaro becomes the first DarkSky Approved Lodging in Rio de Janeiro State, Brazil

DarkSky International · 2025-03-04 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

Fontes externas da ampliação · 6

Endereços de consulta para as qualificações da R04. A referência externa não confirma condição local ou parceria.

DK2 · DarkSky Approved Lodging guidelines

DarkSky International · 2023-12-07 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

NA1 · Philosophy — Benesse Art Site Naoshima

Benesse Art Site Naoshima · sem data de publicação indicada · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

NA2 · Estatísticas turísticas de Naoshima — série 1990–2024 (título traduzido)

Naoshima Town Tourism Association · 2025-02 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

TR1 · Rastreabilidade e indicação geográfica vão impulsionar cadeia produtiva do pinhão

Embrapa · 2024-06-25 · consulta em 06/11/2026

Abrir fonte oficial

18

Vocação e continuidade

A contribuição territorial depende de relações que consigam permanecer.

B p. 125



O que a vocação precisa produzir

A proposta ganha consistência quando suas relações deixam evidências na vida do lugar.

Permanência

Visitas recorrentes, trabalho com continuidade e condições de morar.

Reciprocidade

Compras locais, saberes remunerados e parceiros com benefícios demonstráveis.

Cuidado

Patrimônio utilizado com conservação e ambientes acompanhados desde a linha de base.

Diagrama conceitual, sem escala. Diretriz de desenvolvimento baseada em N, D e Q.



Um programa ligado ao lugar

O estudo oferece uma base para desenvolver o projeto, testar alternativas e tomar decisões com continuidade.

Próximo compromisso

Transformar a vocação em usos que respeitem o território e consigam se sustentar no tempo.